

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA**

CAÍQUE DE PAULA DIAS

**ENTRE O MITO E A REALIDADE: AS IMAGENS DA AÇÃO BANDEIRANTE
PARA A EXPANSÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS VEICULADAS NOS LIVROS
DIDÁTICOS**

ALFENAS/MG

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA

CAÍQUE DE PAULA DIAS

**ENTRE O MITO E A REALIDADE: AS IMAGENS DA AÇÃO BANDEIRANTE
PARA A EXPANSÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS VEICULADAS NOS LIVROS
DIDÁTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Orientador: Prof. Dr. Alisson Eugênio.

Coorientador: Dr. Luiz Eduardo da Silva.

ALFENAS/MG

2024

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Dias, Caíque de Paula .

Entre o mito e a realidade: as imagens da ação bandeirante para a expansão do império português veiculadas nos livros didáticos / Caíque de Paula Dias. - Alfenas, MG, 2024.

115 f. : il. -

Orientador(a): Alisson Eugênio.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Expansão. 2. Império português. 3. Livro didático. 4. Bandeirantes. I. Eugênio, Alisson, orient. II. Título.

ENTRE O MITO E A REALIDADE: AS IMAGENS DA AÇÃO BANDEIRANTE PARA A EXPANSÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS VEICULADAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

O Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovado em: 22 de novembro de 2024.

Prof. Dr. Alisson Eugênio

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Luiz Eduardo da Silva

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Eliazar João da Silva

Instituição: Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB-BA)



Documento assinado eletronicamente por **Alisson Eugênio, Professor do Magistério Superior**, em 03/12/2024, às 09:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1384169** e o código CRC **1D3E4725**.

Agradeço a Deus, à minha mãe Andréia e ao meu pai Mário. Com muito amor.

AGRADECIMENTOS

Deus, pela saúde e disposição em dar forças para eu seguir nos estudos. Acredito que ele é o senhor do universo. Universidade Federal de Alfenas e o Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, em abrir as portas para que eu possa ter estudado e conhecido pessoas que me ajudaram. Alisson como orientador; ao professor Luiz e ao professor Mário. Secretaria de Educação de Tocos do Moji; desde o secretário, passando pelos professores até aos auxiliares que atuam nas escolas que leciono. Professores e aos colegas que conheci durante as aulas do Mestrado. Meus amigos e amigas que de alguma forma ajudaram no estudo, em especial Lucas e Giovane. As pessoas mais importantes da minha vida, que são meus pais, Andréia e Mário, expresso aqui meu enorme carinho, porque sem eles não seria o que sou hoje; muito obrigado pelo amor. A Jacqueline por estar ao meu lado. Sou oriundo de escola pública e sei das dificuldades e provações que meus pares têm em seguir nos estudos e mantendo-se financeiramente na sociedade em que vivemos. Presto minha homenagem aos profissionais que me ajudaram a construir o caminho na graduação e pós-graduação, em especial os ex-professores na Universidade do Vale do Sapucaí, Alexandre e Juliano.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Vou me esquecer de mim e você, se puder, não me esqueça.” (Skank, 2003)

RESUMO

Neste trabalho analisamos as formas de interiorização representadas nos livros didáticos do império português na América, já que o Brasil atualmente apresenta dados geográficos de suas dimensões sendo resultado das ações dos colonos portugueses, além do tratado de Tordesilhas, durante o período colonial. A busca e o diálogo com os livros didáticos são em um período de 20 anos, a partir do ano de 2002, com base nas edições distribuídas nas escolas públicas, seguindo o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Esses documentos são encontrados nas repartições públicas, como escolas e bibliotecas, estando de livre acesso para os leitores, especialmente alunos do ensino público. Focamos em utilizar livros didáticos que compactuam com a proposta de pesquisa; na matéria da expansão do império português, em especial nas terras americanas. Resultando de um levantamento de mais de 10 obras, focamos em analisar os trechos que trazem essa expansão, em especial a participação dos bandeirantes, cujo tema foi central na escrita. Houve um diálogo com as respectivas obras didáticas, dando foco no conteúdo que está relacionado diretamente com a expansão portuguesa na América. O trabalho vem presente com o Objeto de Aprendizado (OA), cujo objetivo é ensinar uma maneira variada de ensinar o conteúdo sobre a expansão do império português na América para professores do Ensino Fundamental II.

Palavras chave: expansão; império português; livro didático; bandeirantes.

RESUMEN

En este trabajo analizamos las formas de interiorización representadas en los libros de texto del imperio portugués en América, ya que actualmente Brasil presenta datos geográficos sobre sus dimensiones como resultado del accionar de los colonos portugueses, además del Tratado de Tordesillas, durante el período colonial. La búsqueda y el diálogo con los libros de texto abarcó un período de 20 años, a partir de 2002, a partir de ediciones distribuidas en las escuelas públicas, siguiendo el Programa Nacional de Libros de Texto (PNLD). Estos documentos se encuentran en oficinas públicas, como escuelas y bibliotecas, y son de libre acceso para los lectores, especialmente los estudiantes de la educación pública. Nos enfocamos en utilizar libros de texto que concuerden con la propuesta de investigación; en materia de expansión del imperio portugués, especialmente en tierras americanas. Como resultado de un estudio de más de 10 obras, nos concentramos en analizar los fragmentos que traen esta expansión, en particular la participación de los bandeirantes, cuyo tema fue central en la escritura. Hubo un diálogo con las respectivas obras didácticas, centrándose en contenidos directamente relacionados con la expansión portuguesa en América. El trabajo viene acompañado del Objeto de Aprendizaje (OA), cuyo objetivo es enseñar una forma variada de enseñar contenidos sobre la expansión del imperio portugués en América a profesores de Educación Primaria II.

Palabras clave: expansión; imperio português; libro de texto; bandeirantes.

ABSTRACT

In this work we analyze the forms of interiorization represented in textbooks of the Portuguese empire in America, since Brazil currently presents geographic data on its dimensions as a result of the actions of Portuguese settlers, in addition to the Treaty of Tordesillas, during the colonial period. The search for and dialogue with textbooks spanned a period of 20 years, starting in 2002, based on editions distributed in public schools, following the National Textbook Program (PNLD). These documents are found in public offices, such as schools and libraries, and are freely accessible to readers, especially public education students. We focus on using textbooks that agree with the research proposal; in the matter of the expansion of the Portuguese empire, especially in American lands. Resulting from a survey of more than 10 works, we focused on analyzing the excerpts that bring this expansion, in particular the participation of the bandeirantes, whose theme was central in the writing. There was a dialogue with the respective didactic works, focusing on content that is directly related to Portuguese expansion in America. The work comes with the Learning Object (LO), whose objective is to teach a varied way of teaching content about the expansion of the Portuguese empire in America to Elementary School II teachers.

Keywords: expansion; portuguese empire; textbook; bandeirantes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas.
BNCC	Base Nacional Comum Curricular.
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
MEC	Ministério da Educação.
OA.	Objeto de Aprendizagem.
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático.
PPGHI	Programa de Pós-Graduação em História Ibérica.
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O BANDEIRANTISMO.....	21
3	PRESENTES NO COTIDIANO	30
4	PROCEDIMENTOS	34
4.1	OBRAS.....	36
4.1.2	Oficina de História – História Integrada.....	38
4.1.3	História por Eixos Temáticos	39
4.1.4	Projeto História, Sociedade e Cidadania.....	40
4.1.5	Projeto Araribá.....	41
4.1.6	Vontade de saber História	43
4.1.7	História, Sociedade e Cidadania.....	44
4.1.8	Radix: raiz do conhecimento	46
4.1.9	Vontade de Saber.....	47
4.1.10	História, Sociedade e Cidadania.....	48
4.1.11	História.doc	49
4.1.12	Projeto Mosaico	50
4.1.13	Inspire História.....	51
4.1.14	História, Escola e Democracia.....	53
4.1.15	Conclusões	53
5	PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZADO	56
5.1	APRESENTAÇÃO.....	56
5.2	CONDUÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM	61
5.3	DESENVOLVIMENTO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	76
5.3.1	Sobre o Projeto de Aprendizagem	77
5.3.2	Introdução	78
5.3.3	Desenvolvimento	79
5.3.4	Atividade 1.....	79
5.3.5	Atividade 2.....	82
5.3.6	Atividade 3.....	83
5.3.7	Atividade 4.....	84
5.3.8	Atividade 5.....	85
5.3.9	Atividade 6.....	86
5.3.10	Atividade 7.....	88

5.3.11	Atividade 8.....	90
5.3.12	Considerações finais	92
5.3.13	Panorama – atividade 1.....	92
5.3.14	Panorama – atividade 2.....	92
5.3.15	Panorama – atividade 3.....	93
5.3.16	Panorama – atividade 4.....	93
5.3.17	Panorama – atividade 5.....	94
5.3.18	Panorama – atividade 6.....	94
5.3.19	Panorama – atividade 7.....	94
6	CONCLUSÃO.....	94
	REFERÊNCIAS.....	97
	APÊNDICE	103

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto propõe estudar as imagens da interiorização do império português reforçado na ação dos bandeirantes durante o período colonial que são veiculadas nos livros didáticos.

Tivemos como intuito trazer ao leitor obras que foram distribuídas gratuitamente aos estudantes da rede pública de educação no país. Os livros didáticos foram escolhidos em escala que as escolas receberam de acordo com o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Conseguimos ao todo listar as que são facilmente encontradas em escolas ou em sebos, já que o PNLD tem validade em suas edições, usualmente de 4 anos.

Foram 13 edições que utilizamos na dissertação, analisamos e entendemos a perspectiva da expansão do império português é representada nos livros didáticos. Os estudantes do ensino Fundamental II são os que têm acesso às obras que analisamos, porque é encontrada na matéria de História colonial.

Essas obras são notoriamente avaliadas por agentes que estão vinculados diretamente ao governo, sendo responsáveis em determinar se serão plausíveis e atendem à demanda das escolas públicas. O Ministério da Educação e Cultura (MEC), disponibiliza editais que são específicos para as editoras, cujo as publicações futuramente serão distribuídas nas escolas, encaixando-se com tópicos estabelecidos pelos órgãos governamentais. Dentro desse contexto, as obras analisadas por nós na dissertação, são as que os estudantes têm acesso. Em nenhum caso, elas estavam fora das bibliotecas das escolas públicas.

Trazemos uma análise dos nomes que estavam responsáveis em criar os conteúdos dos livros didáticos, sendo essencial em nosso olhar que estejam presentes na dissertação. As editoras fornecem nas obras, informações desses sujeitos, sendo responsáveis em elaborar, escrever, editar e finalizar as obras. Levamos em consideração que essa escolha é privada de cada editora e que a mesma fica livre em escolher da melhor forma seus colaboradores.

Nós tivemos o cuidado de citar os autores para deixar explícito que nossa escrita foi de boa fé. Em momento algum, tivemos o intuito de mascarar os agentes envolvidos na elaboração dos livros didáticos. Ressaltamos que os nomes citados são os que aparecem disponibilizados pela editora responsável em criar o conteúdo.

Para trazer aqui os responsáveis nos livros didáticos, tivemos a preocupação de fazer uma escrita que atendesse algumas perguntas que os professores de escola pública têm sobre o material que é trabalhado em sala de aula.

As obras escolhidas por nós e que a frente citamos e analisamos, são as mesmas que são distribuídas em escolas públicas. Obtivemos os livros de forma gratuita (“emprestada”) com data específica de devolução. Comprar todas as edições que analisamos ficaria inviável porque muitas delas estão fora de produção das editoras, assim encarecendo seus valores no mercado. Podemos trazer aqui uma informação de contexto que o comércio de livros didáticos movimentava milhões de reais anualmente.

Vale lembrar que alguns exemplares das obras são mantidos em acervos das escolas públicas para questões de estudo e formulação de aulas pelos professores que ministram aulas nas respectivas instituições. Há a facilidade em encontrar e ter acesso a uma gama de livros didáticos nas bibliotecas das escolas públicas.

Para o professor, é importante construir uma relação intensa com o livro didático, já que corriqueiramente é a forma mais agradável de trabalhar em sala de aula o conteúdo com os estudantes. Normalmente a escola pública atende as mais variadas classes sociais e os estudantes, majoritariamente encontram nesses livros um caminho para entender a História nacional e como ela é encontrada nos dias atuais. Assim o professor se vê submetido quase que obrigatoriamente utilizar os livros didáticos para ensinar seu conteúdo programático em sala de aula.

Aproveitando para reforçar nosso olhar sobre a percepção que nós temos, e muitos pares da profissão também apresentam, esse conteúdo impresso é essencial para conduzir de forma eficaz que os estudantes tenham um ensino que atenda o mínimo possível de aprendizado. Ser professor é saber utilizar das “armas” no seu alcance para executar de maneira justa seu intuito.

Nesse caminho, fizemos o levantamento das obras disponibilizadas nas escolas públicas, especialmente no Estado de Minas Gerais, que é palco das instituições que tivemos acesso livre para coletar as obras. Seguimos as recomendações de todos estabelecimentos e os responsáveis das escolas que encontramos os livros didáticos foram aprazíveis e respeitosos com nossas perguntas e questionamentos.

Ao total, foram 13 obras que tivemos acesso e chegamos à conclusão que seriam importantes para nossa pesquisa, já que elas trazem a expansão do império português na América para os estudantes. Tivemos a facilidade em encontrar as edições nas escolas públicas, aumentando o grau de pesquisa, já que essas repartições muitas vezes são abertas à comunidade. Com a autorização concedida pelos agentes responsáveis, pudemos ter acesso livre para explorar mais a fundo os textos escritos.

Rapidamente, podemos dizer que as 13 obras são do período de 20 anos, significativamente marca a entrada do governo do Partido dos Trabalhadores e sua saída. Esses

livros favorecem a percepção que temos sobre as obras que foram distribuídas para as escolas públicas. Das edições, conseguimos transcrever algumas características nesta dissertação.

Evidentemente focamos em trechos que estavam se referindo às questões envolvendo a expansão do império português na América e dos bandeirantes. Nos textos que tivemos acesso, dentro das obras referidas aqui, os livros são fontes primárias que tivemos acesso, graças aos acervos que as escolas públicas têm.

Vale ressaltar que nos livros didáticos, conseguimos perceber fortes concepções e visões de mundo ou época dos autores responsáveis em escrever os textos que irão para os alunos. Para nós, o livro pode ser um campo de disputa entre discursos que são moldados com base no pensamento de autores que estão interessados em apresentar suas concepções de história. “Habituada a estabelecer hierarquias e a construir coletivos (categorias socioprofissionais, classes, grupos), a história das sociedades estabeleceu novos objetos para si, estudados em pequena escala” (Chartier, 2002, p. 84). Para poder citar as mais de 10 obras, conseguimos moldar que os autores têm suas intuições e ideias já estabelecidas em suas escritas. Para isso temos a necessidade de dialogar com esses pensamentos para construir nossa percepção.

Nossa percepção dos livros didáticos foi construída a partir de edições distribuídas nas escolas públicas e elas são responsáveis em esboçar um contorno que achamos ser importante para nossa pesquisa. “Há condições espaciais naturais que, por sua disponibilidade técnica, econômica ou política, devem ser levadas em conta como condições de possibilidade da ação.” (Koselleck, 2014, p. 80). Poderíamos citar outras obras que trabalham com a expansão do império português na América, porém, ficou entendido que as obras que foram catalogadas por nós, eram as mesmas que os alunos têm acesso e os professores utilizam para elaboração das suas aulas.

Conseguimos analisar as obras que para nós foram fundamentais em entender mais a realidade estudantil. Os alunos na grande maioria são sujeitos de famílias simples e não apresentam abundância econômica em seu cotidiano. A escola abrange, “todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias, (...) a escola atinge uma enorme complexidade que não existia no passado.” (Nóvoa, 2001, p. 1). Assim sendo, o livro didático na maioria das vezes é uma forma de encontrarem conhecimento histórico e de fácil acesso.

Também estamos cientes que essas editoras retiraram lucro sobre a venda dessas mercadorias e justamente por haver comércio, temos que ter em mente que há a necessidade de analisarmos e estudarmos a fundo sobre quais objetivos as obras estão tendo em seus textos. Adentramos em uma análise prévia para entender uma realidade específica que citamos; os

livros didáticos. “A modernidade, por outro lado, criou a civilização do *mercadoria*, dos marketeiros que operam pelo cálculo do custo-benefício, pela desconfiança e pela esperteza.” (Moreira, 2007, p. 220).

Empresas privadas que estão interligadas aos assuntos públicos apresentam a finalidade de lucrarem, de modo capitalista. O objetivo final é ter o maior rendimento e menor custo de suas contas. Há a necessidade de levar esses tópicos em consideração, já que as crianças não são totalmente formadas intelectualmente como de um adulto em discernir relações econômicas. “A modernidade criou também a racionalidade e a própria vida em termos da utilidade que possam ter. (...) A produtividade decide o valor. (Moreira, 2007, p. 220).

Nas obras que optamos em estabelecer na escrita, tivemos o compromisso de entender mais sobre a escrita a que sujeitos têm a visão da expansão portuguesa na América. Esse momento específico da história no continente americano é capaz de esclarecer tópicos como a escravização humana por outros humanos. Vale ressaltar que a escravização dos povos originários é uma gigantesca crueldade cometida por pessoas que estavam interessadas no enriquecimento econômico.

A escravidão sempre esteve ligada as sociedades complexas, porém, devemos entender que há diferentes formas de cativos; religião, guerras, dívidas e localidades. No caso americano, os povos nativos praticavam a escravidão, como o império Maia, Asteca ou Inca. Porém, essas formas eram adversas a praticada por europeus na América ou a escravização de populações africanas no Atlântico. Especialmente Portugal por razões históricas, “assumiu no tráfico de escravos africanos para as colônias europeias da América valeu-lhe a acusação, (...) de ter sido responsável pelo início do tráfico atlântico, o que em grande parte correspondia à verdade.” (Fonseca, 2014, p.2).

Sentimos de modo concreto esses processos nos dias atuais, que resultam em desigualdades econômicas e no racismo estrutural. Para que essas temáticas sejam entendidas e compreendidas pelas gerações futuras, temos que trabalhar em sala de aula esses aspectos, sendo uma forma concreta de diminuir os problemas que a sociedade brasileira apresenta.

Atualmente há a necessidade de termos mais debates que possa trazer soluções para problemas que sentimos nas escolas. A comunidade pode e deve participar de problemáticas para ajudar o professor na sua profissão. Argumentar e criar soluções para um caminho concreto e elucidativo transforma a sociedade mais igualitária.

As empresas responsáveis fornecem edições para as escolas públicas, também são responsáveis em construir caráter dos adolescentes. Desenvolver críticas construtivas envolvendo essas entidades privadas com a comunidade escolar e os governos, transformam o

país em um lugar mais democrático. Por isso há a importância de analisar e entender as publicações. “Reconhecer assim os mecanismos, os limites e, sobretudo, os usos do consentimento é uma boa estratégia para corrigir o privilégio longamente concedido pela história às “vítimas ou rebeldes”, (Chartier, 2002, p. 96)

O Brasil é um país cuja formação é resultado do expansionismo promovido pela monarquia portuguesa. Tal expansionismo contou, entre outros agentes, com a ação de indivíduos que caracterizamos como bandeirantes, os quais, no período abordado por esse estudo, em grande parcela eram moradores da Capitania de São Vicente; região que, conforme argumenta Ribeiro (1995), não havia atingido o nível de prosperidade do complexo açucareiro nordestino, motivando seus colonizadores a encontrarem outras formas de organização econômica.

Marcados por uma realidade diversa à praticada no Nordeste brasileiro nos primeiros anos da colonização, os referidos colonos, em grande parte, costumavam a se embrenhar na mata em busca de fontes de riquezas, o que conseqüentemente contribuiu para a “ocupação das terras extra Tordesilhas.” (Goes Filho, 2015, p. 117).

Para compreendermos a atividade bandeirante, é necessário ter em mente dois fatores: um religioso e outro econômico. A respeito do primeiro, sabe-se que os ibéricos são herdeiros de uma “continuidade” do espírito guerreiro do reino católico, oriundo da reconquista de territórios dos “infiéis”. Assim, conforme argumenta Pacheco Neto (2012, p.5), “à procura da salvação, encenava-se a paródia do velho sertanista sorvendo o sangue de Cristo na hóstia sagrada, ao invés de banhar o sabre no sangue indígena.” como ocorria de costume. “Os bandeirantes eram homens de sua própria época, regidos por peculiaridades históricas específicas, onde o fator econômico desempenhou um papel preponderante” (Pacheco Neto, 2012, p.5). Também desempenharam um papel específico do momento que estavam vivendo e apesar de “muitos historiadores, (...), ressaltam a dimensão geopolítica do empreendimento, esta e tantas outras expedições de apresamento oriundas de São Paulo pouco tinham a ver com a expansão territorial” (Monteiro, 2022, p. 8). “O que não se pode garantir é que o bandeirantismo teria existido e se desenvolvido da mesma maneira se não tivesse havido a União Ibérica.” (Goes Filho, 2015, p. 124).

A respeito do segundo fator, sabe-se que a colonização realizada por monarquias europeias era, de certa forma, influenciada pelo metalismo, ou seja, pela busca de enriquecimento nacional pelo acúmulo de metais preciosos. Uma das fontes de tal acúmulo, após a conquista da América, passou a ser a busca por jazidas para serem exploradas. Como os espanhóis obtiveram sucesso imediato na sua colônia americana, havia grande expectativa, por

parte dos portugueses de algum dia encontrarem também grande riqueza mineral à medida que se expandem pela sua porção do continente americano.

Os bandeirantes acabaram realizando esse sonho português, ao expandirem suas expedições de captura de nativos para espaços, definidos por eles como sertões, cada vez mais distantes dos núcleos de assentamento colonial. Para isso, comandavam verdadeiros exércitos particulares, com bandeiras para designar os objetivos finais de cada expedição. Por capturar seres humanos e venderem como cativos para os senhores de engenho, as bandeiras tinham o nome de “Apresamento” ou “Preação”. Esses caçadores de gente, focavam suas empreitadas especialmente nas reduções jesuíticas espalhadas na América do sul.

As missões foram fortemente compostas por “homens da Companhia de Jesus, que colocar-se-iam, então, como os cavaleiros de Cristo” (Hernandes, 2010, p. 239), com o objetivo central de trazer o evangelho para os habitantes nativos. Nesses documentos é “possível perceber que a atividade jesuítica foi permeada por conflitos e negociações que se estabeleceram entre os padres, os nativos, os colonos e a direção da Ordem em Roma” (Faria, 2014, p. 419). Os “índios continuariam a ser escravizados por colonos espanhóis, portugueses” (Hernandes, 2010, p. 226), que atuavam no século XVII. “Essa dominação forçada acarretou a desintegração de populações indígenas, (...), o que atrapalhou as Aldeias e conseqüentemente as missões jesuíticas.” (Monteiro, 2022, p. 43).

Assim, havia tipos diferentes de bandeiras. As empreitadas de “Sertanismo de Contrato” tinham como finalidade combater quilombolas (fugitivos do sistema de escravização) e nativos cativos. As “Monções” eram de caráter comercial, percorrendo o subcontinente foram movimentos posteriores, ocorrido por volta do século XVIII, havendo a necessidade de citá-las. (Buarque, 2017).

Em relação a esse último tipo, a bandeira mais lembrada e da qual temos diversos relatos são as denominadas de “Prospecção” ou “Mineração”; tendo como finalidade a procura de metais preciosos. Foi a partir dessas bandeiras que, aos poucos, os bandeirantes paulistas encontraram ouro em terras que deram origem à Capitania de Minas Gerais, onde locais de pernoite, descanso e até mesmo o plantio de gêneros alimentícios deram início a formação de diversos arraiais (Andrade, 2014, p. 55) que tornaram-se vilas, como o caso de Pouso Alegre, Bom Repouso, Passa Quatro e Borda da Mata, situados no sul de Minas (a partir da fronteira com São Paulo), “onde se desenvolveu uma economia agrária” capaz de fornecer alimentos para suprir necessidades básicas da ação bandeirante (Prado JR, 2000, p. 44).

Dito isso, cabem algumas considerações sobre o material utilizado para este estudo. Há uma enorme quantidade de livros didáticos que abordam a ação bandeirante. Neles serão

investigadas as abordagens dos seus autores sobre esse tema, para saber que tipo de imagem eles construíram a respeito do bandeirantismo para serem usadas em sala de aula como apoio didático.

Com esse objetivo, é necessário ter em mente que as imagens construídas não são neutras, uma vez que, de acordo com Bourdieu (1989, p. 11), elas podem cumprir “a função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam.”

Assim, as imagens construídas pelas abordagens dos livros didáticos (como todas as imagens) atuam como representação que, conforme argumenta Chartier (1998, p.17), “são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”, sendo por isso uma das formas de um determinado grupo tentar exercer uma autoridade por meio da produção de estratégias e práticas, que visam a impor sua concepção do mundo e a justificá-la ideologicamente.

Tendo em mente essas considerações, resta esclarecer que foram utilizados na dissertação uma amostra de livros didáticos (13 no total) aprovados pelo MEC para serem usados nas escolas entre os governos petistas e o bolsonarista, para sabermos se as imagens sobre a ação bandeirante mudaram de um governo para outro. Feito isso, vamos mostrar algumas possibilidades didáticas desse tema em sala de aula, apresentando algumas atividades que constituem o objeto de aprendizagem, visando a contribuir para a construção de uma educação crítica sobre a ação bandeirante.

2 O BANDEIRANTISMO

Temos como um dos objetivos centrais o estudo da participação dos bandeirantes na expansão do império português na América, com base em representações nos livros didáticos. A contextualização dessas obras é necessária para conseguirmos entender um pouco mais sobre o Brasil atual. Por mais que o país produza sua História muitas vezes com um olhar de engrandecimento, há a necessidade de compreendermos essa construção.

Há uma discussão que grande parcela dos interessados pelas bandeiras não são entendidos sobre os termos que possamos usar para designar essas campanhas no interior do continente. “Para designar uma bandeira, os documentos portugueses da época usam vários vocábulos, como “entrada”, “jornada”, “viagem” e, mais raramente, “frota”; às vezes no caso de grandes expedições contra os indígenas, “guerra.” (Goes Filho, 2015, p. 118).

O entendimento sobre esse processo que os colonos da capitania de São Vicente estiveram presentes, é facilmente encontrado na historiografia nacional, em que pessoas escrevem sobre os feitos e a realidade deles. Fato marcante, que através do passar dos anos, tivemos várias narrativas dos “bandeirantes”; uns vangloriando sua imagem, que é encontrada nos livros didáticos, já que esse tema é matéria obrigatória dos estudantes, tanto no ensino Fundamental como no Médio.

Para ficar mais didático, usamos o termo “bandeira”, porque é o mais conhecido e o participante dessas campanhas eram chamados de “bandeirantes”. Segundo o autor Alfredo d'Escagnolle Taunay (1843-1899) afirma que o termo foi encontrado pela primeira vez em documentos do Conselho Ultramarino de 1676, remetendo ao sentido que estamos descrevendo. (Goes Filho, 2015, p. 119).

Existiram inúmeros bandeirantes que proporcionaram a expansão das fronteiras portuguesas dentro da América do Sul e conseguimos encontrar vários nomes no livro *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil no século XVI, XVII, XVIII* (1954) do autor Francisco de Assis Carvalho Franco. Na obra, entendemos mais quantitativamente alguns sujeitos que estiveram ligados a entradas nas matas, proporcionando um entendimento que são vários personagens que estiveram ligados nesse período do Brasil Colonial.

Podemos citar um dos mais conhecidos e que encontramos no livro, Fernão Dias Pais, que segundo o escritor, “paulistano, filho de Pedro Dias Leme e de sua mulher Maria Leite, foi o bandeirante que mais largo renome deixou na história da expansão geográfica brasileira, depois de Antônio Raposo Tavares” (Franco, 1954, p. 276).

Através do passar do tempo, surgem novas ressignificações que acompanham os períodos e pessoas que estão inseridas nela. A concepção de presente, é formulada no passado e apresenta seus traços no futuro. O livro didático está inserido nessas mudanças temporais, seja por governos ou agentes do poder. Essas pessoas têm características próprias e transmitem nas páginas suas visões de mundo.

Esse processo de renovação em curso nos livros didáticos e a ampliação do mercado de paradidáticos nos levam a concluir que as empresas editoriais tornaram-se, nas últimas duas décadas, agentes poderosos na definição de o que ensinar em história e como ensiná-la na escola fundamental. O ensino de história é um espaço complexo, no qual atuam diferentes propostas de saber e poder, cabendo aos professores de história o papel fundamental de desenvolver um ensino que contribua para a formação do pensamento crítico e reflexivo, para a construção da cidadania e para a consolidação da democracia entre nós. (Fonseca, 2009, p. 56).

Aliado nessas palavras, a definição que podemos entender sobre a expansão portuguesa na América, está diretamente ligada de qual forma ela é representada nos livros didáticos, já que são detentores de formas específicas de narrativas. Há outras maneiras que possamos encontrar sobre a formação do Brasil contemporâneo, mas que aqui focaremos na representação dos livros didáticos.

Favorecer a obtenção do livro didático na escrita é poder elaborar novos olhares para entender qual é o papel da História e como ela está sendo trabalhada nos dias atuais. Trazemos novas formas de entender como está sendo repassado a expansão portuguesa atualmente. Conseguimos atuar com criticidade nessas obras, já que as mesmas estão ligadas diretamente aos órgãos públicos estando abertas a pessoas interessadas em entender mais sobre a formação atual do ensino.

Um papel importante para o historiador, já que passa em suas mãos essas obras para poder ensinar seu conteúdo em sala de aula, é dar importância em entender em qual direção as obras estão querendo formar a opinião do estudante. Fato que temos que ser críticos para saber selecionar narrativas que conduzem com estudos sérios e precisos.

Nesse sentido, deixo como “provocação” a necessidade de rebeldia e ousadia contra a submissão ao livro didático. O livro didático é uma fonte importante, mas não deve ser a única. A formação de sujeitos livres, cidadãos do mundo, requer uma atitude de respeito para com o mundo, para com o conhecimento produzido, mas também de crítica. O exercício da crítica é nossa principal ferramenta nas lutas cotidianas pela (re)construção da história. (Fonseca, 2009, p. 56).

Entender e agrupar pensamentos que possam ajudar o papel do historiador para formular pensamentos críticos, é agregar a sua profissão. O livro didático favorece esses caminhos que nós professores possamos percorrer para formular melhor a nossa prática em sala de aula. Não

temos o domínio completo dos temas aplicados, porém, ter táticas que possam contribuir para nossa melhoria sempre será bem-vinda.

Os jesuítas, bandeirantes e a pecuária são táticas que simplificam a forma de interiorização no território brasileiro. “O certo, porém, é que, longe de desaparecerem com o tempo, suas práticas prevalecem intactas, ou quase, ainda em nossos dias” (Holanda, 2017, p. 85). Essa maneira de impor o domínio português em terras americanas, levará que sejam trabalhadas nos livros didáticos atuais.

A presença dos habitantes da capitania de São Vicente, é facilmente referenciada nessas obras destinadas aos alunos. Momento marcante no início da colonização, os moradores empenharam-se em várias maneiras de conseguirem enriquecer monetariamente. “De nenhuma outra região do Brasil seiscentista é lícito dizer-se, tanto quanto do planalto de São Paulo, que oferecia condições admiravelmente propícias à multiplicação dos rebanhos de ovelhas” (Holanda, 2017, p. 273).

Essas obras são necessárias porque conseguimos entender mais sobre a utilização da expansão portuguesa na América e como ela é transmitida para os alunos do ensino fundamental II. Desde que haja uma construção crítica das fontes, poderemos adentrar mais a fundo sobre como a perspectiva é elaborada.

Estudar as imagens da ação bandeirante se faz presente, porque eles também foram um dos principais articuladores da expansão portuguesa colonial. Conseguimos entender que com a pesquisa das obras em ordem cronológica, poderá favorecer o entendimento e a ligação que os habitantes de São Vicente têm com a perpetuação territorial portuguesa na América.

A participação dos nativos foi intensa nessas empreitadas feitas pelos colonos, não deixando de lado sua importância como agentes ativos nessas expedições. É fato marcante que várias classes sociais participaram das entradas nas matas. Já que para época, grandes percursos eram feitos por pessoas que lucravam de alguma forma na mata.

“O fato de as bandeiras saídas de São Paulo, ora em direção ao Guairá, ora rumo ao sertão do alto São Francisco, terem já nas primeiras investidas atinado com o caminho mais apropriado mostra até onde se valeriam seus cabos da colaboração indígena.” (Holanda, 2017, p. 30).

No livro didático é possível encontrar ligações dos jesuítas, pecuária e bandeirantes na expansão colonial portuguesa, porém, não são apenas essas três divisões que participaram do alargamento das fronteiras. É evidente que essas pessoas queriam diretamente alargar as possessões portuguesas, mas que participaram ativamente para que isso se concretizasse.

“A pouca largura desses caminhos, que se adaptavam particularmente ao sistema de marcha característico dos índios, não constituiu sério obstáculo a que fosse mais tarde utilizado pelos adventícios. O que sucedeu em outros lugares da América, onde as picadas abertas pelos naturais da terra serviram mais tarde aos europeus, permitindo sua expansão através do continente, ocorreu igualmente, e em maior escala, entre nós. (...) A permanência de caminhos numerosos que da vila de São Paulo conduziam, ora às minas gerais, ora ao sul, onde se estabeleceriam as primeiras reduções guaranis, parece ter fixado, muito mais do que o rio Tietê, as direções iniciais da expansão bandeirante.” (Holanda, 2017, p. 40).

Dentro do livro didático, nós entendemos o peso que os autores dão em colocarem os nativos em segundo plano, já que estavam presentes na História colonial brasileira. Fato marcante que os estudantes não encontram com frequência o nativo nas obras didáticas e nas mais variadas épocas. A imposição de leis que favoreçam mais perspectiva de história, pode criar um campo aceitável para que os professores trabalhem temas como exclusão, racismo e anacronismos.

A própria expansão dos bandeirantes é resultado de uma continuação do império português. Conseguimos imaginar que o reino possibilitou que seus súditos aproveitassem de discursos políticos, religiosos e econômicos para aumentar as possessões portuguesas. Resultado de uma continuação de ideias impregnadas nas pessoas da época, a expansão do cristianismo era fortemente difundida. “A expansão portuguesa, desde o seu início, enfeixar sentidos espirituais e materiais.” (Sabeh, 2009, p. 8). Esses temas são facilmente encontrados nos habitantes da colônia. A fé cristã também foi uma das práticas utilizadas como justificativa de entrarem nos sertões.

Uma das práticas que podemos utilizar em sala, é a necessidade de dar voz aos outros envolvidos na colonização portuguesa. Os caminhos trilhados pelos bandeirantes são contemporâneos ao dos nativos nessas viagens de norte a sul. Esses itinerários são transmitidos nos livros didáticos como um “descobrimento” dos colonos portugueses, porém, na época contemporânea em que eles viveram, já era de conhecimento mútuo dos habitantes da América, que os nativos usufruem dessas trilhas.

Não importa que fosse uma colaboração absolutamente involuntária e indireta, como chega a sugerir Orville Derby, ao assegurar que os sertanistas “apenas seguiam caminhos já existentes pelos quais se comunicavam entre si os índios de diversas tribos relacionadas, ou grupos de uma mesma tribo.” (Holanda, 2017, p. 30).

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, grande estudioso da história do Brasil, marcado pela sua colaboração em escrever temas recorrentes a formação do país, ele elabora adissertação que esses sujeitos foram importantes para a penetração do poder português na América, mas vale ressaltar que a presença nativa era de grande importância para que isso se concretizasse.

Alertar o leitor que conseguimos dar espaço ao entendimento que os bandeirantes faziam alianças e utilizavam de caminhos já existentes, poderá fortalecer o estudante a compreender que nossa história é repleta de embaralhados de pessoas seguidas de objetivos particulares em suas vidas. Diferentemente do exposto nos livros didáticos, a história oficial é repleta de discursos prontos como veremos nas análises das obras no capítulo que elencamos os livros didáticos.

Tinha-se a concepção de que a uma explicação histórica haveria de considerar cada vez mais aspectos qualitativos que escapavam ao cálculo de um computador. Novas abordagens despediam-se de uma análise macrossocial anônima e de um processo macro-histórico rumo a uma atenção sobre diferentes aspectos micro-históricos extraídos da vida cotidiana de homens normais. (Iggers, 2010, p. 108).

Engrandecemos o entendimento do tema através de novos olhares. Aspectos já estabelecidos na história oficial podem ser editados e reeditados, desde que não ofenda a seriedade acadêmica. Buscar novas concepções historiográficas que possam ajudar os leitores a entenderem que camadas sociais não estão sozinhas no mundo, poderá dar espaço a pessoas muitas vezes “apagadas” da história oficial.

A leitura dos textos históricos deixa de ser apenas a busca de uma romântica empatia com o autor, ou ainda a coleta de informações não intencionais como matéria prima da história social, das representações coletivas ou da crítica das ideologias. Como testemunho histórico efetivo de mundos da vida não mais inteiramente disponíveis, os textos podem nos oferecer um acesso privilegiado às formas pelas quais determinada sociedade experimentou, concebeu e prefigura a realidade. (Araujo, 2008, p. 49).

Os textos históricos são formulados nos períodos em que seus editores estão ambientados; não há possibilidade alguma de atentar com questões futuras, porque não ocorreu. É comum que os autores também sejam influenciados por suas concepções e assim conseguimos identificar que o expansionismo português também pode ser feito em épocas distintas da que ocorreu. Para facilitar nossa proposição, as monções, apresamentos, mineração e sertanejo de contrato foram momentos diferentes e às vezes elas não equivalem ao período histórico.

Todas as entradas nos sertões são referentes aos colonos portugueses que emprenhavam nas matas para conseguirem objetivos difusos. Exemplo foram as “monções puderam corroborar de modo admirável a obra iniciada pelas bandeiras, assegurando-nos a posse plena e tranquila de uma área de milhões de quilômetros quadrados.” (Holanda, 2017, p. 185).

Levamos em consideração que as vestimentas também eram de pessoas simples, muitas vezes não condizente com a realidade que os livros didáticos reproduzem. Esse papel de

“ressignificação” foi construído através do passar dos anos, já que “as vestimentas usadas durante o trajeto não deviam destoar dessa simplicidade rústica.” (Holanda, 1990, p. 70).

É necessário citarmos a influência dos nativos nas expedições dos colonos portugueses, mas que essas narrativas muitas vezes são ofuscadas pelos livros didáticos. Uma suposta história hegemônica é compartilhada, porém, como historiadores, temos o desafio de demonstrar opções ao leitor a entender que os “heróis paulistas” tiveram influência nativa em suas características. “A influência indígena, que também nesse particular foi decisiva, deve-se, por exemplo, o emprego, entre os sertanistas, da canoa de casca, especialmente indicada para os rios encachoeirados.” (Holanda, 1990, pág. 19).

Entender mais sobre o bandeirantismo nos traz uma ótima, mas atuada na realidade, que inúmeros sujeitos estavam envolvidos com conflitos contra os nativos e muitas vezes não tinha as regalias materiais que são demonstradas nos livros didáticos. Os estudantes estão em formação e apresentam uma abordagem que não seja a habitual representada como os supostos heróis do alargamento das fronteiras portuguesas, não é ser leviano, mas poder induzi-los a pensarem com novos olhares. Esses trajetos que conhecemos, eram habitualmente utilizados por índios em suas andanças pela mata.

É inevitável que, nesse processo de adaptação, o indígena se tome seu principal iniciador e guia. Ao contato dele, os colonos, atraídos para um sertão cheio de promessas, abandonam, ao cabo, todas as comodidades da vida civilizada. O simples recurso as rudes vias de comunicação, abertas pelos naturais do país, já exige uma penosa aprendizagem, que servirá, por si só, para reagir sobre os hábitos do europeu e de seus descendentes mais próximos. A capacidade de resistir longamente a fome, a sede, ao cansaço; o senso topográfico levado a extremos; a familiaridade quase instintiva com a natureza agreste, sobretudo com seus produtos medicinais ou comestíveis, são algumas das imposições feitas aos caminhantes, nessas veredas estreitas e rudimentares. (Holanda, 1990, p. 17).

Esses colonos aprenderam através do convívio com a realidade geográfica, flora, fauna e cultura nativa, que suas características deveriam ser copiadas e colocadas em práticas para a sobrevivência nos campos além do tratado de Tordesilhas. Conseguimos perceber que a natureza dos nativos é bem adaptada ao local. Nesse fator, os “estrangeiros” habituados à realidade europeia, com uma alimentação à base do trigo, formularam novas dietas para sobreviverem, de acordo com o trecho referido acima. Na mesma citação, conseguimos entender mais sobre a necessidade de relatar ao leitor que os nativos foram essenciais nas empreitadas bandeirantes.

Teremos o intuito de ajudar o leitor a ter mais visões sobre o processo bandeirante, já que esse é encontrado nos livros didáticos e a historiografia se faz necessária para poder

possibilitar novos olhares. Muitas vezes, os estudantes recebem abordagens já finalizadas dos autores das obras didáticas que não especificam a fundo quem foram os bandeirantes. Para que isso ocorra, trazemos alguns livros distribuídos gratuitamente nas escolas.

É corrente nos livros de História do Brasil considerarem-se “entradas” as expedições organizadas pelo Governo e “bandeiras” as incursões de caráter puramente particular. Essa dicotomia, divulgada por Basílio de Magalhães, em 1913, não deveria ser mais adotada, depois que ficou provado que em muitos casos se confundem a participação do poder público com a da iniciativa privada. Alfredo Ellis JR, cujas principais obras são da década de trinta, propôs, em tese, que também não encontra mais aceitação geral, que fosse consideradas entradas os pequenos grupos que percorriam os sertões à procura de pedras e metais preciosos e bandeiras os grandes corpos que guerreavam e escravizavam índios. (Goes Filho, 2015, p. 114).

Achamos que foi necessário que o leitor entendesse mais um pouco sobre a perspectiva de como estavam inseridos esses colonos; através das entradas e bandeiras, percebemos mais a sociedade da época. Essas concepções são necessárias para que possamos formular entendimentos que a história brasileira é feita de vários sujeitos e várias perspectivas.

Atualmente o Brasil apresenta um vasto território. Com meios de locomoção cada vez mais rápidos, podemos percorrer grandes distâncias para conhecer melhor o espaço geográfico do país, porém ainda assim, levamos horas e até dias para chegar de um ponto ao outro.

Durante o expansionismo português na América, essas regiões brasileiras eram tortuosas para os personagens, fazendo com o que optassem em condições acessíveis para o período e assim utilizar de maneiras específicas para entrarem nas matas em busca de riquezas.

A realidade é complexa, pois o movimento de penetração territorial apresenta aspectos diferentes em lugares e tempos diversos. Uma coisa são os grandes agrupamentos que adentravam os sertões, divididos em unidades militares, bem armados, às vezes até acompanhados pelos agentes básicos das comunidades urbanas, como juizes, padres, tabeliães e policiais. Verdadeiras “cidades em marcha”, na expressão de Cassiano Ricardo, tal como a célebre bandeira de Manoel Preto e Raposo Tavares, de novecentos brancos e mamelucos e dois mil e duzentos índios, que em 1629, destruiu as reduções jesuíticas do Guairá. Outra coisa são as expedições fluviais, de que é exemplo o grupo de “118 pessoas, 30 armas de fogo e 88 índios de frechar”, quem chefiado por Francisco de Mello Palheta, a mando do Governo de Belém, subiu em cinco grandes embarcações o Amazonas e o Madeira em 1722, encontrado as frentes espanholas da Missão de Moxos e descobrindo o Rio Guaporé. Diferente ainda são os corpos armados de sertanistas, como o de Domingos Jorge Velho, contratado em 1694 pelo Governo Geral para guerrear os negros do Quilombo dos Palmares em Alagoas. E, finalmente, de espécie diversa são grupos pequenos – quase nunca passavam de cinquenta homens – que saíam à procura de pedras e metais preciosos, carregando muito mais bateias e almocrafes do que flechas e arcabuzes, tal como o de Antonio Dias de Oliveira, que descobriu ouro em 1698, no local onde depois nasceria Ouro Preto. (Goes Filho, 2015, p. 115).

Nessas características, conseguimos entender mais sobre as perspectivas que os colonos que participaram da expansão portuguesa na América tinham durante o movimento bandeirante. Essas campanhas eram feitas com sujeitos que estavam presentes realidades distintas das que muitas vezes são reproduzidas nos livros didáticos. Esses personagens são lembrados facilmente com desbravadores e descobridores de jazidas e pedras preciosas, porém, é necessário que o estudante esteja atrelado a outras realidades que esses colonos participaram em suas vidas.

Esses colonos estavam ligados aos povos originários do continente americano, porém, muitas vezes o contato entre colonos e nativos se deu por grupos que não eram subordinados diretamente à coroa portuguesa. Caso que podemos citar é dos membros da ordem religiosa dos Jesuítas, criada durante o contexto das Reformas Religiosas, durante a Idade Moderna. Esse grupo religioso, esteve presente nos anos da expansão do império português na América.

Para facilitar aprimorar mais ainda a crítica dos estudantes, podemos trazer a possibilidade que os colonos não tinham em mente uma criação e expansão do império português na América, já que esses sujeitos estavam presentes em obterem enriquecimento pessoal e rápido. Há uma divergência em dados mais comuns do século XX, que representam em obras os bandeirantes como propulsores da expansão portuguesa nas terras tidas como espanholas, porém, não houve esse intuito por parte deles fielmente.

Mas, na prática o interior da América do Sul, particularmente Centro-Oeste do Brasil, era o “sertão bravo” onde vagueavam tribos indígenas e quase nunca se cruzavam portugueses e espanhóis. Os pontos de encontroem geral as missões jesuíticas espanholas, que ocupavam regiões no centro do continente, eram exatamente os pontos de atrito. Nas lonjuras desses sertões, ninguém tinha meios para fiscalizar, nem antes da União Ibérica, nem durante ela, nem depois dela, o cruzamento da fronteira, se é que se pode considerar como tal o fugidio meridiano de Tordesilhas. É curioso observar que os autores que seguem mais de perto as jornadas bandeirantes, como Taunay, Basílio de Magalhães e Carvalho Franco, não mencionam o final da União Ibérica como marco de alguma transformação no movimento. Nada teria mudado naqueles sertões... (Goes Filho, 2015, p. 124).

Levamos em consideração que esses sujeitos oriundos de uma realidade simples perto do litoral, estiveram presentes na expansão do império português na América, mas não tiveram como objetivo final essa alteração das fronteiras entre as coroas ibéricas. Para facilitar a discussão, trouxemos aqui algumas visões que possam favorecer nosso ponto de vista que a chave é tentar imaginar que o Brasil tem sua fronteira terrestre vasta, graças a não apenas 1 grupo social, mas vários, com a participação de nativos, colonos, portugueses, mestiços, etc.

Conseguimos elencar vários aspectos que giram em torno das bandeirantes e esse processo que é ensinado nas escolas públicas e particulares. Outro tema essencial na

historiografia e que podemos trazer para a discussão é a importância que os dias atuais têm para o povoamento do interior do Brasil durante a existência dos sertanistas.

Mais uma controvérsia sobre esse movimento de aspectos tão díspares é o possível papel povoador que desempenharam as bandeiras. É certo que as bandeiras “de povoamento” levaram populações a várias regiões do Brasil, o Sul principalmente. É também indiscutível que as do ciclo do ouro povoaram muitos pontos do interior. Aí estão para comprovar a afirmativa as cidades históricas de Minas Gerais, cada uma nascida de uma descoberta aurífera. Aqui interessa particularmente o exemplo, menos importante e menos conhecido, da rede de povoações surgidas diretamente da atividade de mineração, em Mato Grosso e Goiás, isto é, a oeste de Tordesilhas, em torno de núcleos como Pirenópolis (Meia Ponte), Goiás Velho (Vila Boa de Goiás), Cuiabá (Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá) e Vila Bela (Vila Bela da Santíssima Trindade). Sem os garimpeiros aventureiros dos primeiros tempos, vindos nas bandeiras descobridoras, e substituídos pouco a pouco, como em Minas, pelos membros de uma sociedade mais urbanizada, não se pode garantir que seria brasileiro o atual Centro-Oeste. (Goes Filho, 2015, p. 125).

A discussão que podemos trazer sobre o povoamento durante a colonização pode ser aceitável, porque temos dados que embasam a escrita. Por outro lado, esse povoamento pode ser compreendido por despovoamento, cujo as bandeiras fizeram marchas e destruíram várias tribos nativas durante seus trajetos, sejam pela “guerra justa”, doenças ou escravização dos nativos.

Para o leitor entender mais sobre essa povoação, os colonos estavam em marcha para interior das terras portuguesas, porém com suas ambições pessoais e não seguindo uma imposição da corte portuguesa. Os nativos estavam de fora da importância dos reis portugueses, porque a primeiro modo, eram tidos como mão de obra barata e de fácil acesso para os súditos portugueses.

É questionável até aqui que essa relação de “irmandade” entre os bandeirantes e o império português esteja vinculada ao mesmo objetivo, muitas vezes podemos cravar como falácia ou má fé de autores. Essa discussão pode ser elaborada e trazida nos livros didáticos para os estudantes aprenderem desde cedo que o processo expansionista português na América e que criou o Brasil com dados geográficos que temos nos dias atuais, foi um processo constituído por indivíduos com finalidades avessas uns dos outros.

3 PRESENTES NO COTIDIANO

Há muitas imagens a respeito da ação bandeirante nos livros didáticos. Tais imagens variam de acordo com a época da escrita dos livros e com a formação de seus autores.

Embora haja vários estudos sobre o tema como *Os Livros Didáticos como Instrumentos Disseminadores da Concepção Heróica do Bandeirante* (2007) e *Heróis nos Livros Didáticos: Bandeirantes Paulistas* (2011) de Manuel Pacheco Neto, *O Lugar Bandeirante no Currículo Escolar* (2019), *As Narrativas Didáticas sobre o Bandeirante: entre mitologia bandeirante e a crítica histórica* (2020) de Andressa da Silva Gonçalves e Mauro Cezar Coelho, *Patrimônios sensíveis, ensino de História e disputas de memória: fissurando o “mito bandeirante”* (2021) de Thays Merolla Piubel e Rafaela Albergaria Mello, *Um Olhar Arqueológico Sobre os Livros Didáticos Materialidade e Conteúdo* (2017) de Felipe Nunes Nobre. Tais estudos são necessários e para sabermos se na produção de livro didático entre o final do governo petista e o final do primeiro mandato bolsonarista houve mudança significativa no padrão predominante das imagens veiculadas a respeito da ação bandeirante.

Com tal justificativa, espera-se desenvolver um estudo que estimule a elaboração de novas perguntas pertinentes ao processo de construção histórica em Minas Gerais e a sociedade visando a busca de soluções para lacunas muitas vezes presentes na atualidade. Afinal, “essas discussões apontam para as possibilidades de renovação ou de aprimoramento do repertório de temas e ferramentas de pesquisa dos historiadores brasileiros,” (Santos, Nicodemo & Pereira, 2017, p. 182) favorecendo e deixando apostos novos olhares historiográficos.

Essas obras têm como intuito ajudar o leitor a construir um entendimento maior do tema sobre a expansão portuguesa na América. Essas obras estão próximas de cooperar com nosso estudo aqui, já que a imagem bandeirante é presente nos livros didáticos. Construiremos um pouco abaixo algumas características apresentadas nas obras citadas.

Na escrita de Manuel Pacheco Neto, docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados-MS, trabalha aspectos importantes que ajudam a elucidar a importância que é entender a presença dos mesmos bandeirantes no livro didático.

Ele elabora que é comum os estudantes encontrarem nos materiais didáticos figuras de engrandecimento desses sujeitos, que percorrem caminhos longos atrás de objetivos adversos ao encontrado na realidade do litoral. “O bandeirante de botas, chapéu, gibão, mosquete e alfanje é uma representação construída pela historiografia convencional.” (Pacheco Neto, 2007, p. 105). Essa dicotomia é corriqueiramente vista e há a necessidade de transformarmos o discurso bandeirante em uma crítica social elencada e compartilhada nos livros didáticos.

O que é muitas vezes deixado de lado, que a realidade dos colonos era diversa a hegemonia que temos nos dias atuais, já que o autor defende a dissertação que eles também eram “uma figura descalça, andrajosa e mestiça. Um caminhante aturdido, atormentado pela pobreza reinante num contexto rústico.” (Pacheco Neto, 2007, p. 105).

Como é perceptível, não é insignificante a quantidade de erros que encontramos na leitura que fizemos das abordagens sobre os bandeirantes nos livros didáticos publicados entre 1894 e 2006. Estes erros ensejam equívocos de compreensão ou interpretação acerca do personagem histórico que investigamos. Doravante, tendo já apontado a recorrência desses erros nas obras didáticas estudadas, iniciemos a apontar alguns aspectos que delineiam a concepção que acabou permanecendo – até o final do período estudado, ou seja, 2006 – acerca dos bandeirantes. (Pacheco Neto, 2007, p. 110).

O próprio autor solidifica que temos que ter a crítica que os livros didáticos muitas vezes apresentam visões distorcidas da realidade que os bandeirantes tiveram. Os aspectos apresentados na obra do escritor, reforça que é deixado de lado algumas teses que comprovariam que os sertanistas foram em grande parcela de suas vidas, pessoas que capturavam humanos e cometiam crimes contra grupos nativos.

Há a necessidade de trazer novos debates historiográficos e olhares das obras que apontamos, onde que períodos anteriores aos dias atuais, têm suas perspectivas avessas à realidade. “A escravização de índios em São Paulo – que não era pouca e impulsionava as atividades de apresamento –, na grande maioria dos livros didáticos, não é sequer remotamente sugerida.” (Pacheco Neto, 2007, p. 110).

Em outra obra da mesma autoria, o autor ajuda a exemplificar mais a importância que é construir escritas que possam favorecer uma história desses povos que tiveram embates com os bandeirantes. Apresenta-los para os estudantes já é um grande caminho para o professor trabalhar em sala de aula suas temáticas de colonialismo, escravidão e racismo estrutural.

O livro didático chama a atenção. Atende à formação das novas gerações. É preciso formatá-las. A escola serve sempre, com efeito, à visão predominante que se tem da sociedade. Não é, como muitos idealistas pretenderam, um instrumento de transformação. O bandeirante épico confirmará a beleza do estado das coisas. O mundo está dado: é preciso cultivá-lo. (...) O leitor aproveite da lição. Chegamos aos nossos tempos. O amadurecimento político das classes subalternas, ainda que no princípio, germinou a crítica, que é o olhar pelo lado oposto. (Pacheco Neto, 2011, p. 8).

Esse princípio do entendimento sobre os bandeirantes no livro didático favorece que possamos construir aspectos os discursos que não são hegemônicos na historiografia; não

podemos ser mesquinhos em deixar de lado que várias revisões estão sendo construídas e utilizadas atualmente.

A visão de hegemonia bandeirante sempre esteve presente nos livros didáticos que “a memória bandeirante se fez presente em movimentos que a usaram para legitimar ideais e principalmente emprestar a essas intenções valores associados aos sertanistas paulistas, entre estes se destaca a vocação desbravadora e civilizadora.” (Gonçalves, 2019, p. 8).

Podemos trazer também uma referência rápida a Tiradentes, que foi um personagem marcante na história nacional e que depois teve sua figura modificada por pessoas que estavam no poder. A utilização da imagem como símbolo de representação de uma camada específica da sociedade é intencionalmente criada. “Se a ação tinha de se basear no convencimento, impunha-se o uso dos símbolos.” (Carvalho, 2017, p. 139). O historiador José Murilo de Carvalho traz em sua obra “*A Formação das Almas*” uma análise sobre a construção após a proclamação da República no Brasil do “herói” Tiradentes.

Com a análise de outros autores, conseguimos entender que sempre houve a necessidade de conseguirmos elaborar discussões aprofundadas sobre o tema, porém antes mesmo de iniciarmos a discussão, há a necessidade apresentar as obras mais atuais disponibilizadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para as escolas públicas.

Através destas constatações, inferimos que a temática bandeirante persiste nas prescrições escolares, trazendo para o presente, discursos há muito produzidos e propagandeados, longe de ser fruto apenas das demandas do presente, os currículos também são fruto de interesses e objetivos desenhados ao longo de dois séculos, esta memória se mantém, mesmo com as diversas reformas curriculares. (Gonçalves, 2019, p. 12).

Através desses entendimentos, a própria escrita vem sendo alterada nas obras públicas. O PNLD é um marco essencial, principalmente com a reconstituição do Estado democrático de direito, que possibilitou novas abordagens historiográficas. Para isso se fortalecer cada vez mais, temos que aplicar na prática as discussões e compreensões da História nacional.

A conformação do Programa Nacional do Livro Didático promoveu uma mudança na produção de livros didáticos. As avaliações atentam para a qualidade das obras, sopesando a presença de equívocos conceituais, de manifestações de preconceito e do recurso a estereótipos, entre outros fatores. (Coelho & Gonçalves, 2020, p. 138).

Fato essencial é que o próprio PNLD favorece a obtenção de obras escolhidas pelos professores, cujos mesmos favorecem as obras que têm mais características com a realidade

social. Nossa justificativa entra em sintonia com preceitos de praticarmos uma história coesa com a importância de dar espaço para sujeitos antes deixados de lado nos livros didáticos.

4 PROCEDIMENTOS

Houve mudança significativa no padrão predominante das imagens veiculadas a respeito da ação bandeirante na produção de livro didático entre o final do governo petista e o final do primeiro mandato bolsonarista?

Para responder a essa pergunta, será necessário estudar os livros didáticos produzidos entre o governo petista e o bolsonarista, de forma comparada, e confrontar o resultado com outros estudos da mesma natureza elaborados para períodos anteriores ao que será empiricamente avaliado neste estudo.

Para isso, as proposições de Quentin Skinner serão úteis, porque ele mostra como os textos podem ser interpretados como uma forma de seus autores intervirem no mundo social, motivados por questões enfrentadas pelas sociedades nas quais atuam e almejando determinados fins. Dessa forma, o intérprete precisa compreender os contextos sociais e intelectuais da produção textual que estuda. O contexto social é constituído pelo conjunto de problemas ligados com o tema abordado nos textos a serem interpretados. Já o contexto intelectual é formado pelo vocabulário conceitual, pelas categorias de pensamento, pela cultura literária e pela ideologia usada para orientar, organizar e sustentar os argumentos dos escritores. (Skinner, 1996).

Assim, será fundamental uma descrição do contexto histórico da produção dos livros didáticos que serão analisados e da formação de seus autores. A primeira operação servirá para compreensão das questões políticas que fundamentaram as administrações governamentais, uma vez que elas têm influência direta nas políticas públicas educacionais e, conseqüentemente, na produção de material didático.

A segunda operação é fundamental para identificarmos a formação acadêmica dos autores e, a partir daí, buscar elementos para compreensão de suas posturas ideológicas, o que permitirá a elucidação das imagens que eles produziram sobre a ação bandeirante nos livros que escreveu.

Isso porque, de acordo com Chartier, o discurso pode funcionar como legitimação de ações de dominação sobre indivíduos ou grupos sociais, uma vez que, segundo ele, “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros”, pois “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” Dessa maneira, conclui o autor, “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico

fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (Chartier, 2002, p. 17).

A pesquisa tem a necessidade de trazer pontos de vistas que o leitor compreenda o significado do estudo, serão elencadas em consideração algumas obras distribuídas para as escolas públicas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Essas obras são de fácil acesso no site do Governo, cujo qualquer sujeito com acesso à internet poderá consultar os modelos distribuídos de forma gratuita. Segundo o próprio site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, vinculado ao Ministério da Educação, que agrupa recursos financeiros para investir na educação básica no Brasil, há diversas repartições, porém, para nortear a escrita, baseamos na disponibilizada pelo PNLD durante os anos de 2002 até 2022.

Assim o PNLD é um dos vários programas do Ministério da Educação para estender a maior participação de jovens e adolescentes nas práticas educacionais, cujo fator preponderante é o Estado. Há diversas escolas no território nacional que se beneficiam de forma gratuita da utilização dos livros didáticos. As obras tem como objetivo final professores e alunos que usufruam de forma correta sendo executadas em ciclos trienais. Para aderir ao programa, os respectivos dirigentes devem apresentar Termos de Adesão no programa para serem beneficiados de acordo com a legislação vigente.

De modo superficial, é de responsabilidade do Estado que elabore, produza e distribua essas coleções para todos os vinculados ao PNLD. É uma tarefa que deve atender ao máximo possível os pedidos das mais variadas regiões do Brasil. Elaborar planos que atendam essas necessidades prescritas, deve ter profissionais qualificados para a tarefa. Não entraremos em dados explícitos da administração do programa, porém, há a necessidade tanto intelectual como profissional de entender que o programa sofre com políticas de austeridade, seguidas vezes injustas, como seguidos bloqueios econômicos ou congelamento de repasses de verbas destinadas à educação.

O processo de convocação para editoras interessadas em atender os pedidos do Ministério da Educação para cobrir as obras didáticas, literárias e pedagógicas do âmbito do PNLD, é apresentado no site oficial do governo, cujas as empresas têm que atender requisitos mínimos para atender os pedidos do governo. Nas diligências, as empresas devem atender variados pedidos. Um dos pedidos, como no componente curricular de História é: 5 (cinco) Livros do Estudante - Impressos, um para cada ano; 5 (cinco) Livros do Estudante - Digitais, um para cada ano; 5 (cinco) Manuais do Professor - Impressos, um para cada ano; 5 (cinco) Manuais do Professor - Digitais, um para cada ano. (Brasil, 2021, p. 4).

4.1 OBRAS

Já demonstrado nos parágrafos anteriores sobre o processo sobre as obras referentes ao Programa Nacional do Livro Didático, tentaremos focar na disciplina de História nessas duas décadas. Dentro da perspectiva que envolve os professores e alunos para compreensão do entorno e ministrar o conteúdo didático, há o foco de reconhecer como foi o processo bandeirante nos livros. Suas mudanças, o tamanho das imagens, autores que estavam escrevendo sobre os livros, quantas páginas são referentes aos sertanistas, etc.

Lembramos que os bandeirantes através da História, tiveram suas visões modificadas com autores que utilizaram formas de engrandecer o papel dos moradores da capitania de São Vicente. “Posteriormente, alguns historiadores ergueram estes sertanistas - batizando-os de bandeirantes - a proporções épicas, reconhecendo particularmente seu papel na expansão geográfica da América portuguesa.” (Monteiro, 2022, p. 8).

A História pode ser construída e através dos livros didáticos, a necessidade de entendermos que posições estão em disputas nas configurações de escritas e elas podem ser encontradas nos livros didáticos. Corriqueiramente os bandeirantes tiveram papel como supostos heróis, transmitidos como desbravadores por seus feitos em aumentar o território português, porém, quase sempre, a História deixa personagens de fora de uma narração avessa à hegemônica.

Analisar as obras didáticas podem favorecer o entendimento e percepções de determinadas camadas sociais. Novas abordagens historiográficas podem reconhecer quem são os atores de poder e os excluídos dessa mesma dicotomia da sociedade. Segundo Roger Chartier, seguindo seus apontamentos, a literatura é um amplo terreno para assimilarmos essas disputas.

Em consequência, o objeto fundamental de uma história que visa a reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus discursos parece residir na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, de outro lado, as restrições, as normas, as convenções que limitam – mais ou menos fortemente de acordo com sua posição nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer. A constatação vale para uma história das obras letradas e das produções estéticas sempre inscritas no campo das possibilidades que as tornam imagináveis, comunicáveis e compreensíveis – e só se pode concordar com Stephen Greenblatt quando afirma que “a obra de arte é o produto de uma negociação entre um criador ou uma classe de criadores e as instituições e práticas da sociedade”. (Chartier, 2002, p. 91).

Essas percepções das sociedades são edificadas nas estruturas que podem dizer sobre a mesma de maneira prática. O livro didático em sua estrutura, demonstra edificações que são espelho de uma determinada época e sociedade. Edições nunca são as mesmas, ademais, grande parte da estrutura é mantida ou até mesmo reproduzida. Cada editora tem suas próprias maneiras de criar conteúdo onde livros levarão suas particularidades, porém, há regras que devem seguir para manterem uma coesão editorial.

Aliado nessas perspectivas, ficamos livres para optar em escolher algumas obras didáticas para analisar; havendo um grande número de livros publicados e retirados de circulação, dificultando o acesso e a análise quantitativa sobre todas edições nos 20 anos propostos da pesquisa. Isso não quer dizer que não haverá a busca por obras que estão fora de utilização das escolhas públicas, sendo foco maior o PNLD vigente, já que para novas turmas matriculadas, há a necessidade da atualização dos temas elaborados e ministrados em sala de aula o mais atual possível.

Os professores têm a opção de escolherem as obras que utilizam em sala de aula, mantendo a autonomia do mesmo. É importante frisarmos que os educadores necessitam de autoridade e liberdade para conduzir sua aula para as crianças e adolescentes. É claro, devemos e temos a tarefa de citar que esses mesmos profissionais estão desempenhando dentro das leis estipuladas formas para manterem a ordem e não prejudicar indivíduos e a comunidade que está inserido.

Para começarmos a discutir sobre as obras selecionadas, houve o máximo de empenho por nós em buscar obras para estudar e questionar a evolução das respectivas obras nesses 20 anos na delimitação temporal. Como os livros atendem o modelo trienal, as obras utilizadas são as que obedecem ao modelo proposto pelo PNLD.

Há uma diferença que temos que incluir, quando algumas obras se diferenciam, porque há o livro que é o manual do professor (contendo alguns exercícios, respostas e sugestões) e os que são disponibilizados para os estudantes. Esses tipos de obras não são díspares entre o manual e o focado no aluno. Apenas como o professor já tem formação e bagagem intelectual maior que seus alunos, há uma necessidade de o especialista ter conteúdos mais aprofundados sobre o tema que irá trabalhar.

Mas o que nos interessa no momento é sobre as matérias elaboradas para os estudantes que estão referenciadas aos bandeirantes. Dentro do conteúdo de História, a disciplina trabalha sobre os mesmos durante a matéria de Brasil Colônia (1500 – 1815). Diversos fatores fizeram com que a expansão do império português fosse decisiva para o Brasil ter as dimensões geográficas que apresentam hoje. Os sertanistas entram em contexto desse alargamento, por

mais que foi acidentalmente por parte dos mesmos, houve participação decisiva no alargamento das fronteiras. Com o tempo haverá uma reestruturação da utilização da figura bandeirante, desempenhada por historiadores, políticos e personalidades históricas.

Conseguimos compreender que sem tomar parte em um lado desse processo de construção de imagem heroica ou vilã, eles estão dentro da História nacional, e devemos entender o processo que apresentaram nas obras didáticas. Os livros citados à frente são catalogados pelo MEC, e distribuídos de forma gratuita para as filiadas ao PNLD.

O critério adotado para a coleta das seguidas obras é a facilidade que nós professores encontramos nas repartições públicas, como escolas e bibliotecas públicas, onde grande parte desses livros didáticos são distribuídos ou guardados depois do descarte dos mesmos. É importante para nós termos esses livros em mãos, já que o material utilizado por nós em sala de aula provém dessas obras.

Ficava simples os alunos terem acesso a esses materiais, muitas vezes são os únicos materiais elaborados da história do Brasil que eles têm acesso em suas vidas, já que a população brasileira em grande parcela das famílias sofre com poucos recursos econômicos para comprarem livros ou a exclusão de obras científicas são escassas para suas citações e padrões econômicos.

4.1.2 Oficina de História – História Integrada

Oficina de História – História Integrada com a 1ª edição sendo do 2001, dentro do PNLD de 2002, 2003 e 2004, cujos autores responsáveis são Flavio de Campos graduado em História pela PUC-SP e Doutor em História Social pela USP; Renan Garcia Miranda professor de História e autor de materiais didáticos publicaram o livro com objetivo de atender a disciplina de História para o Ensino Médio. A editora responsável pela publicação é a Editora Moderna Ltda.

Dentro do sumário da obra, conseguimos identificar que há o *Capítulo 9 – Nem tudo que reluz é ouro* que trabalha o período bandeirante no livro. O Capítulo subdividido em: *1. Caminhos e fronteiras, 128; A idade de ouro no Brasil, 128; as regras de exploração, 128; A sociedade dos mineradores e o comércio interno, 129; A economia do império colonial português,* são os trechos que dialogam com a temática dos bandeirantes.

Olhando mais a fundo, há a citação nos parágrafos dentro dos subtítulos descritos nomes de alguns dos mais lembrados bandeirantes que a historiografia trabalha, como os respectivos nomes de Anhanguera, Fernão Dias e Raposo Tavares. Dentro dos parágrafos, há uma alusão

que esses nomes batizam inúmeras rodovias por território nacional. Também na descrição dos textos, conseguimos identificar que há uma importância com dados econômicos e políticos para perspectiva educacional.

As referências bibliográficas são escassas, como apenas um parágrafo encontramos um trecho do relato de André João Antonil, no livro *Cultura e opulência no Brasil por suas drogas e minas (1711)*. Não identificamos discussões historiográficas trazidas pelos autores com outros olhares de profissionais que são especialistas no período de Brasil Colônia.

Dentro das fontes utilizadas, há um gráfico de Roberto C. Simonsen, *História econômica do Brasil (1500 – 1820)*, aludindo aos principais produtos cultivados durante o século XVIII no território. A obra ajuda a entender mais sobre a visão que os autores desejam que os estudantes tenham sobre o expansionismo do império português na América.

4.1.3 História por Eixos Temáticos

A obra *História por Eixos Temáticos* com a 1ª edição sendo do 2002 para a 7ª série do Ensino Fundamental II, dentro dos parâmetros do PNLN de 2004, 2005 e 2006, cujos autores responsáveis são Antônio Pedro Tota, Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e autor de livros didáticos de ensino médio e universitário; Lizânias de Souza Lima Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. Reproduzo aqui os dados encontrados na obra didática. A editora responsável pela publicação é a Editora FTD S.A.

Deparamos que nessa obra, temos uma grande mudança na construção do conhecimento histórico em seus parágrafos em relação à anterior. Importante ressaltarmos essa análise dos textos e das imagens nela para entender mais a ideia que quer transmitir. Exatamente no conteúdo do Brasil Colonial, que é adentrar no objeto da pesquisa, conseguimos reparar que há uma aversão do conteúdo da história oficial destacado para os estudantes. É deixado de lado a perspectiva apenas do movimento político-econômico e dado mais atenção às questões humanas como um todo.

No *Eixo Temático 2- Trabalho e Técnica*, subdividido pelo Capítulo 4 – *Técnica e trabalho escravo no Brasil*, são apresentados ao leitor subtítulos que estão envolvidos com o início da colonização portuguesa no Brasil, demonstrada nos ciclos econômicos. Os autores tentam focar mais na perspectiva humana do que propriamente econômica; exemplo: dão grande foco para a primeira mão de obra, a escrava utilizada pelos portugueses. Na página 85 da edição, temos uma grande imagem da *Índia Chiquito* da missão de São Rafael, em uma gravura de 1827 e um texto retirado do catecismo do século XVIII, em guarani, escrito por um

índio orientado pelos jesuítas. Na página em questão, o autor pretende indagar a imaginação do leitor para que ele possa reconhecer que houve uma introdução do cristianismo para populações nativas do continente americano, maritilmente politeístas.

Há alguns registros no capítulo de conflitos entre jesuítas e nativos, porém nada explícito sobre os bandeirantes, apenas que esses conflitos eram feitos entre moradores da vila de São Paulo fundada em 1554. Esses conflitos existiam durante o período colonial brasileiro e que influenciou a estrutura social do país. Uma menção aos sertanistas está na página 86, cujo título é *do escambo ao apresamento*, que insinua a atuação dos caçadores de gente que praticavam ataques às tribos, que as mesmas ofereciam resistências aos colonos da coroa portuguesa. Essas bandeiras utilizavam de força militar para conseguirem seus objetos que era capturarem o maior número de nativos e vender como cativos.

O autor traz referências a fontes primárias, que é importante ter em um livro didático, que cativa o leitor a entender mais sobre a época que a fonte foi produzida. Relatos de *Manoel da Nóbrega*, padre jesuíta que veio para o Brasil, e *Jean de Léry* são encontrados no livro. Esses olhares foram de pessoas que participaram no início da colonização do Brasil.

Sobre o papel do bandeirante, podemos concluir nessa obra que é rasa a utilização de conteúdos que aludem heroicamente ou demonizam o papel dos paulistas na História brasileira. Os autores optaram em não deixarem ou mencionarem registros historiográficos feitos posteriormente no período contemporâneo dos sertanistas.

4.1.4 Projeto História, Sociedade e Cidadania

A obra *História, Sociedade e Cidadania* com a 1ª edição sendo do 2009 para a 8º ano do Ensino Fundamental II, dentro dos parâmetros do PNL D de 2007, 2008 e 2009, cujo autor responsável Alfredo Boulos Júnior é doutor em Educação pela PUC-SP. A editora responsável pela publicação é a Editora FTD S.A.

Nessa obra, temos um maior destaque para a imagem dos bandeirantes, reproduzindo um pouco o imaginário criado através das escritas que enaltece os sertanistas. Grande parte das questões envolvendo os paulistas são constituídas de uma criação enaltecida dos habitantes da capitania de São Vicente.

Na *Unidade 1 – povos, movimentos e território na América portuguesa*, subdividido no *Capítulo 2 – A marcha da colonização na América portuguesa* e no *Capítulo 3 – A sociedade mineradora*, fazem referências ao bandeirantismo e seus desdobramentos. Deparamos que na página 35, há 1 lauda inteira dedicada à atuação bandeirante. Um pequeno parágrafo que diz

sobre quem foram os bandeirantes e o papel de acharem ouro. Há uma ilustração sobre homens (índios e brancos) extremamente armados com roupas grossas, compondo a bandeira em uma mata fechada. Reforçando o estereótipo que temos em grande maneira dos bandeirantes.

Já na página 36, 37, 38 e 39 reparamos em textos escritos pelo autor que são indicativos da participação das inúmeras bandeiras que existiram na História bandeirante e quem eram os participantes das bandeiras.

Vale salientar que na página 47, 48, 49 e 50 existem questionamentos sobre a participação bandeirante e sua herança. Sendo específico, na página 47 há uma imagem da estátua do bandeirante Borba Gato e o autor tenta instigar o aluno a participar questionando sobre o porquê de ela estar ali, imponente e de destaque na paisagem. A perspectiva bandeirante é refletida na página 49 em que há um relato de um sertanista que podemos encontrar no livro de Laura de Mello Souza, *História da vida privada no Brasil (1997)*, que traz o medo do bandeirante em entranhar na mata desconhecida, quebrando o tabu que seriam homens sem a presença de pavor.

Parte que o autor demonstra condições para que os alunos possam questionar a imagem hegemônica dos bandeirantes é apresentada na página 50, que há perguntas como: “por que será que os bandeirantes geralmente são mostrados com altas botas de montar vestidos à semelhança dos colonos norte-americanos?” e “em grupo debatam, reflitam e opinem”. Também somos apresentados a fontes complementares para entender mais sobre os bandeirantes.

Na página 52 há um texto e uma pintura aludindo sobre o descobrimento de ouro em Minas Gerais pelos paulistas e na página 53, temos uma lauda exclusiva para a Guerra do Emboabas. O mesmo conflito eclodiu depois das tensões entre bandeirantes e forasteiros que vieram de outras partes da colônia portuguesa e até de outras regiões do globo em extraírem o metal precioso.

Resumidamente são 12 páginas referindo-se diretamente aos bandeirantes. É bastante extenso a perspectiva que o autor tenta colocar para os leitores, deixando de lado ou a segundo plano a participação de outros grupos que foram inimigos dos paulistas na obra.

4.1.5 Projeto Araribá

A obra *Projeto Araribá* com a 2ª edição sendo de 2007 para a 8º ano do Ensino Fundamental II, dentro dos parâmetros do PNL D de 2011, 2012 e 2013, cuja editora responsável é Maria Raquel Apolinário sendo bacharel e licenciada em História pela

Universidade de São Paulo no ano da publicação da obra. A editora responsável pela publicação é a Editora Moderna.

Na obra conseguimos identificar logo no sumário que trabalhará as imagens dos bandeirantes na introdução do livro didático. O Primeiro conteúdo, nomeado por *Unidade 1*, estipulado pela autora como *a expansão da América Portuguesa*, está subdividido em *tema 1*, *tema 2*, *tema 3* e *tema 4*. Nesses temas, as presenças dos bandeirantes são encontradas.

Logo na página 10 e 11, há um desenho representando uma missão jesuítica durante a expansão territorial portuguesa, além do tratado de Tordesilhas nas terras americanas. Na página 12 e 13, são referenciados nos parágrafos os embates políticos entre as duas coroas ibéricas e suas disputas territoriais na América.

Dentro da página 14, com o título *a conquista do Sertão*, somos apresentados à participação bandeirante. A autora na sua escrita, refere-se no século XVII que a vila de São Paulo não apresentava muitos gêneros agrícolas produzidos em larga escala, assim os habitantes dessa localidade empenharam-se em outras formas de acúmulo de riquezas, como caçarem nativos e venderem como escravos para trabalharem em grandes fazendas. A autora traz uma pintura da fundação de Sorocaba feita por Ettore Marangoni em 1951, aludindo ao poder bandeirante sobre os índios. No final da página, há um mapa representando os principais trajetos bandeirantes na América do sul.

A frente, na página 15 do livro analisado, somos apresentados ao subtítulo *as bandeiras partiram de São Paulo*; temos três parágrafos condizentes de como eram formadas as bandeiras. Na escrita, identificamos uma maior preocupação em demonstrar locais da estadia dos paulistas, que no futuro viraram cidades como Sorocaba, Atibaia e Itu. Seguindo a análise da página 15, temos duas imagens: a primeira está no canto direito do leitor, uma pintura de Henrique Bernardelli, com dimensões de 7 cm X 5 cm, intitulada *Ciclo de caça ao índio* (1992) e um mapa de 11 cm X 11,5 cm criado por Alessandro Passos da Costa, aludindo a bandeira de Raposo Tavares, percorrendo todo continente sul-americano.

A autora na página 16 e 17 traz outras campanhas que os bandeirantes faziam nas suas jornadas, como a captura de índios, causando combates entre as mais distintas populações nativas. As entradas e monções são referenciadas nos parágrafos e há uma citação sobre a assimilação dos conhecimentos indígenas pelos bandeirantes.

Há por parte da autora a preocupação de levantar questionamento das práticas dos bandeirantes que estão fora da literatura oficial. Exemplificando: na página 16, somos apresentados a um quadro com um pequeno texto designando a suposta *guerra justa* que os bandeirantes utilizavam como justificativa para eliminar ou escravizar seus inimigos. No

segundo quadro, na mesma página, a autora reforça que os bandeirantes utilizaram mão de obra escrava em empreendimentos agrícolas, reforçado pela citação do historiador John Manuel Monteiro. Na página 19, há um exercício que tenta desmistificar o mito dos bandeirantes, que os alunos apresentam a pintura de *Domingos Jorge Velho* (1903) criada por Benedito Calixto que glorifica os sertanistas. A autora traz questionamentos de outros historiadores que questionam esses feitos dos bandeirantes e cria algumas perguntas para os estudantes responderem e contestarem essa imagem do senso comum.

A autora aqui, em comparação às outras obras descritas aqui, traz mais questionamentos e explicação sobre os bandeirantes. Trazendo historiadores que trabalharam sobre o tema, como John Manuel Monteiro, que são sujeitos que têm bagagem, fica mais correto a abordagem para os estudantes. Essas características descritas que podemos encontrar no livro didático de sua organização, reflete que os organizadores têm preocupação em trazer fatos condizentes com a nova historiografia sobre os bandeirantes.

Mais à frente, encontramos com alguns temas referentes aos bandeirantes, porém são superficiais e pouco trabalhados pela autora, como na página 38 que no texto *as primeiras descobertas* do ouro são remetentes as expedições paulistas em solo mineiro.

4.1.6 Vontade de Saber História

A obra *Vontade de Saber História* com a 2ª edição sendo de 2012 para a 7º ano do Ensino Fundamental II, dentro dos parâmetros do PNLD de 2014, 2015 e 2016, tendo editores responsáveis Marco Pellegrini graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina, Adriana Machado Dias especialista em História Social e Ensino de História pela Universidade Estadual de Londrina e Keilla Grinberg doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense. A editora responsável pela publicação é a Editora FTD S.A.

No sumário podemos encontrar as divisões das matérias que serão trabalhadas no livro didático. Dividido por capítulos, conseguimos identificar que os bandeirantes são trabalhados no *Capítulo 12 – a expansão das fronteiras da Colônia portuguesa*. Dentro do capítulo, há uma subdivisão em temas que refletem o início da colonização portuguesa no Brasil, como o fim da União Ibérica, busca por novas riquezas e a mineração.

Na página 198, tem início ao *Capítulo 12*, mencionado acima o qual irá trabalhar o conteúdo sobre os bandeirantes. Logo abaixo do título do capítulo somos apresentados a uma pintura de Henrique Bernadelli, *Retirada do Cabo de São Roque* (1927) com dimensões 7,5 cm X 10,5 cm, que alude às expedições bandeirantes no interior da colônia. No texto fornecido

pelos autores, há uma breve introdução às características das expedições, que buscavam capturar pessoas para o comércio escravo e subsequente a busca por metais preciosos.

Dentro de um quadro na página 199, com título *conversando sobre o assunto*, há uma pergunta para o leitor responder, que propõe o estudante a analisar a obra de arte de Bernadelli.

Seguindo a frente, na página 202, há um título no cabeçalho; *a busca por novas riquezas*. No texto, os autores trabalham com a suposição que o achamento de metais preciosos forma essencialmente consequências do processo bandeirante. Dentro de um “quadrinho” retangular, há questionamentos às atuações bandeirantes em solo brasileiro, como capturarem nativos para venderem como mercadorias sendo mão de obra escrava.

Ainda na página 202, o terceiro subtítulo com *a ampliação dos domínios portugueses*, os autores fazem elogiáveis referências aos bandeirantes no processo de expansão territorial portuguesa. São resumidos parágrafos que trabalham explicitamente os bandeirantes na escrita do livro didático.

Outros temas que envolvem os bandeirantes são abordados nos textos seguintes, como no parágrafo com título *novas descobertas* que faz menção a criação de vilas no Estado de Minas Gerais e *os monçoeiros* que eram pessoas que se empenharam no comércio. Porém nos textos não são claramente referenciados os bandeirantes na sua composição.

Vale ressaltar que na página 217, a autora elencou um texto questionando a idealização dos bandeirantes. O texto do historiador Ronaldo Vainfas passa brevemente pelos principais autores que construíram o mito bandeirante e autores opinam de alguns autores que criticam essas visões engrandecedoras. Após o fim da leitura, o estudante é desafiado a responder 5 perguntas sobre esse mito bandeirante.

4.1.7 História, Sociedade e Cidadania

O livro didático *História, Sociedade e Cidadania* com a 2ª edição do ano de 2012 focada no 8º ano do Ensino Fundamental II, respeitando o cronograma do PNLD de 2014, 2015 e 2016. O autor responsável é Alfredo Boulos Júnior, doutor em Educação pela PUC-SP, apresentando mais coleções de sua autoria, como *Construindo Nossa Memória* e *O Sabor da História*. A editora responsável é a Editora FTD S.A.

Já no sumário do livro didático, conseguimos identificar que o conteúdo é dividido em *Unidades* e a que é reservada aos bandeirantes encontra-se na *Unidade I: Cultura e Trabalho*, no *Capítulo 2 – A marcha da colonização na América portuguesa*. A obra é dividida em 16

capítulos, que são trabalhados mais temas da disciplina de História, como Iluminismo e Formação dos Estados Unidos da América.

Na página 28 inicia-se o *Capítulo 2*, como referido acima que dá destaque aos bandeirantes. Nesse panorama das duas primeiras páginas do capítulo, defrontamos com aspectos antecedentes do bandeirantismo, como a União Ibérica (1580 – 1640). O autor traz dois mapas do território do Brasil; o primeiro com vilas fundadas pelos portugueses e o segundo com o tratado de Madrid (1750) na ilustração.

Na página 31 do livro, logo de cara reparamos que serão trabalhados temas condizentes com os bandeirantes porque somos apresentados a uma ilustração de pessoas que supostamente compunham uma bandeira; índios, homens brancos e mamelucos empunhando armas brancas, de fogo e mantimentos numa trilha em uma mata. A menção de Getúlio Delphim é representando o criador da arte.

O autor destaca na página 32 que houve resistência dos nativos contra a escravização dos bandeirantes contra seus povos e as empenhadas que os bandeirantes participavam para combaterem quilombolas, como a bandeira de sertanismo de contrato, onde a mais conhecida foi a de Domingos Jorge Velho, responsável em destruir o quilombo dos palmares. O autor também dá espaço às outras abordagens como busca de metais preciosos que os bandeirantes estiveram envolvidos.

Na página 43, o autor elabora um exercício com o título *A imagem como fonte*, onde somos apresentados a um exercício que questiona como a imagem bandeirante é reproduzida. Há duas figuras; ambas com 16 cm X 8 cm de espaço, criadas por Ivan Wash Rodrigues, em que a primeira é a representação do bandeirante caracteristicamente “oficial”, onde tem botas, roupa de couro, armas de fogo e vários utensílios pessoais para enfrentar campanhas de combate ou trilhas. A segunda, representa um bandeirante, porém a sua representação é mais humilde, porque é caracterizado com 1 arma de fogo, descalço, roupas simples e um chapéu que seria de palha.

Abaixo das imagens, há 3 exercícios perguntado aos alunos de como é a representação das mesmas, que auxiliado aos textos passados, identifica-se um olhar mais humano para os bandeirantes. O autor desconstrói a imagem hegemônica que temos na grande parte da literatura. Na próxima página, 44, o autor reforça em dois textos que os bandeirantes sofriam as mais adversidades, como doenças e medos por enfrentarem caminhos muitas vezes desconhecidos.

4.1.8 Radix: Raiz do Conhecimento

O livro didático *Radix: Raiz do Conhecimento* com a 2ª edição do ano de 2013 focada no 7º ano do Ensino Fundamental II, respeitando o cronograma do PNLD de 2014, 2015 e 2016. O autor responsável é Cláudio Vicentino, bacharel e licenciado pela Universidade de São Paulo (USP). A editora responsável é a Editora Scipione.

Dentro do sumário da obra, conseguimos identificar os capítulos de forma colorida divididos em *Módulos*, divididos em 8. Em cada módulo há números variados de Capítulos. No Módulo 4, há o Capítulo 5: *A expansão Marítima Europeia*, que trata sobre a constituição da monarquia nacional portuguesa e o que levou a iniciar as grandes navegações.

No Módulo 8, temos o Capítulo 13: *As Fronteiras na América Portuguesa*, que trabalha com os estudantes sobre as expedições dos bandeirantes e a busca pelo ouro. Na página 256, no início do capítulo, há um grande quadro de Jean-Baptiste Debret, *Soldados índios de Curitiba escoltando selvagens* (1834) ocupando metade da página do livro e outra parte constituída por um texto do que será trabalhado no quadro.

Na página seguinte, há 3 imagens; a primeira sobre o monumento às Bandeiras, no parque do Ibirapuera, em São Paulo; o segundo da estátua de Borba Gato, exposta em Santo Amaro, em São Paulo; a terceira, uma pintura de Benedito Calixto, do século XIX, representando o bandeirante Domingos Jorge Velho. Após as imagens, existem 3 perguntas que propõem a questionar o leitor de como são reproduzidas as imagens dos sertanistas e pede para que dê sua opinião sobre elas.

Com as páginas seguintes, existem textos sobre o processo de expansão do território português na América com poucas citações aos bandeirantes, como menção sobre suas expedições terem apossado territórios além tratados de Tordesilhas. A escrita foca mais em questões econômicas, com a comercialização de drogas do sertão.

Logo na página 260, o título *As expedições dos bandeirantes*, traz ao leitor o lugar que partiram essas expedições nos decorrer do século XVII. Há um texto interessante sobre os “heróis nacionais” que trata sobre a mudança da perspectiva que os moradores da capitania de São Vicente tiveram no século XIX por parte de escritores. Mas no texto, diz que há uma mudança desses discursos hegemônicos, como a aceitação que os bandeirantes agiam em campanhas de violência contra inimigos.

O autor traz as campanhas de caça aos nativos que percorreram grandes distâncias para o interior da América do sul em busca de missões jesuíticas e comunidades indígenas com o intuito de escravizar pessoas. Na mesma página (261), há uma ilustração de dois bandeirantes

bem vestidos, tipicamente lembrados atualmente com grandes botas e armamento de guerra, entre um mapa do Brasil, ilustrando os principais bandeirantes de ataques às missões jesuíticas.

Na página 262, 263 e 264, a presença dá de nomes bandeirantes são comuns, como Fernão Dias Paes, Bartolomeu Bueno da Silva Filho e Manuel de Borba Gato, que durante parte da vida, fizeram empreendimentos em busca de metais preciosos e diamantes. Os textos são focados em uma constituição de questões políticas e econômicas referenciando-se a expansão territorial brasileira durante as décadas de exploração aurífera. A criação da capitania de Minas Gerais após a guerra dos Emboabas é apresentada aos leitores.

4.1.9 Vontade de Saber

O livro didático *Vontade de Saber* com a 3ª edição do ano de 2015 com foco no 7º ano do Ensino Fundamental II, respeita o cronograma do PNLN de 2017, 2018 e 2019. O autor responsável é Marco César Pellegrini, professor graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR), Adriana Machado Dias, professora graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR) e Keila Grinberg, doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ). A editora responsável é a Editora FTD S.A.

No sumário da edição, encontramos 12 capítulos sobre os temas referentes ao conteúdo de História. Dentro do último, cujo título é *A expansão das fronteiras da Colônia portuguesa*, conseguimos encontrar na página 260, o tema é sobre os bandeirantes. Durante o espaço focado em trabalhar o tema dos bandeirantes, conseguimos notar que há mais textos do que imagens para os leitores.

Na página 260, o título de início é *o bandeirantismo*, que tem mais dois subtítulos. Nos parágrafos, encontramos textos explicando o surgimento e a composição das bandeiras. O autor tentou enfatizar que houve uma grande procura por metais preciosos pelos sertanistas nas bandeiras de prospecção, que foram as responsáveis em encontrar metais preciosos no interior do Brasil.

Há três imagens alusivas ao bandeirantismo na página 260 e 261, que tentam demonstrar nos textos informativos que as bandeiras eram expedições que percorreram caminhos difíceis e quase inéditos para os sertanistas. Uma das imagens, é reforçada com um texto com 8 linhas sobre a imagem dos bandeirantes que seriam supostamente retratados usando botas longas, longos chapéus e bem equipados, sendo uma ressignificação histórica. Nas próximas páginas, não há nada de grosso em citações sobre os bandeirantes diretamente.

Outra menção que temos sobre os bandeirantes, podemos encontrar na página 264, que há explicando brevemente o que foi a Guerra dos Emboabas em 3 parágrafos, seguidos de uma imagem da estátua do bandeirante Borba Gato que ocupa quase a metade da folha, sem haver questionamento dela estar ali.

Os textos a seguir, seguem a maneira que houve a formação de um mercado interno e criação de vilas no interior do Brasil. Só na página 283 que são estipulados exercícios para os leitores que temos a temática dos bandeirantes. Na página 285, temos um exercício interessante, que o autor cria perguntas tentando elucidar o leitor que os bandeirantes tiveram uma construção por boa parte dos tempos com por autores e especialmente pintores que tentavam engrandecer a aparência dos sertanistas.

De forma conclusiva, a obra *Vontade de Saber* trabalha brevemente com os estudantes a constituição dos bandeirantes e sua importância na história, dando mais foco as questões que são comuns para entendermos o presente país. Há uma preocupação para o autor em definir e esclarecer de qual forma o Brasil deteve suas marcas territoriais com movimentos mais abrangentes, não dando os créditos apenas aos bandeirantes.

4.1.10 História, Sociedade e Cidadania

O livro didático *História, Sociedade e Cidadania* com a 3ª edição do ano de 2015 com foco no 8º ano do Ensino Fundamental II, respeitando o cronograma do PNLD de 2017, 2018 e 2019. O autor responsável é Alfredo Boulos Júnior, doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A editora responsável é a Editora FTD S.A.

Os autores devem seguir certos conteúdos obrigatórios, como os “Objetos de Conhecimento” e as “Habilidades”, encontradas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para melhorar e até facilitar a transmissão dos conteúdos para os estudantes. Os mesmos autores encontram possibilidades desse compartilhamento de forma simples e eficiente, de acordo com as edições feitas e seguindo os PNLD. Assim, os temas dos bandeirantes são encaixados no 7º ano e outras vezes no 8º ano, variando de editora, publicação e conteúdo obrigatório do governo. A obra relata sobre as bandeiras no 8º ano; já a anterior descrita, foi no 7º ano.

A obra é dividida em *Unidades*, que na unidade 1 temos 2 capítulos e no *Capítulo 2 – A marcha da colonização na América portuguesa*, temos um trecho específico para os bandeirantes.

Na página 36 da obra, identificamos os textos explicando as bandeiras e quais eram as localidades que elas se formavam. Segundo o livro, grande parte dessas empreitadas era

oriundas da vila de São Paulo, dessemelhante a realidade que a monocultura dominava o nordeste brasileiro; principal foco econômico português na América.

Temos os textos do autor descrevendo que os bandeirantes participaram de diversas formas de acúmulo de riquezas em suas campanhas na mata adentro, seja pela caça ao índio, comércio ou a busca inconstante de metais preciosos. É interessante citarmos que no livro há a resistência nativa, caracterizada por conflitos contra esses mesmos sertanistas.

Especificamente, apenas na página 36 e 37 que o autor trabalha detalhadamente os bandeirantes, já que as outras páginas são de temas referentes ao processo de interiorização e ocupação colonial no Brasil, sem citar forçadamente a influência bandeirante.

Voltamos a localizar algumas citações em um texto da página 43, que o foco é a rebelião que nativos tiveram sobre o processo de colonização, conflitos que foram comuns, porque havia disputas bélicas entre os nativos e os colonos pela posse da terra ou escravização. Outra citação do autor, é na página 47, que temos alguns exercícios para os alunos fortalecerem o aprendizado dos bandeirantes na realidade, responderemos questões elaboradas ao tema. Sobre os bandeirantes, o autor volta com menção curta na página 56, relatando em dois parágrafos a guerra dos Emboabas. Esse conflito se deu devido a disputa entre paulistas e índios de outras regiões que se instalavam na região das minas de ouro.

4.1.11 História.doc

O livro didático *História.doc* com a 1ª edição do ano de 2015 com foco no 8º ano do Ensino Fundamental II, respeitando o cronograma do PNLD de 2017, 2018 e 2019. Os autores responsáveis são Ronaldo Vainfas, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Jorge Ferreira, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Sheila de Castro Faria, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e Daniela Buono Calainho, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. A editora responsável é a Editora Moderna S.A.

De início no sumário da obra, conseguimos identificar as matérias trabalhadas no livro didático. Ela é dividida em 6 unidades, subdivididas em *Capítulos*. Já na *Unidade 1*, no *Capítulo 4*, somos apresentados a questões dos bandeirantes, porém, vale frisar que o tema é referido apenas com uma linha.

Na página 62 do livro didático, temos um título chamado *Expansão Ibérica*, que somos apresentados em um parágrafo com 5 linhas da união das cortes ibéricas. Abaixo, há um subtítulo assim: *Expansão bandeirante*. Nele há um parágrafo explicando sobre as bandeiras.

Os autores trazem algumas dicas extracurriculares sobre os bandeirantes, como o site da TV Brasil.

Na página 63, há uma atividade proposta no livro que traz a imagem de uma representação dos bandeirantes. Nela, eles são representados com vestem inadequadas para as entradas nas matas muitas vezes fechadas; essas roupas, são grossas, botas longas e equipados com grandes chapéus. No exercício, estipula que os alunos levem em consideração os humanos a segundo plano, que são nativos que estavam escravizados pelos bandeirantes. O autor pede para que o leitor faça uma descrição da representação dos nativos. Na mesma página, há um texto aludindo à atuação bandeirante e sua herança, que foi a expansão do território português dentro do espanhol. Também é incluso um mapa do Brasil, por supostas rotas bandeirantes, como a busca de metais preciosos e apresamentos de nativos para serem vendidos como escravos nos engenhos de açúcar.

Ademais, há a breve citação do bandeirante Domingos Jorge Velho, no texto sobre a destruição do quilombo dos palmares. Na página 75, há uma questão para os alunos responderem sobre a representação dos bandeirantes. A pergunta, é elencada o bilhete da loteria federal, que foi emitido no ano de 1971, estampando o rosto do bandeirante que liderou a destruição de Palmares, aludindo a um herói. Nas duas perguntas seguintes, o autor pede que os alunos façam a leitura crítica da imagem e como ela foi representada, tendo como foco a questão bandeirante na representação que se aproxima a um imaginário que a maioria dos alunos não apresentam sobre a questão do bandeirantismo.

Em conclusão, o livro didático *História.doc* cita brevemente sobre os bandeirantes, diferentes de outras obras que fazem uma análise detalhada dos bandeirantes, suas campanhas e quais são as heranças que temos nos dias atuais.

4.1.12 Projeto Mosaico

O livro didático *Projeto Mosaico* com a 3ª edição do ano de 2016 com foco no 7º ano do Ensino Fundamental II, respeitando o cronograma do PNLD de 2017, 2018 e 2019. Os autores responsáveis são Cláudio Vicentino, bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e José Bruno Vicentino, bacharel e licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). A editora responsável é a Editora Scipione.

Nas páginas iniciais somos apresentados ao *Sumário* da obra. Nele, há a divisão por módulos, que somados são 8. No *Módulo 6: O povoamento e a delimitação da América*

portuguesa, encontramos divisões por *capítulos*, e conseguimos identificar no *capítulo 12: as fronteiras na América portuguesa* o diálogo sobre os bandeirantes.

Na página 220 e 221 temos uma foto que ocupa as duas páginas. Essa imagem é sobre o *Monumento às Bandeiras*, localizado na cidade de São Paulo, criado em 1954 por Victor Brecheret. Também há um parágrafo sobre as questões envolvendo os bandeirantes, como a caça de nativos e a destruição de aldeias.

No *Capítulo 12: as fronteiras na América portuguesa*, na página 244, há a famosa imagem de Jean-Baptiste Debret intitulada *soldados índios de Curitiba escoltando selvagens* (1834), e duas perguntas que questionam a forma que os escravizados foram retratados.

Sobre as expedições bandeirantes, na página 247, na obra didática, o autor traz um texto sobre as entradas no interior do Brasil e teve grande responsabilidade em aumentar o território nacional. Há um texto interessante sobre a imagem criada sobre a perspectiva de “heróis” que temos atualmente no fim da página.

E na página 248, temos um título sugestivo a caça de nativos pelos bandeirantes para serem escravizados e utilizados como mão de obra forçada na perspectiva colonial do início da colonização portuguesa na América. Não é deixado de lado a idealização dos bandeirantes, já que o autor traz duas representações de supostos bandeirantes, encapuzados e com vestimentas longas, inadequadas para as campanhas nas matas.

A página 250 é exclusivamente focada na busca e achamento de metais preciosos no interior do Brasil pelos bandeirantes. Diversos sertanistas participaram das entradas e conflitos com tribos nativas com o objetivo de encontrarem as jazidas de ouro e pedras preciosas. A frente, na página 251, os parágrafos complementam os anteriores citando outros confrontos, como a Guerra dos Emboabas (1707-1709).

Finalizando a escrita sobre os bandeirantes, na página 252, temos um texto sobre as bandeiras de contrato, que eram expedições para destruir ou capturar quilombolas. São poucos os exercícios que o autor traz do tema dos bandeirantes. Na página 255, existem 3 questionamentos para refletir sobre as bandeiras, considerando que essas análises são importantes para os estudantes, já que os mesmos estão conhecendo a história do país.

4.1.13 Inspire História

O livro didático *Inspire História* com a 1ª edição do ano de 2018 com foco no 7º ano do Ensino Fundamental II, respeitando o cronograma do PNL D de 2020, 2021, 2022 e 2023. Os autores responsáveis são Gislane Campos Azevedo Seriacopi, mestra em História Social pela

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Reinaldo Seriacopi, bacharel em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). A editora responsável é a Editora FTD.

No sumário são apresentadas as matérias que serão trabalhadas. A obra é dividida em *Unidades* e na *Unidade 4: deslocamentos populacionais* são apresentados na página 200 ao título; *Os bandeirantes no sul da colônia*. Nesses textos os autores decidiram elaborar os textos referentes à atuação dos bandeirantes na história do Brasil.

Com o primeiro espaço reservado às discussões dos bandeirantes, notamos um texto com 4 parágrafos que o autor explica sobre a situação que vivia os habitantes da capitania de São Vicente no em meados do século XVI, justamente que a mesma capitania foi berço dos bandeirantes. No mesmo texto, há a explicação da utilização de mão de obra escrava na capitania. Ilustrando a presença dos bandeirantes na criação de vilas, há uma igreja católica na cidade de Laguna no Estado de Santa Catarina fundada por bandeirantes. Na página 201, há um texto cujo título é *o impacto das bandeiras* que trabalham sobre a expansão do território português derivado das expedições de conquistas bandeirantes; seja pela busca de metais preciosos ou o apresamento de nativos transformando-os em cativos. Havendo um mapa do território da América do sul com alguns trajetos percorridos por bandeirantes.

É interessante ressaltar que na página 202 há um texto e 7 questionamentos sobre uma pintura famosa do bandeirante Domingos Jorge Velho e seu ajudante Antônio Fernandes de Abreu (1903) de Benedito Calixto que ocupa quase a totalidade da página 203. O autor nos questionamentos traz uma análise sobre a pintura, que traz questionamentos sobre a verdadeira realidade dos bandeirantes e a que foi retratada na obra.

Uma cogitação vai de encontro com as armas utilizadas para abrirem mata, já que há uma faca muito fina em sua cintura segurada por uma bainha, inadequada aos grandes facões utilizados para abrir mata nas suas trilhas. A grande capa também não condiz com a realidade de ser utilizada por sujeitos que estariam tempos reclusos nas matas.

O autor traz na página 206 três perguntas para os estudantes responderem sobre as perspectivas dos bandeirantes e se o leitor acredita que a obra de arte é uma reprodução fiel da realidade dos habitantes da capitania. Outra menção aos paulistas é encontrada na página 210, que traz o período do ciclo do ouro e que acarretou a Guerra dos Emboabas (1707-1709).

4.1.14 História, Escola e Democracia

O livro didático utilizado por nós durante a aplicação do OA é a obra *História, Escola e Democracia* com a 1ª edição sendo de 2018 para o 7º ano do Ensino Fundamental II, seguindo os parâmetros do PNLD de 2020, 2021, 2022 e 2023. Os editores responsáveis são Flávio de Campos doutor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), Regina Claro, mestre em Ciências na área de História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Miriam Dolhnikoff doutora em Ciências na área de História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). A editora responsável pela publicação é a Editora Moderna LTDA.

No sumário, é demonstrado que a obra é dividida em 10 capítulos e o capítulo 7 cujo título é *a conquista colonial portuguesa* encontramos o tema dos bandeirantes. Na página 153, temos um título *Entradas e Bandeiras* que traz sobre as expedições que em sua maioria eram em busca de mão de obra escrava e as bandeiras, feitas por particulares. Já na página 154, há um texto com título *pequenas e grandes expedições* que cita o bandeirante Antônio Raposo Tavares em 1629 que capturou ameríndios.

Abaixo do texto, há outro título: *São Paulo, terra dos bandeirantes* que explica que os moradores procuraram outras maneiras de conseguirem mão de obra para suas empreitadas.

O autor traz na página 155 um texto sobre aspectos dos bandeirantes aderidos a duas imagens; a primeira sobre a estátua do bandeirante Borba Gato localizada na avenida Santo Amaro; a segunda da pintura de Domingos Jorge Velho do pintor Benedito Calixto. Há duas perguntas para os leitores responderem, aludindo às questões de como enxergam a imagem bandeirante nos dias atuais.

Certa maneira, há um questionamento sobre a presença hegemônica de que os sertanistas são “heróis” e estimula os estudantes a refletirem sobre essa imagem nos dias atuais, com base nos textos e nas figuras trazidas no livro.

4.1.15 Conclusões

Conseguimos encontrar algumas percepções resultado da análise das 13 obras que trouxemos para o leitor, entendendo mais sobre o processo do expansionismo português na América. Fato marcante que os textos e os focos mudam durante as edições serem novas.

Para nós, ficou evidente que muitas vezes os autores focam em temáticas e outros temas não são tão bem trabalhados. Para exemplificar didaticamente, os bandeirantes em algumas

obras eram destaque, outras os jesuítas e outras os colonos ficavam responsáveis em aumentar as possessões portuguesas no continente.

Os livros foram as nossas fontes primárias, sendo essenciais para que conduzissem estudos sobre o momento histórico que decidimos analisar. O entendimento sobre esses livros é preciso para entender que os próprios autores são resultados de características de sua época. “Inversamente, todo gesto criador inscreve em suas formas e seus temas uma relação com as estruturas fundamentais que, em um momento e um lugar dados, modelam a distribuição do poder, a organização da sociedade, a economia da personalidade.” (Chartier, 2002, p. 93).

É importante que entendamos que os agentes da escrita, são pessoas que estão compartilhando suas visões de mundo. Essas mesmas edições são impressas milhares de vezes e para juntar numa obra, há a necessidade de o poder econômico dar respaldo para esses escritores, fazendo com que suas ideias sejam alavancadas para pessoas que estão vinculadas às repartições públicas.

O poder simbólico como poder de constituir o, dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (Bourdieu, 1989, p. 14).

Nesse contexto, o poder pode ser instituído de diversas maneiras, como nos livros didáticos que são retratos das intencionalidades de seus formuladores. O poder que temos nos livros é um reflexo também da sociedade que estamos vivendo. Discursos de colonialismo, racismo, desigualdades, etc; podem e devem ser tratados de forma justa em seus parágrafos.

Há a necessidade dos órgãos responsáveis em examinar essas obras estarem alinhados com discursos atuais da sociedade brasileira. O MEC, através das duas décadas que trouxemos essas obras, fez melhorias no critério de selecionamento dos livros, mostrado nas edições, já que elas apresentam cada vez mais uma pluralidade dos sujeitos que estão presentes nas edições.

A imagem bandeirante é construída através de sujeitos que aproveitaram o momento histórico específico para cometerem uma “melhoria” dessa visão elitista que era sobrepunha da mais verossímil do momento histórico que os bandeirantes viveram. Os sertanistas não foram os únicos a expandirem as posses portuguesas para dentro do continente americano.

Trazer esse diálogo e analisar as obras em concomitância com o espaço temporal de duas décadas, pode ajudar a encontrar esse discurso mais transparente para o leitor. Induzindo ao primeiro passo que são obras didáticas, resultado de políticas governamentais, presentes na

vida dos estudantes e os mesmos a criticarem os discursos hegemônicos. O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, (...) que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. (Bourdieu, 1989, p. 188).

O expansionismo do império português na América, foi resultado de vários agentes sociais para a corte portuguesa expandir seu território; negros, nativos, religiosos e colonos brancos estiveram atuantes no período descrito. É dever do professor trazer esses discursos para sala de aula e também é necessário que se possa construir uma criticidade dos estudantes para temas da história brasileira.

5 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZADO

5.1 APRESENTAÇÃO

Nesses capítulos descreveremos os embates e discussões que tivemos da construção do Objeto de Aprendizagem (OA), sendo uma exigência do programa Mestrado Profissional em História Ibérica (UNIFAL-MG). Aqui mostraremos que o material desenvolvido foi de forma virtual, sendo de maneira que pudesse mesclar a pesquisa e o aprendizado para os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II.

O intuito do OA foi constituir um caminho para auxiliar o professor a ensinar a matéria da expansão portuguesa, formulando mapas em folhas de sulfite A4 com os estudantes. A formulação dessas atividades será melhor explicada à frente. A ideia principal do Objeto de Aprendizagem (OA), é uma forma organizada para o compartilhamento de informações que possam ajudar os professores do Ensino Fundamental II em suas jornadas de trabalho, na elaboração, desenvolvimento e compartilhamento da matéria sobre a expansão portuguesa na América.

Dentro do software Exelearning, que é disponível gratuitamente na internet para auxiliar professores e acadêmicos na publicação de conteúdo web, construímos e elaboramos a maneira que o professor conduzirá na condução de sua matéria para explicar a expansão portuguesa para os estudantes. Relembrando que esse programa favorece aos professores compartilharem conteúdos com viés educacional e aumentar seu alcance mostrando novas práticas educacionais.

Dividimos o Objeto de Aprendizagem em tópicos para melhor organização e entendimento sobre ele. O leitor conseguirá entender o que é o OA através de por meio de conteúdos e atividades organizadas em seção. As seções explicam a fundo de como trabalhamos em sala de aula a formulação dos mapas com os estudantes. A linguagem utilizada na estruturação do OA é voltada aos professores.

A pesquisa em História ajuda a academia e se faz presente no cotidiano escolar das pessoas que estão vinculadas diretamente e indiretamente nela. Os historiadores estudam vários temas e um exemplo primordial para entendermos a estrutura social do nosso país, é no fenômeno da expansão do império português; ele aparece no ensino escolar. Dentro da sala de aula há temáticas que ensinamos aos estudantes como o expansionismo português.

Uma das mudanças possibilitadas através das conversas com os colegas professores, porque sou um profissional licenciado em História, acredito que seja no objeto de pesquisa

encaminhado à frente. Trabalhamos o aumento territorial lusitano e com a imagem dos bandeirantes para os alunos na matéria de Brasil Colonial. A proposta a seguir baseia-se na elaboração de uma forma simples de ensinar dentro da sala de aula a matéria da expansão portuguesa. Ajudaremos os professores a terem ideias para juntar sua maneira de ministrar as aulas a aplicarem o conteúdo citado.

Para fundamentar a escolha do público alvo do objeto de aprendizagem desenvolvido e do tópico da disciplina de História em que o OA pode ser utilizado, consideramos o Currículo Referência de Minas Gerais é um documento elaborado com base em fundamentos educacionais pautados na Constituição brasileira de 1988, dentro da Lei de Diretrizes. As práticas já utilizadas em todo o país fornecidas por professores são eficientes¹, porque há décadas de exposições, discussões e profissionais envolvidos com a educação escolar e acadêmica. A utilização de formas coesas em ensinar a História da expansão portuguesa dentro da disciplina de história do Brasil, é proeminente nos livros didáticos por profissionais sérios, principalmente após o fim do regimento militar em 1985.

A proposta desse Objeto de Aprendizagem não é especificamente discutir as formas cujo os professores abordam ou como eles ensinam a expansão do domínio português ou os bandeirantes em sala de aula, mas oferecer uma prática diversa que possa encarar os imprevistos do seu ofício de educador. Fica evidente que a presença em sala de aula traz diversas adversidades, relatadas por sujeitos que estão encarando os alunos frente a frente. “E essa incerteza, muitas vezes, transforma o professor num profissional que vive numa situação amargurada, que vive numa situação difícil e complicada pela complexidade do seu trabalho, que é maior do que no passado.” (Nóvoa, 2001).

Conseguir sentir na pele as dificuldades de ensinar um tema que seu desenrolar aconteceu há mais de 200 anos, incumbe ao professor refletir sobre suas práticas ortodoxas que aprendeu na graduação.

A maneira que trabalhamos os temas da expansão portuguesa na América dentro da sala de aula, estamos esbarrando em questões pertinentes sobre nosso ofício. Sintetizar o conteúdo e elaborar maneiras de atravessar adversidades é poder contribuir para uma educação progressista. Tratando de uma forma política, técnica e social, já que nossa escolha “do que é ensinado e do como ensinar é uma decisão fundamentalmente político-cultural e educativa. (...) Nossa opção historiográfica está intimamente relacionada à nossa postura diante do mundo, do conhecimento e da educação.” (Fonseca, 2009, p. 44-45).

¹ MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Minas Gerais, 2018.

Aventurar em temáticas que auxiliem a compreensão dos alunos, não é fugir de parâmetros pré estabelecidos por leis já existentes, afinal, ser democrático não é fazer tudo o que quer; é fazer tudo dentro do que é permitido em fazer. “Um primeiro aspecto a ser ressaltado é que fica claro que o professor não faz a transposição didática, mas sim trabalha no seu domínio.” (Gabriel, 2019, p. 6).

Unir o útil ao agradável favorece que somos bons resultados; professores são essenciais na sociedade em que vivemos e por isso temos que propiciar formas que esses profissionais melhorem suas práticas em sala. A escola conta com livros que auxiliam o desenvolvimento das temáticas que os professores necessitam em trabalhar, porém o profissional deve ter em mente que não é apenas a única ferramenta que deve utilizar.

Não há nenhuma acusação nesse OA de querer mudar as formas já estabelecidas de ensino nas escolas. O professor tem maneiras de atender suas perspectivas pessoais utilizando de caminhos já estabelecidos por órgãos educacionais, ensinando o conteúdo proposto, como na Base Nacional Comum Curricular, unindo sua autonomia dentro da sala de aula ao conteúdo exigido por órgãos governamentais, como o MEC. A forma que o professor exerce suas aulas, são seguindo normas condizentes com a dignidade do profissional junto a esfera pública e a comunidade escolar.

Exercer de forma justa, inovadora e dentro dos parâmetros legais, não é causar desagrado a quem quer que seja, nosso intuito é com práticas que inovem o trabalho e eleve ao máximo o aprendizado dos alunos será benéfico. Há leis que favorecem o profissional dentro do ambiente de trabalho, deixando aberto a exercer de maneira que possa alavancar o aproveitamento e cada vez mais a participação dos alunos no processo educacional.

A construção que os alunos têm em suas vidas é resultado de como eles vivem seu cotidiano. Sua bagagem é exercida dia-a-dia em sala e o professor pode já utilizar dessas características para inovar na sua transmissão de conhecimento.

As novas interpretações sobre a aprendizagem conceitual e a importância das interferências sociais e culturais nesse processo erigiram o aluno ou o aprendiz e seu conhecimento prévio como condição necessária para a construção de novos significados e esquemas. Como consequência, a psicologia social passou a contribuir para a reflexão acerca das sequências de aprendizagens, partindo do conhecimento prévio dos alunos. No que se refere ao conhecimento histórico, essa posição torna-se ainda mais relevante. Levando em conta as experiências históricas vividas pelos alunos e as apreensões da história apresentada pela mídia – cinema e televisão, em particular – por parte das crianças e dos jovens em seu cotidiano. A História escolar não pode ignorar os conceitos espontâneos formados por intermédio de tais experiências. (Bittencourt, 2008, p. 189).

Visando cada vez mais a participação de um número maior de sujeitos no aprendizado, lidar com seres humanos é mais que apenas transmitir o conhecimento, mas há a necessidade de encaixar, em vez de segregar. De fato, há alunos que têm facilidade em matérias específicas. Humanamente é impossível um único aluno ser sempre bom ou tirar um “10” em todas as disciplinas, continuamente, porém ser um bom aluno é alcançável. A sociedade humana é feita de traços distintos e diferentes que moldam quem somos.

O adolescente tem em média 11, 12 ou 13 anos, seguindo a idade escolar adequada para o 7º ano, “almeja um ensino significativo de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana,” (Caimi, 2007, p. 18), como base no aparato que esteja em suas mãos. Fazer a História em um olhar que atenda os anseios dos estudantes, é poder utilizar recursos que estão além do livro didático e o caderno que é utilizado corriqueiramente por eles.

Antes mesmo de iniciar o processo de demonstração do objeto de estudo, é importante salientar que a pesquisa se dará com base no Currículo Referência de Minas Gerais. Esse documento elaborado com base em vários fundamentos educacionais que atendem a Constituição Federal, dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), no Plano Nacional de Educação (PNE/2014), na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) e a partir do reconhecimento e da valorização dos diferentes povos, culturas, territórios e tradições existentes em nosso estado. (Minas Gerais, 2019, p. 2).

Exposto algumas justificativas para a elaboração do Objeto de Aprendizagem, a maneira de como será feita na prática, se dará adjacente com a aplicação da matéria na grade curricular, por isso é obrigatório ser no 7º ano do ensino Fundamental II, porque onde é aplicada a matéria dos bandeirantes, dentro da expansão portuguesa para o interior da América. Haverá a escrita no quadro, respeitando as normas internas da escola e da BNCC, utilizando mapas feitos pelos alunos dentro do conteúdo sobre os bandeirantes. Podendo ser feito a interlocução com o aspecto do livro didático, quadro, alunos produzindo e participando da construção do próprio saber aliadas as orientações do professor, dentro de parâmetros assegurados por lei.

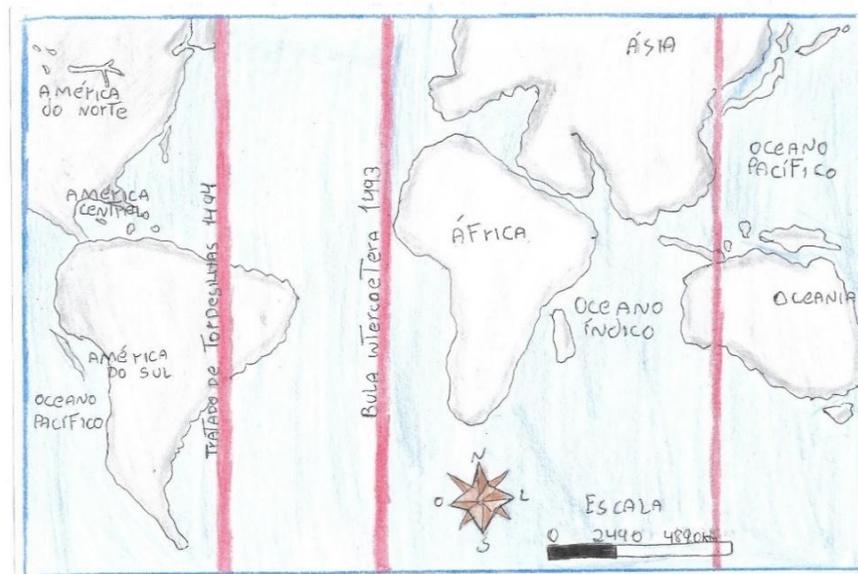
A proposta feita na prática em sala de aula, é dentro da matéria do Brasil Colonial (1500 – 1815) e respeitando o tema central do projeto no PPGHI, cujo título é “Entre o Mito e a Realidade: as imagens da ação bandeirante para a expansão do império português veiculadas nos livros didáticos”.

Desenvolvemos os passos no programa Exelearning, editando conteúdo para o professor ensinar as turmas do 7º ano uma forma que eles possam participar da criação do seu conteúdo. Deixando um pouco de lado apenas a visão do professor conteudista, somando os saberes da

disciplina com os saberes da docência na construção do saber, já que os adolescentes não sairão historiadores no fim do Objeto de Aprendizagem, “cuja intenção maior é de desenvolver uma autonomia intelectual capaz de propiciar análises críticas da sociedade em uma perspectiva temporal, conforme já se disse anteriormente.” (Bittencourt, 2008, p. 327).

A pretensão do Objeto de Aprendizado, gira em torno do professor ensinar os alunos a fabricarem mapas em folhas de sulfite A4 (deixando dados para o leitor facilitar sua compreensão), de acordo que o conteúdo do Brasil Colonial seja aplicado em sala de aula. Dentro do programa Exelearning, foi editado e deixamos várias “atividades” que ali se seguindo passo a passo, o professor poderá maneiras de transmitir conhecimento para seus alunos. Abaixo temos um exemplo do mapa criado em sala:

Imagem 1 - mapa feito por um estudante na aplicação do Objeto de Aprendizagem



Fonte: acervo pessoal do autor.

Os mapas são usados, neste processo de construção, para que os alunos tenham uma dimensão de dados geográficos que o globo, América e Brasil apresentam de forma mais simples possível. Fica perceptível a orientação e entendimento sobre a grandeza de dados geográficos, noção de espaço e tempo de alguns alunos. Nem todos os alunos, não há muita importância em detalhar bem o globo, porque corriqueiramente não sabem exatamente as dimensões de cada país.

Por meio da aplicação, aplicação da matéria no quadro, e registrada na internet com o programa Exelearning, possibilita que a leitura e com a utilização do livro didático seja concretizada. O professor poderá acompanhar nas “atividades” desafiamos os alunos a

produzirem pequenos mapas para absorção melhor do conteúdo trabalhado. A expansão marítima ibérica foi afirmada através de tratados (exemplo é o de Tordesilhas), e ao momento que os alunos desenham, estão automaticamente produzindo conhecimento da perspectiva que absorveram o conteúdo.

Para a realização das atividades propostas nesse OA, sugere-se a utilização de folhas de sulfite A4 são de 21 cm X 29,7 cm disponibilizadas pelas escolas, serão divididas em duas partes, com aproximadamente 21 cm X 15 cm. Dentro dessas partes, serão desenvolvidas exclusivamente por alunos os mapas aludindo o conteúdo aprendido. Dessa forma fica mais interativa a aula, já que têm a utilização de materiais como lápis de cores, régua, ajuda dos colegas, utilização do livro didático e a interação maior entre professor e alunos. Além do conteúdo criado pelo professor, podemos focar em utilizar “produções feitas pelos alunos, constituídas de textos escritos diversos, como dissertações monografias, narrativas, relatórios ou esquemas, painéis, jogos, mapas, maquetes, etc.” (Bittencourt, 2008, p. 299).

O livro didático foi utilizado por nós durante a construção do OA, que é a obra *História, Escola e Democracia* com a 1ª edição sendo de 2018 para a 7º ano do Ensino Fundamental II, seguindo os parâmetros do PNL D de 2020, 2021, 2022 e 2023 já citada anteriormente, servindo de base para editarmos o OA no Exelearning. Como os alunos utilizam essa edição, ficou fácil eles terem acesso a eles.

5.2 CONDUÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

As atividades propostas na nossa escrita são resultadas elaborados com base nos estudos do PPGHI, diálogos com os professores, orientador e colegas. Construir um estudo apto a ser admissível nos parâmetros acadêmicos, leva meses de debates, leituras e escrita; sendo um caminho que é elaborado forma construtiva.

Apresentar condições que possam favorecer que o professor atue em sala de aula alavancando seu potencial educacional com os alunos e ajudando a comunidade escolar e todos que estejam envolvidos com ela. Uma pesquisa não é feita do dia para a noite e precisamos de longos tempos de pesquisa.

No princípio na nossa escrita, a elaboração do Objeto de Aprendizagem (OA) foi feito no Exelearning e iremos mostrar passo a passo como foi feita. O intuito maior é agregar conhecimento para o cotidiano dos estudantes e assim formulamos uma maneira mais adequada a nossa realidade que pudéssemos juntar a matéria da expansão do império português com a matéria do PPGHI da Unifal-MG.

A internet é uma das maneiras que nós professores podemos utilizar para aumentar a produção de nossas maneiras de ensinar História. É sabido que ela pode alavancar a curiosidade dos estudantes para conseguirem olhar de maneira mais agradável o conteúdo de que é ensinado nas escolas. No século XXI, temos várias tecnologias inclusivas e públicas. Utilizar de forma consciente é favorecer uma educação cada vez mais democrática.

Quando bem utilizados, os OAs podem ser grandes aliados do processo educativo. É necessário, para isso, que o professor tenha clareza dos objetivos que deseja alcançar e, em seguida, pesquise, selecione e defina boas estratégias de utilização dos OAs em suas aulas, de forma a atender aos seus objetivos. (Braga, 2014, p. 20).

Dentro desse pensamento, conseguimos partir que o desenvolvimento dentro da sala de aula do OA é agregar formas lúcidas para os estudantes compreendem a matéria que está sendo trabalhada com eles. “O exercício da docência consiste no domínio, na transmissão e na produção de um conjunto de saberes e valores por meio de processos educativos desenvolvidos no interior do sistema de educação escolar.” (Fonseca, 2009, p. 63). Nessas características descritas até aqui, favorecemos o diálogo com os estudantes e elaboramos uma maneira que eles possam compreender nosso objetivo de ensinar o expansionismo do império português na América. Nessa autonomia em proporcionar novas táticas de ensinar história e que os estudantes tenham assimilação do conteúdo aprendido, tentamos fazer contornos de para adequar-se a realidade social dos indivíduos.

Nas últimas décadas, os processos de mudança social e as políticas de transformação educativa têm feito com que os requerimentos para o desempenho dos professores sejam mais complexos e exigentes. Os docentes em geral, não só os que atuam na disciplina História, são hoje chamados a exercer o seu trabalho com níveis mais altos de autonomia, o que traz novas e maiores exigências, muitas das quais de caráter burocrático. Exige-se do professor disposição (e competência) para trabalhar de forma integrada a outras disciplinas e áreas do conhecimento, uma vez que o trabalho docente é de natureza social. (Caimi, 2015, p. 109).

O professor encontra mais afazeres do que apenas transmitir seu conhecimento enquadrados para os alunos; é professor, aluno, acadêmico, etc. Seu papel de transmitir conhecimento as vezes é deixado de lado. Esse olhar da sociedade, aumenta as cobranças que partem dos mais variados lugares para o profissional e ele se sente pressionado em atendê-las. Essa cobrança de alguns setores muitas vezes é sentida na sua profissão. Aliado às tecnologias atuais, surge a necessidade de o educador encontrar possibilidades que possam favorecer seu compartilhamento de saber e atenuando um pouco dessas cobranças.

Assim, o resultado da pesquisa nos livros didáticos nessas duas décadas seguindo os que foram distribuídos e usados nas escolas públicas que temos dados e que já foram expostos nessa

escrita, evidencia que em grande parcela deles já uma existência de “regra” quase que oficial em trabalhar sobre a expansão do império português adjunta aos bandeirantes; Utilização de desenhos, discursos historiográficos (que são importantíssimos), leitura de textos, análise de imagens e etc. Esse jeito de trabalhar com os alunos não é errado, pelo contrário, desde que haja uma crítica construtiva que indague ao aluno elucidar o tema, sempre será bem-vinda essa abordagem.

Estamos dizendo que o professor pode sim utilizar de novas formas de aplicar seu conhecimento na sala de aula. Ter ajuda de outras táticas educativas pode ser fundamental para cumprir seu papel. Ser historiador e docente ao mesmo tempo é o profissional que consegue aliar os “conhecimentos históricos, resultantes de suas pesquisas, à docência em história, com vistas a propiciar aos seus educandos um ambiente formativo voltado ao desenvolvimento de habilidades de análise, reflexão e crítica.” (Matos; Senna, 2011, p. 15).

Nessa perspectiva de compreender qual realidade estamos, aliados à pesquisa, encontramos uma maneira diversificada de favorecer a prática docente naquele período em sala de aula. Não é simplesmente ser revolucionário e um professor que traz uma modificação estrutural na sua profissão; mas aceitar que novas práticas devem e são vitais nesse mundo que mais ainda há a utilização de tecnologias que muitas vezes pode transformar o professor por parte dos estudantes em um ser engessado a práticas que muitas vezes vistas por eles como inadequadas a sua idade.

É sedutora por parte dos alunos temáticas que eles encontram nas redes sociais já aí concretizadas e tem grande respaldo das mídias, citando a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esse tema, é fortemente difundido em filmes, jogos, livros, músicas, enfim... trabalhar com esses temas favorece o professor, justamente por haver grande gama de material e a própria sociedade ajuda nesses debates, já que é algo da “moda”.

Já outros temas, como o expansionismo do império português elucidado aqui na pesquisa, pouco estudado pelos estudantes, assim havendo a necessidade de os profissionais da educação conseguirem maneiras de “laçar” a curiosidade e participação dos alunos. “Um ensino de História que vise o desenvolvimento de uma consciência para a vida em sociedade, problematizadora e engajada com as realidades do presente, depende das formas como esses conhecimentos históricos serão trabalhados em sala de aula.” (Matos; Senna, 2011, p. 16).

O fato é que pensar e analisar práticas que envolvam o desenvolvimento em sala de aula, é muito mais que se aliar ao que já temos. Nada impede que o professor perceba sua realidade social e que crie maneiras de conduzirmos novas abordagens educacionais com os alunos.

Claro, trabalhamos com as leis estipuladas pela educação e respeitando sempre o retrato social que estamos inseridos aliados ao conteúdo aprendido na academia.

Contrastar o saber escolar com o saber acadêmico permite identificar as transformações e as características, principalmente na sociedade atual, onde as ciências constituem um corpo sistematizado de conhecimentos, elaborados a partir de critérios rigorosos quanto aos aspectos de ordem teórico-metodológica, e onde o saber escolar vai buscar legitimidade. (Monteiro, 2003, p. 16).

Facilitando esses discursos, o professor deve entender que na construção e elaboração de um saber escolar para os estudantes, há por compreender que temos o intuito da “educação escolar não se limita a fazer uma seção entre o que há disponível da cultura num dado momento histórico, mas tem por função tornar os saberes selecionados efetivamente transmissíveis e assimiláveis” (Monteiro, 2003, p.13). Formas que aumentem o leque para de alguma maneira aprimorar esse tema dentro do ambiente.

Como conseguimos averiguar, a forma de ministrar tópicos para os estudantes abrindo caminho para abordagens que são coerentes com o ensino de história em sala de aula, optamos em construir o conhecimento que ajuda a classe escolar, já que novas meios que servem de alicerces para o profissional é bem-vinda.

Entendemos que a utilização do livro didático em sala de aula requer muitas habilidades em manter o estudante focado exclusivamente nos textos, já que professores optam em usá-lo de forma simples na aplicação da matéria dos bandeirantes. Durante décadas que o sistema público utiliza essa abordagem, conseguimos entender superficialmente que a ajuda para o professor em modificar algumas maneiras de abordagens com os estudantes é necessária.

Os estudantes são peças fundamentais em entender o campo que o professor atual, já que é para eles uma educação que consiga atender os mais variados campos das humanidades e outras disciplinas. Utilizar apenas o livro didático concretiza que o professor conteudista não é mais apto a desempenhar uma função satisfatória para os alunos. Entre práticas arcaicas, de apenas ler e não absorver ou criticar a posição dessa abordagem teórica, se faz desvantajoso para a comunidade escolar.

O ensino deve estar democratizado nas mais variadas formas de educar, aqui aliado ao livro didático, mas que o professor não possa ficar refém apenas dele. O mundo tecnológico em que vivemos traz melhorias e árduas tarefas que faz o estudante questionar qual é o verdadeiro papel do professor, já que ele reluta em abrir-se para novas abordagens dentro da sala de aula. “Hoje, os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas

também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado.” (Nóvoa, 2001, p. 1).

Fato marcante é que livros são essenciais não estaremos questionando seu importante papel em sala de aula. Fortificaremos a utilização desse material; já que várias crianças de famílias humildes encontram nas obras literárias as únicas maneiras de terem contato com a História. Conseguimos achar facilmente indivíduos que graças ao livro didático perceberam a importância de lerem e muitas vezes serviu de pontapé inicial para a leitura de mais obras. “O livro didático de História é uma das possibilidades, entre tantas outras, de aprendizagem histórica por parte do aluno.” (Santos, 2016, p. 22).

Aliados nessa perspectiva, a própria historiografia que aborda os bandeirantes merece um olhar cauteloso sobre o que iremos reproduzir de forma fiel no livro didático para os alunos. “A concepção heróica deste personagem, parece não restar dúvida, foi amplamente disseminada pelos livros didáticos, ou pelos manuais escolares, como se dizia mais costumeiramente tempos atrás.” (Pacheco Neto, 2011, p. 11). Assim, é necessário que o estudante esteja ciente em dialogar com o professor para que formas de supremacia alheias a realidade seja permanecer na educação em 2023.

A nova historiografia retrata que nos livros didáticos, são reproduzidas epopeias vivenciadas pelos sertanistas nas matas que estavam em litígio entre as coroas ibéricas. Conseguimos sempre encontrar obras que favorecem a visão elitista criada através dos anos em outras épocas da História nacional, que elites estavam empenhadas em glorificar um passado heroico em suas características. “Nas décadas de 1870 e 1880 alguns autores ligados ao movimento republicano paulista publicaram livros que procuravam resgatar pela positividade os bandeirantes.” (Valle, 2021, p. 322).

Justamente por acreditar que o papel do professor é essencial, sendo uma ponte aliando o saber acadêmico para os estudantes aperfeiçoarem seu conhecimento, ministrar uma aula que facilite a compreensão da expansão do império português na América é favorecer o desempenhar uma boa condução das suas aulas.

Utilizar apenas os livros didáticos nessa construção de saber, cria uma lacuna gigantesca para os estudantes terem sentidos no conteúdo importante da História nacional. A presença dos sertanistas é comum nessas obras; utilizamos a análise de mais de 10 obras distribuídas pelo MEC na nossa escrita, e chegamos à conclusão que todas, independentemente dos anos, apresentam em suas escritas os bandeirantes. Eventualmente umas dão mais espaço que outras, porém, fato marcante é essas que expõem o tema.

Marcamos como essencial a presença dos livros didáticos, ninguém em sã consciência pode erradicá-los da vida estudantil, mas podemos recorrer a uma educação que evidencie o social e qual situação coletiva nós professores estamos inseridos. A historiografia pode ajudar nessa caminhada, porque os professores também utilizam historiadores que não estão citados nos livros que utilizam em sala de aula para agregar críticas construtivas em suas aulas. Afirmamos que “infere-se que as propostas relativas ao ensino de história esboçadas nos últimos anos estão afinadas com os debates de renovação da historiografia e da pesquisa histórica.” (Caimi, 2008, p. 133).

A nova historiografia proporcionada aliadas aos cursos de mestrados profissionais em Ensino de História, possibilita essa renovação que é essencial para os professores da escola do ensino Fundamental II. Proporcionar novas ressignificações para temas indispensáveis se mostra cada dia mais essencial para a profissão de professor/historiador.

As propostas de incorporar na sala de aula o trabalho com fontes históricas, na perspectiva apresentada pelos PCNs e pelo PNLD, fundamentam-se na ideia de superação dos métodos memorísticos, próprios de uma concepção histórica que privilegia a erudição em detrimento da possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar. (Caimi, 2008, p. 143).

São perspectivas que fundamentam o papel do profissional em sala de aula do professor em atuar de forma coesa com seu cargo. Construir uma educação participativa faz aperfeiçoar o estudante em lidar com caos específicos na história. Já atribuímos ao professor o papel de ministrar aulas e também podemos agregar mais conhecimento; já é importante para nós profissionais da educação, trazer novos olhares e ferramentas para esses professores.

Não estamos deixando aqui apenas a responsabilidade apenas para o profissional, por que há por obrigação outros poderes e sujeitos participarem da formação educacional dos adolescentes. Governantes estão ligados diretamente nessa formação, como exemplo rápido é aprovarem leis e medidas que protejam o professor em sala de aula.

Os benefícios de uma educação democrática e inclusiva, favorece a construção de uma sociedade mais diversificada e justa, seguindo os moldes já estabelecidos em constituição federal. Alertamos que a presença benéfica de leis que favoreçam a escola e seus profissionais, é ajudar propriamente com a comunidade que estamos inseridos. Nada mais justo que protegemos essas formas lúdicas de encararmos a realidade. Não esconder os problemas e apresentarmos formas de encarar esses conflitos que são resquícios de um país discrepante em seus moldes.

O objetivo de poder ajudar os professores, vem da justificativa que nós profissionais da educação nos deparamos cada vez mais com as tecnologias no nosso dia-a-dia. Fato concreto é nas transformações a que as sociedades no mundo da tecnologia estão habituadas. Cada vez mais somos apresentados às possibilidades que vislumbram o olhar do estudante em captar conhecimento. Nesse contexto, a tecnologia pode ser uma válvula de escape para o professor transmitir para mais pessoas suas contribuições no saber.

O uso de recursos tecnológicos na educação, mais especificamente da Internet, tem provocado grandes mudanças nas maneiras de se pensar o ensino e a aprendizagem. Trata-se não apenas de enxergar a Internet como uma fonte de recursos e materiais úteis à educação, mas de ressignificar o processo educacional como um todo, uma vez que a comunicação, a pesquisa e a aprendizagem assumem dimensões diferenciadas, diante da velocidade com que muitas informações chegam aos alunos. (Braga, 2014, p. 19).

Nesse contexto que as tecnologias estão presentes no cotidiano dos alunos, podemos muito bem fazer que ela tenha um papel fundamental para favorecer o aproveitamento do professor e aumentar os recursos que ele tem à sua disposição para transmitir conhecimento.

Desde os tempos mais antigos, a História é repleta de sujeitos que transformam a cartografia como maneira de materialização do poder. “Os mapas foram uma invenção similar no controle do espaço; eles facilitaram a expressão geográfica dos sistemas sociais e são um meio de consolidar o poder do Estado.” (Harley, 2009, p. 2). Essas práticas são maneiras eficientes de concretizar políticas de Estados sobre outras regiões com importância vital para as nações. Os países estão envolvidos em questões econômicas, políticas e culturais com regiões que não fazem apenas fronteira terrestre; favorecer a compreensão que determinado país está além de suas dívidas físicas, é poder assimilar de forma mais coesa a realidade daquele local.

Fato marcante para nós é a utilização em larga escala de formas não convencionais de imposição de um determinado domínio em outro país. Exemplificando: países utilizam de forças bélicas para conquistar e impor suas políticas respaldados na força das armas. Mas que muitas vezes não é apenas isso que mantém o domínio.

Dentro da utilização de mapas, conseguimos perceber que agentes podem utilizar da cartografia para a concretização de políticas estatais. Essa “legitimação” pode ser abordada de diversas formas e em distintas épocas da História. Para nós, a cartografia pode ser utilizada no saber. Podemos utilizar esse instrumento milenar, que na sala de aula para os alunos entenderem o que o professor está explicando. Os mapas representam espaços e momentos históricos, já que a sua elaboração pode ser espelho da realidade que o projetor vive.

Além disso, eles também podem ser tomados como objeto de pesquisa, e dessa maneira, muito podem contribuir, por exemplo, para elucidar problemas históricos fundamentais para o entendimento da motivação e solução de conflitos inerentes à formação territorial e à configuração socioespacial em todo o planeta. (Eugênio, 2021, p. 2).

Aceitar que os mapas podem ser maneiras de construção de conhecimento também é facilitar a compreensão dele. As “características geográficas sem indicar como, enquanto forma manipulada do saber, eles contribuíram para moldar estas características” (Harley, 2009, p. 2). Utilizar de procedimentos que favoreçam a compreensão da ideia que queremos transmitir, pode ser facilitada com instrumentos que utilizamos no dia a dia.

Algo que a primeiro instante ligamos a um fator de política de estado, pode ser utilizado dentro da sala de aula, porém há a necessidade de compactuarmos com a realidade que estamos. Não é apenas elaborar mapas com o mais alto grau de detalhe, mas a ideia de fazer mapas pode ser adotada em sala de aula.

Diversos países utilizam a cartografia para legitimar suas políticas, como foi amplamente utilizada durante a expansão dos domínios das monarquias europeias no globo durante o contexto das grandes navegações. Podemos trazer para nossa realidade de pesquisa, já que Portugal utilizou amplamente da cartografia para ampliar seus territórios.

Dessa maneira, a cartografia produzida no contexto das disputas territoriais no espaço ibérico durante o alvorecer da Idade Moderna contribui para revelar como os Estados nacionais ibéricos, motivados por ambições expansionistas, concebiam o mundo em termos geográficos e políticos e, a partir dessa concepção, organizaram suas atuações no cenário internacional. (Eugênio, 2021, p. 4).

A expansão portuguesa foi dentro de um período específico da história, e conseguimos dizer que os mapas são formas de portar domínio em áreas delimitadas, sendo fator determinante para a construção colonial.

Aliado nessa formulação do tema, os mapas e a expansão portuguesa, cuja corte utilizou em elaborar mapas como uma forma de concretizar seus domínios. O professor pode de alguma forma contribuir para a elaboração do um projeto que agradando estudantes e que eles consigam entender essa forma de domínio português. Conseguimos entender que é fundamental que haja novas práticas educacionais e que possa favorecer o papel do educador em sala. O que criticamos é a dependência que professores têm em apenas usar o livro, “a simplificação e o condicionamento do ensino de história, resultantes do dilaceramento do historiador-docente.” (Matos; Senna, 2011, p. 21). A complexidade de entender a realidade do professor que se

encontra em sala de aula, cria o alerta de optar por novas opções de elaborar novas formas de ensinar seus alunos.

O estudo que originou o Objeto de Aprendizagem nesta dissertação tem a ver com a pesquisa que estamos fazendo sobre a perspectiva da expansão do império português na América, concebido através dos livros didáticos dessa escrita. Contextualizar essa cena para os estudantes é constituir uma percepção que consideramos ser essencial no entendimento da realidade, justamente por ela ser uma herança portuguesa.

Sendo o OA um veículo importante para disseminação dessa pesquisa para outros professores. Quase sempre solitária ou que envolve poucos agentes pra construção dos saberes, é concebida de vários dias de árduos trabalhos silenciosamente, cujos outros sujeitos são diretamente peças fundamentais na construção de visões de mundo do autor. Justificar resumidamente a escrita acadêmica que é filha de exercícios feitos fora do teclado do computador é adargar uma estrutura que possa ajudar outros profissionais no meio acadêmico ou fora dele.

Dentro da sala de aula, há diversas possibilidades de o professor encarar com os estudantes a estruturação do aprendizado, já que através de suas ideias irá compor regime de construção material do saber; seja a utilização de quadro, livros, filmes, desenhos, etc. Participar ativamente do quadro funcional em uma sala que comporta estudantes de vários meios socioeconômicos é abrir espaço para os desafios imprevisíveis. “No campo do ensino de história, as transformações também são contundentes e as proposições não são menos ambiciosas” (Caimi, 2008, p. 132) cujo entendimento da realidade e suas possibilidades são maneiras de driblar adversidades.

Novas abordagens satisfazem o ego (do modo positivo obviamente), porque o professor deve de alguma forma conseguir colocar em prática aquilo que ele aprendeu em vários anos de ordenamento de aprendizado. Ao momento que se propõe transmitir todo seu conhecimento para adolescentes que muitas vezes não sabem a notoriedade da História, é solidificar um caminho benéfico em repararmos erros estruturais. O trabalho em sala de aula além do livro didático, “não deve ser visto como perda de tempo, e sim como uma estratégia produtiva de produção de conhecimentos, bem como de respeito pelos alunos.” (Seffner, 2011, p. 12).

Dentro do contexto da escrita que estamos elaborando, aceitar que o professor possa entender que há desafios e propor-se a encará-los de forma ponderosa é abranger que seu trabalho é essencial para seu mundo social. Pessoas que estão vinculadas a essa realidade e que estão ligadas diretamente ao professor, podem sair mudadas positivamente durante o processo de reflexão das práticas existentes. Nesse contexto há a necessidade de compreender melhor a

produção do ensino escolar “que envolve interlocução com o conhecimento científico, mas também com outros saberes presentes e que circulam no contexto sócio-cultural de referência.” (Monteiro, 2003, p. 11).

Aliado aos textos de autores que abordam a reelaboração da perspectiva do ensino escolar por parte dos professores, a formação continuada também é essencial para melhorias na parte profissional. Na atualidade somos nutridos com algumas tecnologias que ajudam os professores a trabalharem de forma mais didática seus conteúdos com os estudantes. Papel árduo e não é fácil, porém há vários caminhos que os professores do ensino fundamental II, que é o meu caso, possam seguir, como o papel desenvolvido no Exelearning.

Solicitamos uma gama de pesquisas acadêmicas na tarefa de construir o conhecimento para os alunos. Essas perspectivas de ensinar a História, aliado as tecnologias fizeram aumentar nossas formas de trazer conhecimento para eles. Fato marcante são os autores especializados nas temáticas que trouxemos aqui, ajudaram a elaborar o OA. As questões que norteiam essa dissertação é possível graças aos agentes citados ao longo da escrita e utilizamos eles para proporcionar material concreto para esse fim que era a concepção do OA.

Dividimos a construção do Objeto de Aprendizagem em: Apresentação, Condução do Objeto de Aprendizagem, Desenvolvimento do Objeto de Aprendizagem e Conclusão. Nessas divisões, são expostas as formas que os professores podem transmitir a matéria da expansão portuguesa para os estudantes. Vale lembrar que a linguagem é voltada aos professores e assim conseguimos focar nesses profissionais. Dentro do desenvolvimento, colocamos 8 “Atividades” que são mais ou menos aulas com máximo de 50 minutos. Dentro dessas “Atividades” fazendo um trajeto que os professores possam tirar algumas ideias para complementar suas aulas.

Assim, editamos e organizamos dentro do programa Exelearning, conseguimos solucionar algumas práticas ineficazes dentro da sala de aula, onde a proposta é elaborar aulas do império português e sobre os bandeirantes, que foram sujeitos atuantes na expansão territorial. Nossa experiência é trazer formas que os professores consigam de alguma maneira utilizar nosso trabalho para transformar suas didáticas; deixar mais atrativa ou ter outra tática de transmitir o conhecimento para os estudos.

Elaborar alguma contribuição para o professor é essencial. O mais adequado até aqui foi a elaboração desse projeto na plataforma Exelearning, que facilitou em compartilhar conhecimento. Sendo coeso nas palavras, trago um exemplo superficial que possa consentir com pares da minha profissão; muitos dos professores ao lecionar a disciplina de História em mais de uma escola física, da cidade para cidade, ou bairro para bairro, encontram desafios diferentes. Deparamos com adversidades que são específicas para aquela uma sala, aquele

lugar, e que não é reproduzida em outra escola exatamente. Superficialmente o professor tem e deve encontrar uma solução para essa inquietude.

Na internet, fica facilitado que outros professores em vários cantos do Brasil consigam entender que há práticas que podem ser adaptadas às realidades que estão inclusos. Conseguimos desenvolver um projeto que atenda as normas do PPGHI e que atenda algumas dificuldades dos professores. O projeto visa fornecer capacidades de conduzir de maneira eficaz a expansão do império português na América dentro da matéria de Brasil Colonial.

Nada mais eficaz que você abrir a novos olhares que te ajudam a solucionar o entrave que muitas vezes é corriqueiro na profissão dos professores, porque a realidade das escolas revela muito mais complicações que a sociedade atual possa aceitar; famílias desestruturadas, greves dos profissionais, sala superlotadas, etc. Não iremos fazer discussões desses problemas e fornecer uma bula de soluções. O intuito do nosso trabalho é ajudar o professor a variar a forma que trabalha com os alunos a matéria de História. Na escrita atual, estamos solidificando uma fórmula para ajudar o professor em sala de aula a contribuir e ajudar em suas aulas.

Levamos em consideração nessas perspectivas apresentadas os entraves na condução do ensino dos bandeirantes, cujo tema enquadra-se na pesquisa e aos alunos encontram-se com eles no conteúdo sobre a expansão territorial portuguesa na América; Período do Brasil Colônia (1500-1822). Há conclusões que foram registros das atividades que existiram durante a aplicação do conteúdo em sala. Esses “panoramas” foram editados no Exelearning para os interessados saberem sobre as conclusões que tivemos.

Os bandeirantes foram citados e trabalhados no OA e peões importantes para a expansão (direta ou indiretamente) do território português no continente. Unindo o objeto com as análises nos livros didáticos, temos a notoriedade que essa pesquisa está diretamente ligada ao ensino para os estudantes no 7º ano do Ensino Fundamental II, ao esbarrar com essa temática na aula de História.

Com relação ao aspecto de acessibilidade associado ao OA, disponibilizamos áudio descrição para todos os conteúdos. Assim os que tiverem a necessidade de ouvir os áudios, conseguirão interagir e entender um pouco mais sobre o Objeto de Aprendizado. Os áudios são maneiras simples do receptor ter alguma facilidade em entender qual a ideia que tivemos no projeto.

O professor também participa na construção do OA, porque mesmo não sendo um profissional em criar sites derivado de sua formação, consegue desempenhar de maneira satisfatória suas ideias. É claro, há a necessidade de ter acompanhamento de profissionais

capacitados para ajudá-lo na tarefa de editar o Exelearning. Um professor orientador consegue desempenhar atrativamente conteúdo para sua pesquisa, para ela sair do campo das ideias:

Apesar dessas dificuldades técnicas, a participação dos professores nesse processo é fundamental, já que eles são os detentores dos componentes pedagógicos desse procedimento. Em sentido contrário, nem sempre os professores são detentores do conhecimento técnico que envolve o desenvolvimento de OAs, necessitando assim do apoio de equipes multidisciplinares para sua produção. Essas equipes variam conforme o tipo de OA (cursos, vídeos, simulações, softwares, imagens etc), mas podem ser compostas por cientistas da computação, videomakers, designers, músicos etc. (Braga, 2014, p. 24).

Dentro do projeto do OA, os professores encontram referências do livro didático sobre a expansão portuguesa, que hoje consentimos que o Brasil apresenta dados geográficos devido a atuação desses servos da coroa lusitana, muitas vezes passando despercebida onde foi um momento repleto de contradições, concepções de mundo e disputas envolvendo sujeitos e poder, “que tem por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua.” (Chartier, 2002, p. 18).

O livro foi parte importante na construção do OA, já que o mesmo atende como material básico para incluir o aprendizado e fornecer conteúdo significativo para a condução da aula pelo professor. “Em suma, o livro didático é já um fato: não se trata mais de decidir se deve usá-lo ou não, mas de usá-lo bem. Em outras palavras, o uso do livro didático não depende do método de ensino adotado.” (Munakata, 1997, p. 37).

Aliado nesse contexto, decidimos unir algo que fizesse sentido para os professores e estudantes, já que temos a utilização de materiais impressos e a lousa para ajudar nas aulas de História, sendo registrados no OA. Munidos de livros didáticos, historiadores, autores da educação e o papel em sala de aula, optamos em trabalhar essa temática de forma oportuna em sala de aula.

A concepção do OA é encaixada dentro das possibilidades referidas acima. Fizemos um trabalho que não está livre de desafios, nossa realidade apresentada no OA é posta em prática no Exelearning. Favorecemos uma maneira de melhoramento das suas práticas como professor e assim contribuimos surgir práticas educativas.

Fator determinante para a conclusão do projeto, é referenciar que nós professores temos que ter mais união na nossa categoria. Não apenas para reivindicar melhorias salariais, mas também compartilhar práticas que possam ajudar de alguma forma a condução da matéria que lecionamos.

O Objeto de Aprendizado, nada mais é que “caminhos” para os professores entenderem que conseguimos favorecer a nossa atuação em sala de aula. Mas cabe ao profissional ceder para elaborar novas práticas em suas aulas. Para conseguirmos aplicar em sala de aula o OA, aqueles que utilizarão da nossa ideia, tem que ter o propósito de citar e reconfigurar algumas características para que se tenha sucesso na aplicação do Objeto de Aprendizado.

É importante que o demandante saiba expressar seus interesses técnicos e pedagógicos sobre o OA que será desenvolvido. O esboço evita a situação em que o OA produzido pela equipe de desenvolvimento poderá não condizer com aquilo que o demandante imaginou. (Braga, 2014, p. 89).

Imaginar algo e colocar em prática favorece a reedição de caminhos que podemos utilizar em nossas realidades. O professor é aquele que tem como finalidade entender que poder satisfazer seus alunos intelectualmente com projetos em suas aulas. Não há nada demais em compartilhar histórias que encoraje essa tarefa.

Também foram feitas algumas atividades interativas no OA. A qualidade do projeto pode ser considerada se conseguimos fazer com que haja um grau de interatividade com o leitor, aquele que recebe o conteúdo exposto. No Exelearning há a possibilidade de o editor fazer atividades interativas que cativa o leitor a participar cada vez mais do tema central.

A qualidade é incorporada ao OA durante todo o processo de sua produção. No entanto, a fase de Teste oferece efetivamente o último recurso no qual a qualidade pode ser avaliada e a forma mais prática em que os erros podem ser descobertos. No entanto, ressalta-se que não se pode testar a qualidade se ela não estiver lá antes de se começar a realizar os testes. Isso significa que o teste aumenta muito a qualidade do OA, mas a garantia da qualidade será dada durante a execução adequada do processo. (Braga, 2014, p. 129).

Esses testes foram utilizados de maneira simples, para que o professor possa avaliar o conteúdo lido. Fato é que o professor deve ser a “ponte” entre o que foi criado no OA e que o aluno receberá através do passar da matéria.

Um OA é tanto mais interativo quanto maior a capacidade de intervenção do aluno no conteúdo ensinado por esse OA. Um OA com alta interatividade possibilita a ação do aluno e o estabelecimento de uma relação de reciprocidade. Ou seja, quanto mais o OA permite que o aluno se aproprie de informações, reflita e seja ativo em seu processo de aprendizagem, mais interativo ele é. (Braga, 2014, p. 30).

Esses são elementos que descobrimos com a criação do Objeto de Aprendizado. A formulação do professor em ser o destaque aqui é importante para que o aluno consiga entender o papel da expansão do império português na América. Seguir os passos do OA faz que a

matéria seja mais “atraente” para os estudantes, porém não é uma receita única que temos; o professor é agente do próprio conteúdo e ele mesmo tem que encontrar maneiras mais adequadas para sua realidade em ensinar a matéria de História.

Fato é que os estudantes do século XXI estão ligados diretamente a condutas do professor avessas às pensadas do senso comum. Hoje, não há espaço mais para o professor que utilize apenas o livro didático como forma única de atender as perspectivas pessoas de ensinar História. Devemos apresentar mais opções de transmitir o conteúdo para sua sala. Na sociedade em que vivemos, cada vez mais o professor tem recursos para modificar suas aulas, como criá-las em datashow, computadores, celulares, canais no YouTube, enfim... o professor em 2024 é um verdadeiro encantador de pessoas, porque aquele que consegue aumentar suas “armas” para difundir o conhecimento, será um vitorioso, mesmo que não haja medalha de vencedor.

A autora Ana Maria Monteiro possibilita um entendimento que os professores necessitam de maneiras acadêmicas de abordar questões cotidianas, inclusive devemos ter a utilização de práticas específicas que os meios apresentam; políticas, sociais, econômicas, etc. Fazer mais abordagens contribuindo cada vez mais para que os alunos possam ter um olhar mais crítico, não transformará eles em historiadores, porém favorece a percepção de espaço temporal que estão inseridos. A compreensão da realidade é fundamental para desconstruirmos desigualdades dentro e fora da sala de aula.

Não estou defendendo aqui que todo ensino escolar é bem desenvolvido e imune a erros ou contradições. Minha crítica, apoiada nos autores já citados, volta-se para uma visão simplificadora que ignora a especificidade da cultura e do saber escolar, impedindo avanços para sua melhor realização. Para isso, as contribuições do conhecimento científico que está em constante processo de crítica e renovação são fundamentais. (Monteiro, 2003, p. 11).

Fazer uma reflexão das práticas pessoais, não é denegrir seu papel, muito pelo contrário; a formação continuada é necessária nos dias atuais para constituirmos profissionais cada vez mais autônomos e livres dos discursos prontos. Abraçar novas formas de ensino é poder sair da zona de conforto, já é um grande passo para compreendemos que podemos utilizar outras táticas de envolver os alunos na esfera que o professor tem como objetivo de ensinar.

Quando nos debruçamos sobre a literatura especializada ou analisamos os resultados das pesquisas do campo que procuram diagnosticar, identificar, descrever aspectos da prática cotidiana do ensino dessa disciplina, desenvolvidas no Brasil nos últimos vinte anos é possível constatar a permanência, de certas configurações disciplinares identificadas pelos pesquisadores da área e até por muito professores/as como arcaicas, obsoletas, reacionárias, conservadoras, “tradicionais”. Independentemente dos recortes, dos referenciais teóricos e das metodologias de investigação privilegiadas, essas pesquisas tendem a mostrar que algumas dessas configurações

ocupam lugares centrais na estrutura e funcionamento didático dessa disciplina. (Gabriel, 2019, p. 1).

De acordo com Carmen Teresa Gabriel, doutora em Educação e especializada na formação de professores, encontramos algumas práticas arcaicas que são comuns nos dias atuais, porém há necessidade de analisar cada caso para termos um resultado final. Dentro da perspectiva do capítulo, nós tentaremos abranger uma forma diferente, mas que ao mesmo tempo possa favorecer a contribuição para ministrar o conteúdo sobre os bandeirantes, dentro da expansão do império português.

O Objeto de Aprendizagem demonstrado a seguir, tem como finalidade agregar conhecimento sobre o conteúdo da expansão portuguesa e dos bandeirantes para os alunos do 7º ano do ensino Fundamental II. Mostramos 1 opção que encaixa como uma maneira diversa de refletir, ensinar e dialogar na matéria obrigatória cujo professor possa desenvolver com os alunos.

Claro que haverá a condução por parte do professor, com perguntas e utilização de outros materiais que a escola possa fornecer, porque o intuito é abranger o máximo possível de alunos na produção do conhecimento, já que alguns têm materiais escolares graças aos disponibilizados pelos governos. Poderá também, devido ao curto tempo de apenas 3 aulas semanais, um pedido para os alunos fazerem os mapas em casa, como atividades extracurriculares, incentivando-os a participarem fora do ambiente escolar da produção do saber.

Não deixei os mapas a primeiro momento com os alunos, para colarem no caderno ou guardarem nos seus pertences. Recolhemos, porque podemos utilizar os mapas como forma de avaliação dos alunos dentro da sala de aula, respeitando a distribuição dos pontos da direção e a boa vontade em entregar os mapas ao professor. Ao momento que indicamos para os estudantes que os mapas feitos por eles foram avaliados e tiveram critérios de nota, aumentando o comprometimento dos mesmos.

Foi anotado e disponibilizado as atividades desenvolvidas pelo professor, sendo um “pequeno diário” sobre os desafios, equívocos, descuidos, acertos, surpresas e afins que conseguimos notar com as turmas. É importante frisar que não disponibilizamos nenhum nome de aluno ou aluna, porque são menores de idade e por lei, todos têm os direitos reservados.

Não há como, no Objeto de Aprendizagem, o leitor saber especificamente qual aluno fez os mapas, porque respeitosamente será mantida em segredo sua identidade, evitando o risco de desgaste emocional e profissional de qualquer parte envolvida. Dessa forma utilizaremos

para cada “Atividade”, os alunos terem números; aluno 1, aluno 2, aluno 3... não tendo nenhum critério de chamada ou desempenho para separação. Esses números são distribuídos para cada aula, não sendo fixado do início ao fim o Objetivo de Aprendizagem.

A proposta feita por nós, é ajudar os pares em novas práticas dentro da sala de aula. Eu sou professor da disciplina de História, e estou ciente que dentro dos parâmetros educacionais, a realidade pode ocorrer surpresas inimagináveis, porém, algumas são previsíveis; como a falta de interesse dos alunos pela matéria e problemas econômicos das famílias.

5.3 DESENVOLVIMENTO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

O projeto teve construção em um plataformas públicas, sendo assim, qualquer pessoa que quisesse utilizá-la ficaria livre para compartilhar e usá-la da maneira que achasse mais interessante. Evidentemente, que há a necessidade única do sujeito citar seus criadores, mantendo a idoneidade ética e moral.

Com a pesquisa sobre os livros didáticos na perspectiva de 20 anos, conseguimos perceber o tema da expansão portuguesa na América. Na matéria de Brasil Colonial, é presente em todas as edições. Claro que umas edições dão mais destaque que outras nos capítulos, porém, nunca é deixado de lado essa presença portuguesa no continente.

Respaldados na pesquisa feita no capítulo específico sobre a análise dos livros didáticos, tivemos o intuito de produzir mapas para ajudar a assimilação dos estudantes com base nos resultados obtidos. Encontrando até aqui uma percepção importante em ensinar o alargamento das fronteiras para os estudantes, assim tendo conhecimento histórico condizente com os parâmetros educacionais já estabelecidos por leis.

Fica perceptível que o professor tem várias possibilidades em trabalhar a matéria com os alunos, já que a liberdade em sala de aula é fundamental para ele conseguir atingir seus objetivos. Porém, tiramos do papel essas propostas e aplicamos para os adolescentes. Então conseguimos pré-estabelecer que a análise das obras didáticas, mais as dificuldades que os professores têm em transmitir o conteúdo para os estudantes, disponibilizamos uma opção variada para o professor conduzir e elaborar a proposta da matéria.

Com a prática pessoal em sala de aula, cheguei à conclusão que o número de alunos que fazem mapas é elevado, porque há grande interesse por parte dos mesmos em desenharem, alguns mostrando técnicas mais avançadas do que outros. Diversos estudantes apresentam facilidades que outros e dentro dessa perspectiva, alguns fazem muito a “sério” o desafio de

desenhar os mapas. Sendo assim, optamos em construir caminhos no AO através do Exelearning, e disponibilizando digitalmente para acesso público.

Na construção do OA, registramos os passos em títulos com “Atividades” e enumerando de acordo que for feita dentro da sala de aula as experiências, delimitando um critério para a aplicação da matéria, explicação e criação dos alunos, respeitando um tempo delimitado, porque há mais conteúdo que o professor deve trabalhar nos dias letivos.

Nas Atividades, estando disponíveis online, optamos em elaborar com um máximo de 50 minutos, aludindo o tempo que cada aula tem duração, levamos em consideração que utiliza no máximo 10 minutos sem aplicar o conteúdo da matéria, fazendo a chamada dos presentes em sala ou dando alguns recados da direção, sobra em média 40 minutos para desenvolver o que planejou em casa.

Para os estudantes assimilarem o papel do bandeirantismo e a continuação do expansionismo português, também trabalhamos as Grandes Navegações no OA. Utilizamos a leitura dentro da sala de aula, porque se faz necessário que essa capacidade seja desenvolvida, já que várias vezes os estudantes sofrem com leituras inadequadas.

Grande parte dos estudantes não compram livros com o próprio dinheiro, causando um déficit na sua aprendizagem, não sendo adequado apenas terem acesso ao conhecimento apenas dentro da escola. Causando buracos em suas capacidades de terem uma leitura fluente que necessariamente são essenciais para os alunos do ensino Fundamental II e outras séries.

A proposta de utilizar mapas juntamente com a matéria da expansão portuguesa na América, é deixar o aluno capacitado e o professor ter melhores condições de melhorar sua didática. Ninguém sairá um novo historiador depois de conhecer o OA, já que não há tempo suficiente para que isso ocorra; porém a proposta pode auxiliar o professor em sala a não deixar esse aluno com certo grau de atraso na leitura, acompanhar o conteúdo e induzi-lo a entender o processo histórico português.

Abaixo nós esquematizamos como foi editado no Exelearning o Objeto de Aprendizado feito durante a disciplina do PPGHI:

5.3.1 Sobre o Projeto de Aprendizagem

Há a exposição do que será o Objeto de Aprendizagem, como nome do aluno e do professor da disciplina. O espaço foi reservado para uma apresentação formal da ideia. Vale frisar que todas as partes contêm áudios, facilitando para quem necessita desse tipo de conteúdo. Esse fator de áudios é importante para contribuirmos para a inclusão.

Na imagem abaixo consideramos uma visualização pelo computador, facilitando o leitor a entender mais a dimensão visual que o projeto tem com porta de entrada. Facilmente conseguimos perceber que está claramente descrita a apresentação do OA, o que ele é, qual a disciplina que foi criado, qual o foco da proposta, enfim... o leitor pode tirar as conclusões abaixo.

Imagem 2 – imagem recortada do Objeto de Aprendizagem.



Fonte: acervo pessoal do autor.

A imagem acima refere-se como o leitor verá o Objeto de Aprendizado no navegador padrão que está no computador. Deixamos brevemente uma amostra para incentivar que o professor navegue e aprenda mais sobre o projeto criado por nós. Nosso intuito é deixar organizado e bem explicativo para que ele tenha dimensões de como utilizar no seu cotidiano.

5.3.2 Introdução

Nessa parte ficou exposto as partes que o Objeto de Aprendizagem foi dividido. Escrevemos de forma resumida como o interessado na dissertação tem uma percepção de como foi feito o OA. Esse projeto foi aplicado na matéria que conseguimos conectar com a realidade da grade curricular que todo professor do ensino básico tem o dever de seguir. O profissional pode mudar de acordo com a realidade a maneira que ele transmitirá para o estudante em sala de aula esse conteúdo. Cabe a ele conseguir de forma mais prática a sua realidade introduzir a ideia.

Para melhor compreensão do leitor, mantivemos a divisão do OA para que seja uma leitura leve e agradável. Registramos em dados coletados por nós e fornecemos na escrita

algumas características desses dados. Foram registrados nossos desafios que apareceram no logo da jornada em sala de aula. Então a divisão que aplicamos foi a que melhor encontramos para nossa realidade. Abaixo segue os caminhos percorridos por nós.

5.3.3 Desenvolvimento

Na etapa optamos em ensinar o professor a cortar as folhas de sulfite e o material que será utilizado para confeccionar os mapas. Vale reparar que nas imagens o professor pode acompanhar de forma didática de como será colocado em prática a ideia do projeto.

5.3.4 Atividade 1

A proposta da Atividade 1 girou em torno das grandes navegações dos países europeus entre os séculos XV, XVI e XVII, justamente por Portugal ser o pioneiro nessas viagens marítimas. Essa constituição da matéria, ligada de certo modo às cruzadas, reflete um sentimento expansionista lusitano, reforçado por outros motivos como econômico e social.

Assim, durante o expansionismo impulsionado pelas Grandes Navegações, os esforços imperiais, dos Estados organizados na Península Ibérica, para controlar o espaço, por meio das representações cartográficas, lhes possibilitaram, tanto quanto a cruz e a espada, conquistarem o Novo Mundo de uma maneira que essa história pode ser narrada através de imagens. (Eugênio, 2021, p. 11).

Favorecendo a uma rede de formas de exercer seu poder nas novas terras descobertas, a utilização de mapas foi essencial para porem o domínio na prática. Os mapas podem ajudar a demonstrar uma visão de mundo para sujeitos entenderem a realidade que estão inseridos, já que o autor dos desenhos, são influenciados por visão contemporânea da sociedade em que ali vive.

Para a primeira atividade, a momento, descrita no Objeto de Aprendizado, foi pronunciada a voz 3 perguntas em que os alunos responderam. Os professores podem optar em fazer essa atividade com os estudantes. A forma de articular-se em voz alta os seguintes questionamentos pode ser uma opção. As perguntas foram exclusivamente elaboradas para que as respostas fossem para os alunos entenderem brevemente que Portugal teve influência em nosso país, o Brasil. Para começarmos a entender a expansão da corte portuguesa, temos que partir do hoje, tentar trazer e fazer sentido como é gigantesca a presença lusitana nos dias atuais.

Selecionamos algumas respostas aleatórias que obtivemos, já que são várias e outros estudantes não responderam; por não saberem ou não quererem responder. As respostas selecionadas encontram-se nas mais pertinentes, já que todos os alunos seriam inviáveis registrar suas respostas, porque essas perguntas são informais, apenas para dar pontapé no conteúdo. No próximo bloco de resposta da OA, selecionamos algumas participações dos estudantes que se sentiram entusiasmados em participar do jogo de palavras com o professor. Aproveitando o gancho das respostas, conseguimos demonstrar para os alunos que há participação portuguesa nos dias atuais em nossa cultura. Claro, sendo sintetizado o tema para podermos trabalhar.

A partir dessas questões, temos um pontapé inicial sobre as questões que se a Portugal nos dias atuais. Fica mais fácil que os alunos se sintam participativos nas aulas com perguntas que nos pareçam simples. Os que responderam, não se sentiram pressionados em nada, porque houve por parte dos mesmos em participarem. Vale ressaltar que esse jogo de perguntas e respostas pode ser variado; um filme, novela, comida, música, etc. O professor pode elaborar essas questões iniciais de acordo que achar que encaixem com sua realidade. As até aqui expostas, foram as mais proveitosas elaboradas durante a preparação das aulas no ambiente fora da escola.

Respondendo às perguntas, entramos com as leituras dos textos da apostila (material didático dos alunos) que utilizam nos bimestres e o livro didático. Estipulamos que cada aluno leia ao menos 1 parágrafo da matéria referente à expansão portuguesa. Na leitura, alguns têm mais facilidade do que outros. Conseguimos trabalhar as deficiências dos alunos na leitura.

Os mapas desde a antiguidade são essenciais para o ser humano ter noção de sua posição e conseguimos ter entendimento um pouco mais sobre sua época, já que podemos utilizar essa tática dentro da sala de aula, de forma reduzida e mais simples. Ficou estipulado para o professor ensinar os estudantes, que após a leitura dos textos iniciais sobre a expansão marítima portuguesa, desenharam um mapa sobre o tratado de Tordesilhas (1494). A base que eles têm, pode ser acessada na página 53 da edição *História, Escola e Democracia* (2018), que há um texto com 5 parágrafos, que refere os acordos que Portugal fez com a Espanha.

Após as leituras sobre o processo que levou os portugueses a procurarem novas rotas comerciais e embalados por questões religiosas, os alunos puderam descobrir as temáticas das grandes navegações e porem em prática o que foi desenvolvido dentro da sala de aula. Na imagem 1, o mapa construído por um estudante, fica perceptível o grau de detalhes posto na folha de sulfite. O estudante cometeu um erro ao deixar de representar geograficamente Portugal e Espanha, porém na perspectiva americana, nosso continente ficou relativamente

perto da demarcação da época. Fato que essa análise foi a que o estudante chegou, depois que trabalhamos em sala.

Os estudantes tentam reproduzir os continentes que tiveram grande interferência dos europeus nas grandes navegações. A Bula Inter Coetera (1493) e o Tratado de Tordesilhas (1494) representam os tópicos envolvidos com a expansão do império português que rivalizava com a coroa espanhola.

Na atividade proposta ao professor, há um número de aceitação elevado, porque a grande maioria dos estudantes apresentam um bom aproveitamento nos desenhos. São poucos que demonstram desinteresse e tentam fazer o mais rápido possível a atividade, entregando para o professor. Aí que há a necessidade do profissional em alertar que o desenho tem que ser de uma forma que permita o leitor entender da forma mais simples a imposição e poder das cortes ibéricas sobre o mundo naquele período em que estamos trabalhando (expansão do império marítimo português).

Uma maneira também que utilizamos com eles foi a possibilidade de juntarem as mesas em duplas, trios e até quadradas, fornecendo assim uma ajuda mútua dos estudantes, já que uns não têm material completo, como lápis de cores.

Faltando cerca de 5 minutos para o encerramento da aula, aconselhamos em recolher os desenhos e pedimos para eles voltarem ao normal, em fileiras como é o mapeamento da sala de aula, respeitando e cooperando com outros professores que virão aplicar suas respectivas aulas.

Como critério de distribuição de pontos, levamos em consideração não apenas o mapa em si, mas como os alunos comportaram-se em sala de aula; não fazer baderna, respeitar o próximo, atender aos pedidos do professor; companheirismo com os colegas de sala e respeitando as normas vigentes da escola. De forma geral, nessa Atividade 1, o resultado foi muito positivo.

As anotações foram feitas em uma folha separada e colocadas no Exelearning e apenas as que o professor tem acesso. Essas anotações foram registradas de como foi conduzida a aula. Há a necessidade de ter escrito de como foi a locomoção da aula, porque de acordo com o tempo que passa, surgem imprevistos e desafios que podem ser esquecidos facilmente.

Em suma, na Atividade 1, houve bom aproveitamento, já que os alunos tiveram aceitação elevada e assim cooperando entre eles para desempenharem um papel fundamental na constituição do saber. O lado negativo foi relatado acima, como o principal entrave foi a falta de comprometimento de alguns que estavam importando-se apenas com os pontos de participação, não desempenharem um desenho apropriado para a realidade total. Porém, esses alunos que “desacreditaram” do próprio potencial foi uma parcela ínfima.

5.3.5 Atividade 2

A Atividade 2 teve como finalidade apresentar e fazer com que os alunos percebessem a expansão do império português através das grandes navegações, já que esses percursos foram os principais em aumentar o domínio português sobre outras localidades. Na proposta de início é com o que os estudantes entendem como foi o início da chegada dos lusitanos em território americano.

Para iniciar a atividade, que entra dentro do tempo estipulado de 1 aula (50 minutos), tentaremos especificar que os portugueses foram os pioneiros nas grandes navegações, já que o intuito é trabalhar sobre os bandeirantes, a expansão dos sertanistas também é resultado de uma continuidade da expansão marítima portuguesa.

Na perspectiva das grandes navegações, Portugal participou ativamente de expedições que buscavam rotas para chegar nas Índias, no continente asiático, em busca de mercadorias que pudessem ser vendidas a altos valores; tanto na Ásia como na Europa.

Os reis participavam dessa empreitada junto a burguesia, classe interessada em abrir novos empreendimentos comerciais. Fato que existiam uma ampla camada de sujeitos interessados em enriquecer economicamente e com as novas rotas marítimas, enxergavam imenso momento para esse desejo concretizar.

Depois de realizada a chamada e anotação do que será trabalhado em sala, há a comunicação por parte do professor para os estudantes que haverá continuação do tema. Aconselhamos em anunciar a aula com um texto para lerem em voz alta sobre as navegações portuguesas. Fica estipulado com a ajuda do livro didático, que os alunos lessem parágrafos sobre o tema, implementando o conteúdo aprendido.

Logo após a leitura, para que seja diversificada, pedi que os alunos levassem em consideração a atividade proposta de desenhar mapas como na aula anterior. De início os alunos ficaram sem entender muito, mas através da exposição de como seria esse mapa, os estudantes aceitaram positivamente a proposta.

Fica decidido que eles ficariam livres para agruparem em até no máximo 4 carteiras, deixando a opção para eles escolherem quais seriam seus grupos. Em torno de 2 minutos já estavam agrupados, porque com a colaboração de todos, fica mais simples essa tarefa. Claro que houve a necessidade de os estudantes saberem que devem comportar-se adequadamente para continuação da atividade proposta.

Logo após a união, ficou esclarecido que os estudantes deveriam fazer um mapa do mundo com foco em Portugal e suas principais viagens marítimas trabalhadas nos textos lidos,

das quais são: Ceuta (1415), Ilha da Madeira (1419), Bartolomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas e o rebatizou-o de Cabo da Boa Esperança (1488), Vasco da Gama chega às Índias (1498) e a chegada de Pedro Álvares Cabral na América (1500). Abaixo percebemos a forma que um estudante representou essas viagens sobre o globo.

Não há problema em trabalhar esses erros com os alunos, já que é difícil que todos os estudantes tenham alto índice de detalhes em suas obras. Entrando no papel do professor em orientar que o estudante reveja as suas demarcações e aconselha a rever os dados que desenhou. Nesse desenho em específico, houve uma orientação oral para que o mesmo pesquisasse mais os dados geográficos dos continentes.

Trazer os olhares de uma viagem expansionista, chegando no Brasil, pode favorecer a compreensão dos estudantes que os portugueses tinham na época, movidos por riquezas terrenas, uma continuidade em levarem a palavra de Deus e por fim, aumentando as possessões portuguesas.

5.3.6 Atividade 3

Na Atividade 3, optamos em levar em consideração a leitura de início do conteúdo trabalhado sobre a perspectiva da chegada dos portugueses na Bahia. Questões com os primeiros contatos com os nativos, perspectivas dos povos europeus para os nativos, registros sobre a fauna e flora com as cartas de Pero Vaz de Caminha, a extração do pau-brasil foram trabalhadas.

Dentro da atividade, optamos em realizar a leitura dos textos complementares no livro didático para favorecer a compreensão dos estudantes no momento em que estávamos trabalhados. Assim, solicitamos que desenhassem o mapa do Brasil atual com a divisão do tratado de Tordesilhas.

Nessa atividade, houve a necessidade de localização geográfica de onde os alunos estão. Podemos encontrar que a percepção de alguns é diversa de outros, já que o Estado de Minas Gerais está totalmente dentro do território português para um e para outro estudante, apenas metade está.

As cidades, Bom Repouso, Borda da Mata, Pouso Alegre e Tocos do Moji estão dentro do Estado, já que a percepção atual de limites, são encontradas pelos estudantes nas suas demarcações. Intencionalmente colocamos esses nomes, porque foram locais com a participação dos bandeirantes na época que subsistiram. É importante que o estudante tenha certa instrução sobre sua localização geográfica, fortalecendo sua percepção de espaço.

5.3.7 Atividade 4

Nos 40 minutos, o professor poderá iniciar uma discussão com os alunos sobre o que eles conhecem sobre os bandeirantes, trazendo exemplos que os alunos possam ter como imagem dos sertanistas. São inúmeros exemplos que podemos utilizar antes de aplicar a matéria para os estudantes. Abaixo elencamos algumas perguntas orais que possam ser feitas em sala de aula.

Dentro dessas perguntas, levamos em consideração que é elaborada dentro do contexto específicos que os alunos estão inseridos, que são dentro de uma cidade do sul de Minas Gerais, onde a presença dos bandeirantes é facilmente encontrada perto de rodovias, como no exemplo da estátua do bandeirante Fernão Dias localizada na rodovia Fernão Dias – BR 381 – Trevo de Pouso Alegre-MG.

Para as perguntas propostas acima, é claro, que devemos considerar as respostas dos alunos para dar continuidade ao conteúdo elaborado pelo professor. Algumas respostas orais foram coletadas e no OA podemos entender qual a visão dos estudantes. Essas respostas, são selecionadas por justamente responderem positivamente sobre a pergunta do professor, porque em uma sala, a probabilidade é que alguns respondam positivamente e outros não.

Fica evidente que os alunos, quase a maioria desconhecem mais a fundo sobre os bandeirantes, e nem há a obrigação de criticarmos por isso, porque é papel do professor explicar sobre quem são. Por isso há a necessidade de utilizarmos mais duas perguntas, para tentar trazer para o debate os alunos, não usando apenas perguntas diretamente referidas aos bandeirantes.

Fica perceptível que os alunos dentro das perguntas apresentam determinada lembrança sobre as estátuas que estão na cidade circunvizinha. Compreendemos que a paisagem pode fornecer mais atrativos, dependendo do gosto pessoal dos alunos, porém, não podemos excluir que o conhecimento inabitual também é um tipo de conhecimento. E nas respostas dos alunos, o interesse fica mais evidente na atividade, que são mais positivos as respostas e o percentual de alunos que participam das interações com o professor.

Dentro das perguntas feitas pelo professor, conseguimos lidar com o tema dos bandeirantes, porque na utilização de questões que são vividas pelos os estudantes, essas situações poderão ser atribuídas à bagagem que os mesmos trazem para a escola, fazendo mais sentido expô-las.

Dessa forma, no andar da matéria, os estudantes são agraciados com os livros didáticos, e há a necessidade de o professor trabalhar a leitura com eles. E aproveitamos o interesse da maioria da sala em participar das perguntas e respostas para dar continuidade ao conteúdo.

Uma forma que grande parte dos alunos aceitam, é que cada estudante leia 1 ou 2 parágrafos do tema na apostila ou no livro didático da matéria. Conseguimos sintonizar o interesse deles na leitura, forma habitual que o conteúdo histórico é transferido para os estudantes. Não é descartado que uns apresentam maior facilidade que outros na leitura, assim.

5.3.8 Atividade 5

Nessa atividade foi condicionado um conteúdo escrito no quadro na totalidade, todas as escolas públicas e até outras repartições apresentam. De certa forma, os alunos gostam que o professor trabalha de formas várias os conteúdos da disciplina para não ficar maçante, “articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal”, “amigo”, menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável.” (Caimi, 2007, p. 18).

Dentro da perspectiva dos alunos, passar conteúdo escrito na lousa é uma forma deles conseguirem participar ativamente da aula. Passar o conteúdo escrito, não é apenas dar textos grandes ou resumos; há a necessidade de esquematizar conteúdo para leigos que estão em grande parte encontrando o tema pela primeira vez naquele momento.

Aliando a bibliografias disponibilizadas e autores especialistas no assunto, conseguimos de algumas maneiras resumir e tentar aplicar o essencial para os estudantes entenderem o processo e construção historiográfica do tema abordado, que no nosso caso são os bandeirantes.

O principal deles é a identificação das mudanças conceituais efetuadas durante o processo de transposição didática a partir das necessidades da “razão didática”, ou seja, a lógica que exige que o saber ensinado, além do fato de atender a uma razão sociológica (demandas políticas e culturais), precisa ser possível de ser ensinado. Para a análise da história ensinada, no entanto, sua contribuição precisa ser complementada e revista de forma que a relação hierarquizada com o saber acadêmico venha a ser relativizada abrindo espaço para a compreensão do papel da dimensão educativa em sua estruturação. (Monteiro, 2003, p. 17).

Conseguimos entender que há necessidade de atingir um grau maduro de entendimento e utilizamos autores que forneçam estrutura capaz de elucidar nossa percepção do conteúdo exposto. Esses autores, especialistas, são para os estudantes difíceis e até “chatos” de ler, mas isso não diminui de forma alguma quem são, apenas que os alunos não são familiarizados com a escrita acadêmica.

Nesse contexto, o ofício do professor é servir de uma espécie de “ponte” que traga o ensino acadêmico para o ensino escolar. Dentro dessa perspectiva, terá a tarefa de compreender seu local de partida. A maneira composta que encontramos foi a utilização de passar o conteúdo

escrito para os estudantes no quadro sobre os bandeirantes. Abaixo teremos a imagem registrada.

Na imagem, é demonstrado bem superficialmente o que foi o movimento bandeirante, mas que ajuda a iniciar a discussão dos estudantes com o professor. Tentamos de forma coesa e simplificada escrever um pouco sobre a história dos sertanistas.

A divisão em duas partes é intencional, porque o professor no término da primeira, mantém livre essa parte escrita sem dificultar a visão dos estudantes para copiarem a matéria nos seus cadernos, enquanto escreve a segunda parte. A divisão é feita com uma linha na vertical de caneta disponibilizada pela escola.

Na primeira parte do quadro apresentamos aos estudantes algumas características dos bandeirantes para os estudantes, como a cana-de-açúcar produzida em grande parte no nordeste brasileiro que tinha preponderância no cenário econômico colonial, deixado “de lado” os olhares da metrópole para outras áreas da América portuguesa.

A capitania de São Vicente, reduto dos habitantes que se empenharam na busca por riquezas nas matas, é trabalhada na lousa, porque os estudantes devem ter em mente porque iniciou-se o bandeirantismo. Claro que outras colônias de variadas partes do Brasil dedicaram-se em encontrar formas de enriquecimento rápido, porém os mais lembrados são os habitantes do Estado hoje com o nome de São Paulo.

Na segunda parte do quadro, optamos em escrever os tipos de bandeirantes que os habitantes participavam. As principais são: 1 – Apresamento, 2 – Sertanismo, 3 – Monções e 4 – Mineração. Cada uma com um significado difuso, mas sendo breve, são que a 1 tinha como objetivo caçar seres humanos e venderem como escravos para os senhores de engenho. 2 era para combaterem quilombolas. 3 finalidades o comércio de mercadorias e víveres e 4, a mais famosa, que os participantes tinham como intuito acharem metais ou pedras preciosas.

5.3.9 Atividade 6

Nessa atividade, ficou expresso que os alunos fizessem um desenho através do conteúdo aprendido até aqui. As atividades anteriores foram fundamentais para que os alunos produzissem de maneira eficaz os registros da expansão e participação dos colonos portugueses além do Tratado de Tordesilhas.

Respeitando o tempo de 50 minutos de 1 aula de História, nela conseguimos fazer as anotações obrigatórias e editar na plataforma Exelearning. Logo após essas anotações pessoais do professor, aconselhamos a iniciar um breve momento para recordar as atividades

desenvolvidas anteriormente, como quais foram a presença dos bandeirantes na procura por riquezas dentro da América do Sul.

Os textos e conteúdo trabalhados com os estudantes, abre a disponibilidade dos outros aspectos expansionistas das possessões portuguesas, como a utilização da pecuária que animais eram criados trechos percorridos pelos vaqueiros e tropeiros tornaram-se vilas. A presença de jesuítas enviados pela companhia de Jesus para catequizar os nativos, construindo missões religiosas além tratado, possibilitou o aumento do território português na América, sobre “as décadas e os séculos seguintes, um grande número de jesuítas, sempre obrigados a seguir o rastro das incursões imperiais,” (O’Malley, 2004, p. 3) tanto no oceano como em terras americanas eram presentes. Os textos lidos pelos alunos, são essencialmente simples, havendo a informação que houve conflitos com os nativos, jesuítas e colonos.

Durante a Atividade 6 ficou decidido que os estudantes com base nas atividades anteriores, fariam um mapa representando essas expansões coloniais, rumo ao interior do continente, já que já tinha sido trabalhado em outro capítulo a economia açucareira no nordeste brasileiro e o mercado de negros escravizados pelo atlântico.

Respeitando o cronograma proposto, o professor pode optar que os alunos façam mapas colocando as formas de povoamento do território na América com base nos textos lidos em sala. O professor também pode optar em mostrar onde estavam localizadas as missões jesuíticas, vários caminhos da pecuária e por fim, qual era o principal local que os bandeirantes saíam.

Conseguimos reparar na Atividade que após as leituras dos textos, o professor definirá alguns pontos importantes para a constituição do seu mapa. Levará em consideração que a vila de São Vicente está no território português e que ali era um dos principais locais iniciais das bandeiras paulistas. Dentro dos caminhos percorridos, o sujeito coloca que seus caminhos iam além do Tratado de Tordesilhas, condizente aos itinerários feitos pelos bandeirantes.

As missões religiosas foram espaços jesuíticos que corriqueiramente estão a oeste da divisão entre coroas ibéricas. Essas localidades destinadas ao comando dos jesuítas, foram importantes para trazer a cultura europeia para os nativos. Ela possibilitou a interiorização dos colonos no subcontinente.

A pecuária também se fez presente como maneira de interiorização, já que os vaqueiros aumentavam os trajetos quando guiavam os animais. Esses percursos de norte a sul são representados por pontos tracejados na imagem, que a estudante iniciou na região dos engenhos, comumente referida ao nordeste, recordando o ciclo do açúcar na economia colonial.

Na Atividade, o professor poderá relacionar que os estudantes tiveram grande proveito, já que não é fácil para um estudante do 7º ano do ensino Fundamental II representar de forma satisfatória mapas que são uma época longínqua. Nessas imagens, há dados quase que totalizantes cujo os percursos percorridos por bandeirantes, às missões religiosas e o Estado de Minas Gerais hoje foram representados. Um fato que era comum nas representações, algumas anuências para olhares mais atentos algumas distorções feitas pelos alunos, que o professor deve corrigi-los. No caso descrito, é um exemplo, mas que volta e meia encontramos nos desenhos dos alunos. Essa modificação é percebida com distorções geográficas, cujo alguns alunos representavam o nordeste brasileiro perto da região que hoje seria Guiana, Suriname e Guiana Francesa.

Como não existia obrigatoriedade de realizarem um desenho fiel a realidade, foi expresso que deveria conter a interiorização dos colonos através do tropeirismo, missões religiosas e as bandeiras no mapa. A perspectiva da região que teve vasto cultivo da cana-de-açúcar foi representada.

Fato marcante que os estudantes participaram ativamente e empenharam-se ao máximo para conseguirem reproduzir de forma similar os exemplos que eles tinham em mãos, que serviram de fontes, como o livro didático e a matéria escrita no caderno. A maioria dos alunos fizeram os desenhos e poucos foram os que não se dedicaram. Número satisfatório, porque quase todos os desenhos recolhidos apresentavam as formas de interiorização, territórios concedidos a Espanha e Portugal e por fim, o Estado que estamos, Minas Gerais.

5.3.10 Atividade 7

Nessa Atividade, editamos ela na plataforma Exelearning como as demais. Fica a indicação para o professor orientar os alunos nesse percurso, encontrando textos da perspectiva heroica que foi construída através do passar do tempo dos bandeirantes, onde há relatos de historiadores desconstruindo uma visão hegemônica dos fatos; supostamente que seriam heróis. Essas obras que trazem uma certa discussão do papel que realmente os bandeirantes foram representados, foi essencial para fazer com que os alunos sentissem acolhidos por visões amplas de quem fabrica a História

A participação de historiadores é necessária, porque conseguem compartilhar experiências científicas sobre o assunto. Trazemos um trecho do livro *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo* (2022) de John Manuel Monteiro que trabalha sobre a realidade que viviam os colonos da capitania de São Vicente no período colonial, com um

novo olhar sobre a perspectivas dos nativos, colonos e negros na historiografia. O intuito aqui era ir além do material disponibilizado pela escola, dar espaço para mais um olhar que pudesse favorecer a discussão em sala de aula.

O trecho retrata três camadas sociais: bandeirantes, índios e jesuítas; envolvidos em uma disputa que marcou o século XVI e XVII. O relato foi constituído de maneira que o leitor perceba que houve resistência na tentativa de escravização. Leremos a seguir:

É provável que este último fator tenha sido determinante do fim das grandes expedições contra os povos guarani. Pouco acostumados à derrota, os paulistas encararam reveses significativos na província do Uruguai. Em 1638, guerreiros guaranis trucidaram dezessete sertanistas de São Paulo e tomaram outros dezessete cativos, no rechaço da expedição de Pedro Leite Pais (irmão de Fernão Dias) em Caaçapaguáçu. A derrota mais contundente, no entanto, ocorreu em 1641, quando a vultosa bandeira de Jerônimo Pedroso de Barros esbarrou na resistência indígena em Mbororé. Segundo uma testemunha ocular jesuítica, 130 canoas, carregadas de trezentos paulistas e seiscentos Tupi, abordaram um arraial de jesuítas e índios situado às margens do rio Mbororé, tributário do Uruguai. Após uma feroz batalha aquática e terrestre, os paulistas tiveram que bater em retirada. Derrotadas no campo militar, a expedição foi aniquilada de vez pela fome e pelas doenças, o que, para o triunfante escritor jesuíta, proporcionou um castigo merecido. No ano seguinte, para ressaltar o simbolismo de tão importante evento, os índios de Mbororé regalaram um visitante jesuíta com uma peça de teatro na qual era reconstituída a heroica vitória contra os "lusitanos". Ainda que algumas poucas e isoladas expedições tenham voltado ao território guarani, o "desastre" de Mbororé marcou o fim de uma época. (Monteiro, 2022, p. 94).

O texto acima é referente a batalha de Mbororé, ocorrida em 1641, entre nativos do continente contra os bandeirantes. Esse relato é importante para os estudantes entenderem quais as relações na colônia, sendo muito mais do que subordinação dos brancos perante os índios. Houve sim disputas beligerantes entre várias camadas sociais, por vezes a vitória estava ao lado dos atacados, como foi o caso dos relatado acima. Na escrita há a possibilidade de trabalharmos com os alunos várias perspectivas.

As perguntas foram maneiras que entendi que seriam importantes para entenderem mais a fundo os conflitos que os habitantes estavam envolvidos, já que é difícil desconstruir na mente do senso comum que o processo colonizador português foi sereno. Trazer a realidade de disputas e que algumas delas os nativos saíram vitoriosos, poderá deixar mais evidente que não é apenas o dominador que detém a hegemonia militar.

Aconselhamos o professor a pedir para os estudantes identificarem-se com a escrita dos seus nomes e respondessem no verso da folha de sulfite as perguntas. Não irei deixar todas as respostas aqui, devido a quantidade de alunos, mas selecionei algumas pertinentes que deixam muito a entender a percepção dos estudantes.

É importante deixar claro que as respostas devem ser feitas pelos alunos, mas que conduzidas pelo professor, porque assim é uma maneira simples de registrar os fatos. Após respondidas pelos alunos, pode haver o diálogo e a interação das respostas entre o professor e os alunos, que em grande maioria, existiu bom aproveitamento da roda de conversa.

Os estudantes conseguiram assimilar que há uma relação de poder, há mais de duas classes envolvidas e que não é apenas o de dominado e dominador. Abrindo espaço para entendermos que os sujeitos na colônia portuguesa, estavam interligados com disputas ideológicas, religiosas, econômicas e territoriais; um verdadeiro caldeirão de características humanas.

Nas respostas, conseguimos perceber atentamente que os estudantes assimilaram a visão de confrontação entre as três classes sociais, já que os jesuítas estiveram em embates jurídicos de apresamento das novas almas cristãs pelos bandeirantes. Essa percepção beligerante traz alusão que a animosidade era presente entre esses habitantes na América.

A atividade pode ser bem aceita pelos estudantes em grande parcela, já que saem do comum, que era a utilização do livro didático, apostila ou desenhos que vinham sendo feitos ao longo do trajeto. Ao momento que entreguei a atividade para fazerem, podemos deixar claro que o professor poderá avaliar as respostas e que nelas, não podem ferir os direitos humanos de qualquer população, etnia ou classe social. Apenas a averiguação dos fatos e seriam necessários na escrita de cada estudante.

Os alunos podem optar em dialogar entre eles algumas respostas, e isso é bom; abrindo caminho para o diálogo e amplia a visão de mundo dos estudantes. A necessidade de terem conversas com o professor (não registradas em papel), para sanar algumas dúvidas que surgissem no momento da leitura, foi constante, já que os alunos não têm total conhecimento da matéria estudada. Cabe ao professor tentar elucidar a mente dos jovens.

5.3.11 Atividade 8

Nessa Atividade, será feito um levantamento dos lados negativos e positivos para a execução do tema proposto que é a expansão do império português e a presença dos bandeirantes. Já que foi a primeira vez que elaborei dentro de sala essa proposta, graças aos estudos e a iniciativa que tive no Programa de Pós-Graduação em História Ibérica de elaborar uma nova forma ou encaixar-se de forma científica e construir uma investigação de novas abordagens para o professor.

Esse panorama final da aplicação do conteúdo em sala de aula foi editado e exposto apenas na plataforma Exelearning, para servir de diálogo com futuros professores que se interessam em utilizar essas abordagens em sala de aula. O balanço final é necessário para podermos policiarmos sobre eventuais futuras abordagens que serão feitas nas turmas, já que erros e acertos cometidos são comumente aceitos para desenvolver melhorias.

As atividades foram feitas em sala de aula, respeitando os 50 minutos reservados para condução dela. Durante 7 aulas que dá aproximadamente 3 semanas, sendo feitas e elaboradas para serem aplicadas na escola para alunos do 7º ano ensino Fundamental II. Fica difícil recomendar a outros professores usarem ortodoxamente o conteúdo em outras turmas, já que a temática é utilizada apenas no ano que foi testado, respeitando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Se por ventura o professor gostar, ele facilmente pode modificar dados da proposta aqui é aplicar em outras turmas, até em outras matérias, porém é importante esclarecer que essa foi a primeira vez que fizemos essa atividade.

Os pontos negativos após o término das atividades, é a falta de interesse às vezes em terminar de forma mais ativa as atividades, porque houve carência de ânimo por parte de poucos alunos, tendo que terminarem em casa os mapas. Também ficou marcado a indisciplina por parte de alguns estudantes que mesmo com a avaliação de pontos em participação, não quiseram dedicar-se o bastante para fazerem as tarefas pedidas. O professor tem que intervir para condução tranquila das atividades, porque são adolescentes e a idade ajuda a “explodirem” de energia.

Já os pontos positivos, é a quase total participação dos estudantes em fazerem os mapas, já que os mesmos se sentem felizes em desenharem. A ajuda dos colegas enobrece mais a aplicação de mapas em sala. Aliado aos textos e a matéria escrita no quadro, os estudantes gostaram da forma que foi trazida à sala de aula a proposta dos mapas. O baixo custo, tempo e forma fácil de conduzir a matéria através das atividades, irá possibilitar que mais vezes eu aplique em outras turmas esse conteúdo.

Concluindo que foi de grande proveito essa proposta, já que abriu margem para uma inédita maneira da minha realidade, tendo novos olhares, graças às conversas com os docentes da Unifal-MG, colegas de mestrado e orientador, personagem importante para a materialização do Objeto de Aprendizado.

Esse projeto ainda está em aberto, já que tem margem para ser posto em prática novamente e será, porque de acordo que for elaborado e apresentado para os alunos, haverá modificações e melhoramentos, ajudando cada vez mais o professor em sala de aula.

5.3.12 Considerações finais

Nas considerações finais, optamos em registrar alguns entraves e causalidades positivas. Após terminarem as atividades, registramos os balanços em arquivos pessoais. As atividades são maneiras que o professor poderá aplicar no conteúdo programado. Sempre surgirão elementos inusitados em sala, sendo assim descrevemos em conteúdo pessoal do professor.

Esse espaço ficou reservado para citarmos algumas fontes utilizadas e editadas no Exelearning. O trabalho intelectual de registrar esse material que auxilia a desempenhar um projeto coeso e harmônico com a academia se faz necessário. Abaixo foram os respectivos panoramas registrados.

5.3.13 Panorama – atividade 1

Como critério de distribuição de pontos, pode ser levado em consideração não apenas o mapa em si, mas como os alunos comportaram-se em sala de aula; não fazer baderna, respeitar o próximo, atender aos pedidos do professor; companheirismo com os colegas de sala e respeitando as normas vigentes da escola.

De forma geral, nessa atividade 1, o resultado foi muito positivo e poderá reproduzi-la. As anotações podem ser feitas em uma folha separada e apenas que o professor tem acesso. Essas anotações foram registradas de como foi conduzida a aula. Aconselhamos em registrar de qual maneira foi a locomoção da aula, porque de acordo com o tempo que passa, surgem imprevistos e desafios que podem ser esquecidos facilmente. Em suma, na Atividade 1, tem bom aproveitamento, já que os alunos tiveram aceitação elevada e assim cooperando entre eles para desempenharem um papel fundamental na constituição do saber. O lado negativo pode ser a falta de comprometimento de alguns que estavam importando-se apenas com os pontos de participação, não desempenharem um desenho apropriado para a realidade total. Porém, esses alunos que “desacreditaram” do próprio potencial foram uma parcela ínfima.

5.3.14 Panorama – atividade 2

O objetivo central dessa atividade é fazer com que os professores e os alunos percebam o tamanho descomunal que era as viagens para os portugueses em alto mar, já que muitos perdiam suas vidas nesses trajetos que chegavam a durar anos. Essas campanhas eram

verdadeiras epopeias nos oceanos, seja pelo momento, caminhos desconhecidos, sujeitos a revezes dos mares, etc.

Trazer os olhares de uma viagem expansionista, chegando no Brasil, pode favorecer a compreensão dos estudantes que os portugueses tinham na época, movidos por riquezas terrenas, uma continuidade em levarem a palavra de Deus e por fim, aumentando as possessões portuguesas. É significativo para os professores fazer que a maior quantidade de alunos aprenda sobre o conteúdo estudado de forma simples e atrativa. Então elaboramos o OA para o professor aumentar suas formas de transmissão de conhecimento.

5.3.15 Panorama – atividade 3

Os estudantes comportaram-se mais que o previsto nesta atividade. Houve a necessidade de eles encontrarem a localização geográfica dos municípios da legenda em outros mapas. Alguns mapas-múndi em sala de aula foram fontes para os estudantes. Houve a chamada de atenção por parte do professor apenas para manterem o volume baixo das conversas.

5.3.16 Panorama – atividade 4

Assim, dentro dessas perguntas, o professor poderá abrir a conversa do tema com os estudantes. Claro, que temos que tentar ao máximo possível manter a ordem que eles participam. Uma maneira que achei condizente com a ação, é apontar para o aluno que irá falar sobre o tema. Fato marcante que uns levam mais segundos e outros são breves nas respostas das perguntas elaboradas a primeiro momento. Não excluí de forma alguma os que não quiseram falar, já que são vários motivos que os que não disseram alguma resposta, muitas vezes sentem-se tímidos ou não tiveram na experiência de vida momentos compactuados com as questões feitas pelo professor.

Dessa forma, no andar da matéria, os estudantes são agraciados com os livros didáticos, e há a necessidade de o professor trabalhar a leitura com eles. E aproveitamos o interesse da maioria da sala em participar das perguntas e respostas para dar continuidade ao conteúdo. Uma forma que grande parte dos alunos aceitam, é que cada estudante leia 1 ou 2 parágrafos do tema na apostila ou no livro didático da matéria. Conseguimos sintonizar o interesse deles na leitura, forma habitual que o conteúdo histórico é transferido para os estudantes. Não é descartado que uns apresentam maior facilidade que outros na leitura

5.3.17 Panorama – atividade 5

Conseguimos de maneira concreta atender todos os estudantes, já que eles copiaram a matéria do quadro. Teve que haver o esclarecimento que esse conteúdo é matéria de prova, para incentivar mais eles copiarem o conteúdo. Deve ter a compreensão do professor que os estudantes falem durante a aula, aí que há a necessidade da intervenção do educador e cortar as conversas paralelas.

5.3.18. Panorama – atividade 6

Foi anotado no Exelearning que podemos utilizar algumas táticas eficazes para trazer o conteúdo na sala de aula. Os mapas são formas eficientes que os alunos aprovam em construir e no panorama dessa atividade, esclarecemos que esses mesmos alunos se empenharam em desenharem o conteúdo proposto.

5.3.19 Panorama – atividade 7

Não há a necessidade de o professor cobrar dos alunos que façam mapas fiéis à realidade, porque são construções simples do conteúdo trabalhado em sala. Nesse panorama, a finalidade é deixar o professor conduzir os desenhos de uma maneira mais “leve” e ao mesmo tempo seja condizente com a realidade. Ele poderá optar em fazer o desenho do Estado que esteja inserido, como foi descrito no Objeto de Aprendizagem que era Minas Gerais.

6 CONCLUSÃO

A dissertação teve como finalidade contribuir de alguma forma com o papel dos professores que ministram a disciplina História para alunos da escola pública. O intuito de ajudarmos de alguma forma com esses profissionais é resultado dessa pesquisa. Ajudar uma classe que tem desafios contínuos é fundamental para uma sociedade mais justa e igualitária.

Promover reflexões sobre nossas realidades sendo ligadas ao cotidiano da educação brasileira é ter o poder de eliminar barreiras do ensino fechado e ampliar o leque de possibilidades dentro da sala de aula. O processo de ensino-aprendizagem pode ser ministrado de diversas formas; uma que tivemos a experiência foi a descrita nesta dissertação de Mestrado.

No século XXI, o professor está habituado a ter várias plataformas digitais que trazem conhecimentos para sua profissão; novos meios educacionais são referenciados no cotidiano de trabalho. Porém, há a necessidade de termos a discussão e aprimoramento dessas práticas fora da sala de aula, para depois sim, aplicarmos para os estudantes.

Nosso intuito de elaborar mapas para os estudantes, foi pensado e visto fora do ambiente escolar. A concepção que tivemos do Objeto de Aprendizado, foi pensada, vista e depois de longas conversas e análises, optamos em aplicar para os estudantes. Os professores e colegas de mestrado favorecem essas definições. Um trabalho árduo que teve frutos na prática, com elaboração dos mapas feitos pelos estudantes.

Os textos disponibilizados nas aulas no decorrer das disciplinas, ajudaram para que nós conseguíssemos concretizar a ideia de favorecer o trabalho do professor em sala de aula. A confecção de mapas pelos alunos durante o decorrer das aulas expositivas, fizeram que facilitasse o aprendizado da expansão do império português na América.

O programa Exelearning ajudou no compartilhamento do projeto para mais professores. O conteúdo exposto nele deve facilitar a transmissão do conhecimento. Lembrando que nosso intuito é compartilhar experiências e ajudar de alguma forma os professores do ensino fundamental II. Dividimos em seções para o leitor do nosso projeto tenha a capacidade de entender o que estamos querendo reproduzir. As seções para nós são essenciais em facilitar o entendimento ali exposto.

Vale ressaltar que nosso projeto é especificamente feito para aplicar a matéria descrita. Fica livre para copiar e compartilhar a ideia que tivemos até aqui, porém a necessidade para que os interessados nessa prática, modifiquem de acordo com a realidade que estão inseridos.

Foi de grande importância e aprendizado para nós com a construção do OA. A construção do projeto favoreceu novas abordagens como as descritas anteriormente que puderam ser aplicadas em sala e favorecer novas ferramentas ampliando as abordagens em sala de aula.

Consideramos que recursos que facilitem e melhore o papel do educador em seu cotidiano, pode ser compartilhado e reproduzido de forma que engrandeça o trabalho em sala de aula. A sociedade é elaborada para o lucro abrupto e aplicado até mesmo na Educação, o papel do professor também pode ser do que ajuda seus pares sem querer enriquecer rapidamente no seu meio. O Objeto de Aprendizado não é apenas para ganhar dinheiro, mas pode ser utilizado com o fim econômico, educativo, difusor de conhecimento, público, etc. Nós prezamos a citação de nosso trabalho e não incomodamos dessa ideia ser compartilhada por sujeitos bem intencionados em utilizar nossa criação para ajudar pessoas nas suas vidas.

O OA entra nessa concepção de mundo e para nós a constituição de uma Educação plural e não mercadológica é essencial para conseguirmos diminuir as barreiras e assim fazer um Ensino mais plural e dinâmico entre a comunidade escolar. Temos em mente que os desafios até aqui foram aceitos e realizamos soluções que a nosso ver foi a melhor qualificada pela situação e realidade.

Levando em consideração as provações que tivemos, de certo modo conseguimos chegar e atender nosso objetivo maior, que era uma forma de atender e ajudar os professores na disciplina de História. O conhecimento educacional é gigantesco e quanto mais pessoas estiverem empenhadas em escrever e elaborar concepções para ajudar os educadores, será bem aceito.

REFERÊNCIAS

- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Brasília, DF: Senado Federal, 1998.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem a escrita e o ensino da história? *In*: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). **Qual o valor da História hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 21-39.
- ANDRADE, Alexandre C. de. **Pouso Alegre (MG): expansão urbana e as dinâmicas socioespaciais em uma cidade média**. Rio Claro, SP, 2014.
- ARAUJO, Valdei Lopes de. **História dos conceitos: problemas e desafios para uma releitura da modernidade ibérica. Formação do Estado e da Nação: Brasil c. 1780-1850**. Almanack brasileiro, nº7, 2008.
- BARROS, José d'Assunção, “**Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo**”, [Online], 71 | 2017, Online since 04 January 2018, connection on 03 April 2022.
- BARROS, José D'Assunção. **Seis desafios para a historiografia do novo milênio**. Cadernos de História, Belo Horizonte, 2020.
- BARROS, José D'Assunção. **A historiografia e o conceitos relacionados ao tempo**. Dimensões, vol. 32, 2014, p. 240-266.
- BARREIROS, Eduardo Canabrava. **Roteiro das Esmeraldas**. A Bandeira de Fernão Dias Pais. Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio Editora S.A.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. **O processo de avaliação de livros didáticos – história**. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 20, 1999, Florianópolis. Anais. ANPUH, 1999.
- BITTENCOURT, Circe. **Usos didáticos de documentos**. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. 2ª. edição. São Paulo: Cortez, 2008, p. 325-350.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRAGA, Juliana. **Objetos de Aprendizagem**. Volume 1. Coleção Intera. Introdução e Fundamentos. Santo André, Editora da UFABC, 2014.
- BRAGA, Juliana. **Objetos de Aprendizagem**. Volume 2. Coleção Intera. Introdução e Fundamentos. Santo André, Editora da UFABC, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. Edital de convocação 01/2021 – CGPLI: Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático: PNLD: 2023. Brasília, fev. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas->

do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2023-1/Edital_PNLD_2023__2__Retificacao_08_07_2021.pdf. Acesso em: 26 Jan. 2023.

CAIMI, Flávia Eloísa. **Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?** Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.129-150, dez. 2008.

CAIMI, Flávia Eloisa. **O que precisa saber um professor de História?** História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.

CAIMI, Flávia Elosia. **“Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História”**. Dossiê, Tempo, Niterói – RJ, junho, 2006.

CARNEIRO, Patrício A. S. **Do Sertão ao Território das Minas Gerais: Entradas e Bandeiras, Política Territorial e Formação Espacial no Período Colonial**. UFMG, BH, 2013.

CARVALHO, José Sérgio. **A teoria na prática é outra? Considerações sobre as relações entre teoria e prática em discursos educacionais**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 47, p. 307-322, maio-ago. 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. 2ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 81-100.

COELHO, Mauro Cezar; GONÇALVES, Andressa da Silva. **As narrativas didáticas sobre o bandeirante: entre a mitologia bandeirante e a crítica histórica**. Revista Escritas do Tempo – v. 2, n. 5, jul-out/2020 – p. 135-156.

EUGÊNIO, Alisson. A Cartografia da Conquista: a função dos mapas como instrumento de legitimação das conquistas geopolíticas no espaço ibérico durante o alvorecer da idade moderna. **GEOgraphia**, v. 23, n. 51, 2021.

EXELEARNING. Site Oficial. Disponível em: <https://exelearning.org/>. Acesso em: 02 Dez. 2024.

FARIA, Marcos Roberto de. **A organização de um corpo disperso uma análise da atividade jesuítica em terras brasílicas (1583)**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, RJ. 2014.

FONSECA, Jorge. **A historiografia sobre os escravos em Portugal**. CHAM — Centro de Humanidades Cultura, Vol. 33 | 2014, posto online no dia 22 abril 2016, consultado a 10

dezembro 2020. URL: [http:// journals.openedition.org/cultura/2422](http://journals.openedition.org/cultura/2422); DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.2422>.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. **Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil no século XVI, XVII, XVIII**. São Paulo, Comissão IV Centenário, 1954.

GABRIEL, Carmen Teresa. **Usos e abusos do conceito de transposição didática**. Considerações a partir do campo disciplinar da História. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0509.htm> Acesso em: outubro de 2019.

GRUZINSKI, S. **Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories**. Topoi, Rio de Janeiro, v. 02, p. 178-183, 2001.

GIMENES, José Carlos. **A presença do imaginário medieval no Brasil colonial: descrições dos viajantes**. Acta Scientiarum Human and Social Sciences v 23. n. 1.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. **Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil**. Brasília. Editora, Revista e atual FUNAG, 2015.

GONÇALVES, Andressa da Silva. **O Lugar do Bandeirante no Currículo Escolar**. ANPUH-BRASIL, 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019.

GOUVÊA, M.F.S.; FRAZÃO, G.A. & SANTOS, M.N. **Redes de poder e conhecimento na governação do Império Português, 1688-1735**. RJ, Topoi, 2004.

HARLEY, J.B. **Mapas, saber e poder**. Confins [Online], 5 | 2009, posto online no dia 24 Abril 2009, URL: <http://confins.revues.org/5724>; DOI: 10.4000/confins.5724. Acesso em: 29 Nov. 2023.

HESPANHA, A. M. (2018). **Categorias. História dos Conceitos, História das Ideias, História dos Dogmas Jurídicos**. Cadernos do Programa De Pós-Graduação em Direito – PPGDir./UFRGS, 13.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais, 2018**. Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/20181012%20%20Curr%C3%ADulo%20Refer%C3%Aancia%20de%20Minas%20Gerais%20vFinal.pdf>. Acesso em: 20 Out. 2019.

MINAS GERAIS. 8ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais. **Caminhos do Patrimônio: Contemporaneidade e Novos Horizontes**. Disponível em: <https://pousoalegre.mg.gov.br/imagens/image/noticias/Bens%20Tombados%20Pouso%20Alegre.pdf>. Acesso em: 08 Jan. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Os sentidos de uma Estátua: Espaço Individuação, Acontecimento e Memória**. Pouso Alegre, MG: Univás, Entremeios: revista de estudos do discurso, disponível em <http://www.entremeios.inf.br>, volume 1, nº1, Julho/2010, p. 7.

PAIVA, Adriano. **Uma Tradição Paulista nas Minas: descobridores e conquistadores nos sertões dourados**. BH: Editora Fino Traço Ltda. 1ª Edição, 2016.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 117-142, 2005.

VASCONCELOS, Diogo. **História Antiga das Minas Gerais**. BH: Editora Itatiaia Ltda. 4ª Edição, 1999.

HERNANDES, Paulo Romualdo. **A Companhia de Jesus no Século XVI e o Brasil**. Campinas, Revista HISTEDBR, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e Fronteiras**. 4ª ed. SP: Companhia das Letras, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 3ª ed. SP: Editora Brasiliense, 1990.

IGGERS, Georg. **Desafios do século XXI à historiografia**. International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 3, n. 4, p. 105-124, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo: estudos sobre história**. Reinhart Koselleck; tradução Markus Hediger. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

MACHADO, L.M.; OLIVEIRA, R. P. Direito à educação e legislação de ensino. In: WITTMANN, L. C.; GRACINDO, R. V. (org.) **O estado da arte em política e gestão de educação no Brasil – 1991-1997**. Brasília: ANPAE e Campinas, 2001.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **O historiador-docente entre as práticas e os saberes das políticas de formação continuada**. In: Seminário de História Política: Olhares além das práticas, 2., 2011, Rio Grande. Anais eletrônicos... Rio Grande, 2011.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio-descontinuado/pdfs/RCSEEMG.pdf>. Acesso em: 02 Dez. 2024.

MOREIRA, Alberto da Silva. **Cultura e Educação: Ética e Ação Política na Antiguidade e Idade Média**. Vitória da Conquista, Bahia, UESB, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. **A história ensinada: algumas configurações do saber escolar**. História & Ensino. v. 9, p. 37-62, out. 2003.

MONTEIRO, Ana Maria F. da C.; PENNA, Fernando de A. **Ensino de História: saberes em lugar de fronteira**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, 2011.

MONTEIRO, J. M. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. 2ª ed. SP: Companhia das Letras, 2022.

MUNAKATA, Kazumi. **Como se faz livro, inclusive didático e paradidático**. Produzindo livros didáticos e paradidáticos. São Paulo: PUC-SP, 1997, p. 79-104. (Tese de Doutorado).

PACHECO NETO, Manuel. **Os Livros Didáticos como Instrumentos Disseminadores da Concepção Heróica do Bandeirante**. Educação e Fronteiras, Dourados, MS, v. 1, n. 2, jul./dez. 2007.

PACHECO NETO, Manuel. **Heróis nos livros didáticos: bandeirantes paulistas**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

PACHECO NETO, Manuel. **Vivendo bandeirantemente e morrendo cristãmente: a remissão do bandeirante à beira da morte**. Dourados: Ed. UFGD, XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores: Civilidade, Fronteira e Diversidade, SIPC, 2012.

NÓVOA, Antônio. **O professor pesquisador e reflexivo**. Entrevista concedida em 13 de setembro de 2001

O'MALLEY, J. **Os primeiros jesuítas**. Tradução Domingos Armando Donida. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru: EDUSC, 2004.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. **A Formação e o Sentido do Brasil**. SP. SP: Companhia das Letras, 2ª ed., 1995.

SANTOS, Pedro A. C. d.; NICODEMO, Thiago L.; PEREIRA, Mateus H. de F. **Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão**. Estudos Históricos, v. 30, n. 60, 2017.

SABEH, Luiz Antonio. **Colonização salvífica: os Jesuítas e as Coroas ibéricas na construção do Brasil (1549-1580)**. Dissertação de Mestrado, UFPR-Curitiba, PR, 2009.

SANTOS, Fabrício Barroso dos. **O Livro Didático no Ensino de História: entre práticas historiográficas e narrativas docentes**. Dissertação de Mestrado, Araguaína-TO, 2016.

SEFFNER, Fernando. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SOUZA, Laura de Mello. **“Formas provisórias de existência.” In: (Org.): História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.1.

SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

TAUNAY, Afonso D'Escragnolle. **História das Bandeiras Paulistas**. CDPB, 2011.

VALLE, F. D. **Inovação “historiográfica” antes da história-disciplina: Alcântara Machado e a escrita sobre São Paulo no período colonial.** *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 319–348, 2021.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808).** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

APÊNDICE

Abaixo será demonstrado de como será visto o Objeto de Aprendizado pela tela de um computador:

The image displays three sequential screenshots of a digital learning interface titled 'Caique Projeto'. The interface is designed for a computer screen and features a sidebar on the left with navigation options: 'Objeto de Aprendizado (PPGHI)', 'Introdução', 'Desenvolvimento', 'Considerações Finais', and 'Fontes'. The main content area is titled 'Introdução' and contains three sections, each with a video player and a collapse icon (minus sign):

- OBJETO DE APRENDIZAGEM:** This section explains the purpose of the Learning Object (OA) as a tool for teaching Portuguese expansion in Brazil. It states that the OA is specific to the subject matter and can be used by any educator. A video player below shows a progress bar at 00:47.
- SOBRE O AUTOR:** This section introduces the author, Caique de Paula Dias, a teacher from Ouro Fino-MG. A video player below shows a progress bar at 00:00.
- CAMINHOS:** This section describes the teaching approach, emphasizing the use of various forms to achieve methodological objectives. A video player below shows a progress bar at 01:01.

The third screenshot shows the **MATERIAL UTILIZADO:** section, which lists materials used in the classroom and provides a list of steps for the activity:

Os materiais utilizados em sala de aula, são facilmente encontrados nas escolas. Os alunos produziram seu próprio entendimento com base no conhecimento adquirido. Fabricaram mapas em folhas de sulfite A4, de acordo com o conteúdo do Brasil Colonial seja aplicado em sala de aula. A seguir a forma que será proposto:

PASSO 1: PASSO 2:

- 1 - Trabalhar com os alunos a matéria obrigatória.
- 2 - Utilizar materiais que o professor já tem em mãos (ex. livro didático).
- 3 - Explicar da forma que já está acostumado.
- 4 - É importante para o estudante sintonizar o que será trabalhado.

At the bottom of the interface, there is a Creative Commons license notice: 'Sob licença Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0'. Navigation buttons 'Anterior' and 'Seguinte' are visible at the top and bottom of the interface.

Caique Projeto Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Atividade 4

Atividade 5

Atividade 6

Atividade 7

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Atividade 1

LEITURA E DIDÁTICA SOBRE PORTUGAL:

Com a ajuda do livro didático, fizemos essa primeira atividade. A proposta da atividade 1 gira em torno das grandes navegações dos países europeus. Ocorreu entre os séculos XV, XVI e XVII. Portugal foi o pioneiro nessas viagens marítimas. Foi pronunciado em voz alta 2 perguntas em que os alunos responderam. Nem todos os estudantes participaram prontamente, mas sempre há alguns mais abertos a articular-se. Foram os seguintes questionamentos:

Turma, alguém aqui conhece Portugal?

Galeral Vocês conhecem algum jogador de futebol português?

Selecionamos algumas respostas aleatórias que obtivemos. São várias respostas e outros estudantes não responderam, por não saberem ou não quererem responder. As respostas selecionadas encontram-se nas mais pertinentes. De todos os alunos seria inviável registrar suas respostas. Essas perguntas são informais, apenas para dar ponta pé no conteúdo. No próximo bloco de perguntas e respostas, selecionamos algumas participações dos estudantes. Alguns sentiram-se entusiasmados em participarem do jogo de palavras com o professor.

Caique Projeto Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Atividade 4

Atividade 5

Atividade 6

Atividade 7

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Desenvolvimento

PONTO DE PARTIDA:

Nesse percurso nós mostraremos a forma que possa ser desenvolvido o OA em sala. Já ficou pré-estabelecido que o professor disponibilizará folhas sulfites A4 para os estudantes. Para concretizar a proposta, dividimos em "atividades" cada passo a ser seguido pelo professor. Essas "atividades" são elaboradas e trabalhadas de acordo com a aplicação da matéria. Abaixo mostraremos a forma simples para cortar as folhas.

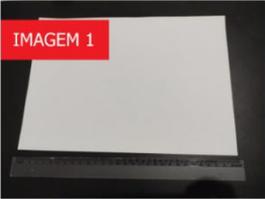


Imagem 1 - folha sulfite A4.

Imagem 1 - folha sulfite A4.

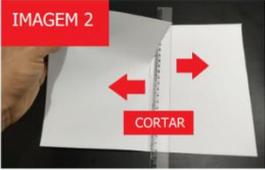


Imagem 2 - cortando a folha de sulfite A4.



Imagem 3 - as duas partes feitas.

00:00 00:53

00:00 02:40

PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Sobre Portugal nas Grandes Navegações é correto afirmar?

Portugal foi o pioneiro nessas viagens marítimas.

Verdadeiro Falso

Primeiro lugar que os navegadores portugueses chegaram foi a América.

Verdadeiro Falso

A Espanha também era rival de Portugal nas navegações marítimas.

Verdadeiro Falso

O Tratado de Tordesilhas foi um dos assinados durante o contexto das grandes navegações.

Verdadeiro Falso

00:00 02:22

Na imagem, o mapa construído por um estudante, ficar perceptível o grau de detalhes posto na folha de sulfite. O estudante cometeu um erro de deixar de representar geograficamente Portugal e Espanha. Na perspectiva americana, nosso continente ficou relativamente perto da demarcação da época.

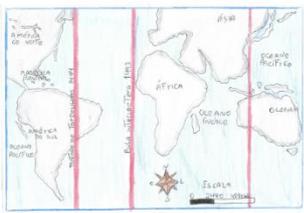


Imagem 5: tratado de Tordesilhas desenhado por um aluno.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Na "imagem 5" o estudante tentou reproduzir os continentes que tiveram grande interferência dos europeus. A Bula Inter Caetera (1493) e o tratado de Tordesilhas (1494) representa tratados entre as cortes ibéricas. Os tópicos foram destacados porque envolvem a expansão do império português que rivalizava com a coroa espanhola. Nessa atividade proposta aos alunos, teve número de aceitação elevado. A maioria dos estudantes apresentam um bom aproveitamento nos desenhos. São poucos que demonstram desinteresse e tentam fazer o mais rápido possível a atividade. Há a necessidade do profissional em alertar que o desenho tem que ser de uma forma que permita o leitor entender da forma mais simples a imposição e poder das cortes ibéricas sobre o mundo naquele período que estamos trabalhando (expansão do império marítimo português). Uma maneira também que utilizamos com eles foi a possibilidade de juntarem as mesas em duplas e até trios. Havendo assim uma ajuda mútua dos estudantes, já que uns

Na imagem conseguimos encontrar grande grau de representatividade do aluno sobre sua perspectiva. Porém há um erro de localização: o estudante representou Ceuta como uma ilha no oceano Atlântico. Ceuta é uma região situada no continente africano. O empenho do estudante é logo vista na imagem, comprovado pelos detalhes e coloração. Os traços que representam as expedições portuguesas estão de acordo com nível de aceitação desejável. Na próxima imagem feita por outro aluno, conseguimos sintetizar no mapa o que foi estudado até então:

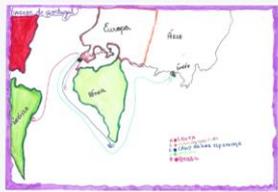


Imagem 7: Portugal e suas viagens marítimas desenhado por um aluno.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Não há problema em trabalhar algumas distorções com os alunos. É difícil que todos os estudantes tenham alto índice de detalhes em suas obras. O papel do professor em orientar que o estudante reveja sua demarcações e aconselha a rever os dados que desenhou. Houve uma orientação oral para que o mesmo pesquisasse mais os dados geográficos dos continentes.

00:00 02:22

ATIVIDADE:

Depois de realizada a chamada e anotação do que será trabalhado em sala, demos início a atividade. Ficou estipulado com a ajuda do livro didático, os alunos lessem parágrafos sobre o tema. Após a leitura, para que seja diversificada, os alunos desenharam mapas como na atividade anterior. Ficou decidido que eles fariam livros para agruparem em até no máximo 4 cartelas. Fizeram um mapa do mundo com foco em Portugal e suas principais viagens marítimas. Essas viagens estavam nos textos lidos, das quais são:

- A. 1415 - Ceuta.
- B. 1419 - Ilha da Madeira.
- C. 1488 - Bartolomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas e o rebatiza-o de Cabo da Boa Esperança.
- D. 1498 - Vasco da Gama chega às Índias.
- E. 1500 - Chegada de Pedro Álvares Cabral na América.

Abaixo percebemos a forma que um estudante representou essas viagens sobre o globo:



Imagem 6. Portugal e suas viagens marítimas desenhado por um aluno.

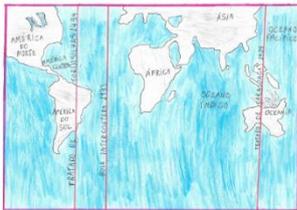
Essa é difícil (risos). Qual é o idioma que nós falamos?

A partir dessa questões, temos um ponta pé inicial. As questões ajudam a entender Portugal nos dias atuais. O professor pode elaborar essas questões iniciais de acordo que achar que encaixe-se com sua realidade. Respondido as perguntas, entramos com a leituras dos textos no material didático dos alunos. Estipulamos que cada aluno leia ao menos 1 parágrafo da matéria referente à expansão marítima portuguesa. Na leitura, alguns têm mais facilidade do que outros. Conseguimos trabalhar as deficiências dos alunos na leitura.

00:00 03:01

CONFECÇÃO DOS MAPAS:

Após a leitura dos textos iniciais sobre a expansão marítima portuguesa, ficou estipulado 1 desenho. Desenhassem um mapa sobre o tratado de Tordesilhas. A base que eles tiveram, pode ser acessada na página 53 da edição do livro didático *História, Escola e Democracia (2018)*. Há um texto com 5 parágrafos referindo os acordos que Portugal fez com a Espanha. Abaixo um dos desenhos feitos:



Caique Projeto

Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGHI)

Introdução

Desenvolvimento

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Atividade 4

Atividade 5

Atividade 6

Atividade 7

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Atividade 2

EXPANSIONISMO PORTUGUÊS:

Nessa atividade os alunos perceberão a expansão do império português através das grandes navegações. A proposta é que os estudantes entendam como foi o início da chegada dos lusitanos em território americano. A atividade foi elaborada durante 1 aula (50 minutos). Tentaremos especificar que os portugueses foram os pioneiros nas grandes navegações. Esse será um breve resumo das grandes navegações:

Comércio lucrativo: Grandes navegações: Ásia: Portugal:

1. As especiarias eram produtos altamente valorizados na Europa durante o fim da Idade Média e início da Idade Moderna.
2. Cidades mediterrâneas detinham grandes lucros com a cobrança de taxas sobre esse comércio.
3. Veneza e Gênova eram cidades que tinham exorbitantes lucros com as especiarias.

00:00 02:22

ATIVIDADE:

Texto

PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Teste seus conhecimentos.

Objetivo central do início das Grandes Navegações era chegar às Índias.

Verdadeiro Falso

Ceuta, Ilha da Madeira e a Austrália foram locais que os portugueses foram os primeiros europeus a chegarem.

Verdadeiro Falso

Em 1488 o navegador português Bartolomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas e o rebatiza-o de Cabo da Boa Esperança.

Verdadeiro Falso

O primeiro navegador europeu a chegar oficialmente no Brasil foi Pedro Alvarez Cabra na América.

Verdadeiro Falso

vinculadas ao dia-a-dia dos estudantes. As cidades de Bom Repouso, Borda da Mata, Pouso Alegre e Tocos do Moji estão dentro do Estado. A percepção atual de limites são encontradas pelos estudantes nas suas demarcações. Intencionalmente colocamos esses nomes, porque foram locais com a participação dos bandeirantes na época que subsistiram-se.

00:00 02:05

PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Teste seu conhecimento:

O Tratado de Boa Amizade foi o responsável em dividir a América em Espanha e Portugal.

Verdadeiro Falso

Pero Vaz de Caminha foi o escrivão da frota que chegou no Brasil e representou tanto as belezas da fauna e flora.

Verdadeiro Falso

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGHI)

Introdução

Desenvolvimento

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Atividade 4

Atividade 5

Atividade 6

Atividade 7

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Atividade 3

EXPANSIONISMO NO BRASIL:

Na atividade optamos em levar em consideração a leitura. O conteúdo trabalhado foi sobre a perspectiva da chegada dos portugueses na Bahia. Questões dos primeiros contatos com os nativos estiveram presentes. Registros sobre a fauna e flora com as cartas de Pero Vaz de Caminha e a extração do pau-brasil foram trabalhadas. Realizamos a leitura dos textos complementares no livro didático para favorecer a compreensão dos estudantes. Solicitamos que desenhassem o mapa do Brasil atual com a divisão do tratado de Tordesilhas.

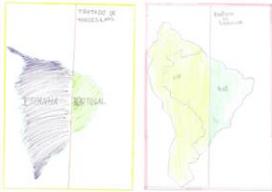


Imagem 8: América do sul e Brasil atual desenhado por alunos.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Nas imagens podemos reparar a perspectiva dos alunos após as leituras que foram conduzidas em seus traços. A imagem 8 foi representada dois mapas sobre a divisão entre Portugal e Espanha. Alguns alunos representaram o

Nas imagens podemos reparar a perspectiva dos alunos após as leituras que foram conduzidas em seus traços. A imagem 8 foi representada dois mapas sobre a divisão entre Portugal e Espanha. Alguns alunos representam o território nacional atual. Para continuação da atividade, solicitei que escrevessem na legenda 4 cidades circunvizinhas. Após terminado o mapa, como podemos olhar abaixo, os estudantes fizeram a legenda:

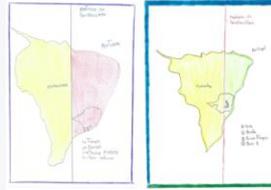


Imagem 9: Estado de Minas Gerais desenhado por alunos.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Com atividade feita pelos alunos, houve a necessidade de localização geográfica de onde os alunos estão. Podemos encontrar que a percepção de alguns é adversa de outros. O Estado de Minas Gerais está totalmente dentro do território português para um e para outro estudante, apenas metade está. As cidades representadas são as que estão vinculadas ao dia-a-dia dos estudantes. As cidades de Bom Repouso, Borda da Mata, Pouso Alegre e Tocos do Moji estão dentro do Estado. A percepção atual de limites são encontradas pelos estudantes nas suas demarcações. Intencionalmente colocamos esses nomes, porque foram locais com a participação dos bandeirantes na época que subsistiram-se.

00:00 02:05

Imagem 10: estátua do bandeirante Fernão Dias.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Com aproximadamente 20 metros de altura, a estátua está às margens da rodovia com mesmo nome. Foi tombada pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Cultural de Pouso Alegre em 1999. Decreto Municipal nº 2348/99 (MINAS GERAIS, 2021, p. 4). Os alunos têm fácil acesso na rodovia, então vira ponto de referência para utilizarem a imagem quando perguntado sobre os bandeirantes. Ficou evidente que os alunos desconhecem mais a fundo sobre os bandeirantes. Não há a obrigação de criticarmos por isso, porque é papel do professor explicar sobre quem são. Foi necessário utilizarmos outras perguntas, para tentar trazer para o debate os alunos. Essas perguntas não são apenas perguntas diretamente referidas aos bandeirantes. Compreendemos que a paisagem pode fornecer mais atrativos, dependendo do gosto pessoal dos alunos. Não podemos excluir que o conhecimento inabitual também é um tipo de conhecimento. As que são mais positivas as respostas e o percentual de alunos que participam das interações com o professor foi na 3. Dentro das perguntas feitas pelo professor, conseguimos lidar com o tema dos bandeirantes. Na utilização de questões que são vividas pelos os estudantes há mais participações de respostas. Essas situações poderão serem atribuídas a bagagem que os mesmos trazem para a escola, fazendo mais sentido expô-las.

00:00 04:04



PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Teste seus conhecimentos:

A pecuária, as missões jesuíticas e o bandeirantismo foram as principais formas de interiorização portuguesa no continente.

00:00 02:20



PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Na imagem é demonstrado bem superficialmente o que foi o movimento bandeirante. A matéria ajuda a iniciar a discussão dos estudantes com o professor. Tentamos de forma coesa e simplificada escrever um pouco sobre a história dos bandeirantes. A divisão em duas partes é intencional, porque o professor no término da primeira, mantém livre essa parte escrita sem dificultar a visão dos estudantes para copiarem a matéria no seus cadernos, enquanto escreve a segunda parte. A divisão é feita com uma linha na vertical de caneta disponibilizada pela escola. Na primeira parte do quadro apresentamos aos estudantes algumas características dos bandeirantes para os estudantes, como a cana-de-açúcar produzida em grande parte no nordeste brasileiro detinha preponderância no cenário econômico colonial, deixado "de lado" os olhares da metrópole para outras áreas da América portuguesa. Na segunda parte do quadro, optamos em escrever os tipos de bandeirantes que os habitantes participavam. As principais são:

- o 1 - Apresamento.
- o 2 - Sertanismo.
- o 3 - Monções.
- o 4 - Mineração.

Cada uma com um significado difuso, mas sendo breve serão:

- o 1 - tinha como objetivo caçar seres humanos e venderem como escravos para os senhores de engenho.
- o 2 - combaterem quilombolas.
- o 3 - finalidade era o comércio de mercadorias e víveres.
- o 4 - os participantes tinham como intuito achar metais ou pedras preciosas.

A atividade terminou depois da explicação do conteúdo para os estudantes.

Objeto de Aprendizado (PPGHI)

Introdução

Desenvolvimento

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Atividade 4

Atividade 5

Atividade 6

Atividade 7

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Atividade 4

Menu

BANDEIRANTES:

A pecuária, as missões jesuíticas e o bandeirantismo foram as principais formas de interiorização portuguesa no continente. Focaremos aqui na participação bandeirante, sendo resultado da pesquisa escrita no PPGHI. Daremos importância às outras duas formas de expansão portuguesa, porém com mais foco nos bandeirantes. O professor poderá iniciar uma discussão com os alunos sobre o que eles conhecem sobre os bandeirantes. Trazendo exemplos atuais, os alunos possam imaginar e lembrar das estátuas dos bandeirantes. São inúmeros exemplos que podemos utilizar antes de aplicar a matéria, ficando livre para escolher. Abaixo elencamos algumas perguntas orais que possam ser feitas em sala de aula:

Pergunta 1: turma, alguém aqui já ouviu falar dos bandeirantes?

Pergunta 2: pessoal! Vocês já encontraram alguma estátua de um homem grande perto de uma rodovia?

Pergunta 3: galerinha, alguém aqui já fez alguma trilha no meio da mata?

Levamos em consideração o contexto específicos que os alunos estão inseridos, dentro do sul de Minas Gerais. A presença de estátuas dos bandeirantes é comum. Um exemplo é a estátua do bandeirante Fernão Dias localizada na rodovia Fernão Dias – BR 381 – Trevo de Pouso Alegre-MG. Abaixo temos uma imagem dela:



Levamos em consideração o contexto específicos que os alunos estão inseridos, dentro do sul de Minas Gerais. A presença de estátuas dos bandeirantes é comum. Um exemplo é a estátua do bandeirante Fernão Dias localizada na rodovia Fernão Dias – BR 381 – Trevo de Pouso Alegre-MG. Abaixo temos uma imagem dela:



Imagem 10: estátua do bandeirante Fernão Dias.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Com aproximadamente 20 metros de altura, a estátua está às margens da rodovia com mesmo nome. Foi tombada pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Cultural de Pouso Alegre em 1999. Decreto Municipal nº 2348/99 (MINAS GERAIS, 2021, p. 4). Os alunos têm fácil acesso na rodovia, então vira ponto de referência para utilizarem a imagem quando perguntado sobre os bandeirantes. Ficou evidente que os alunos desconhecem mais a fundo sobre os bandeirantes. Não há a obrigação de criticarmos por isso, porque é papel do professor explicar sobre quem são. Foi

PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Teste seus conhecimentos:

O principal local que os bandeirantes saíam era a capitania de São Vicente.

Verdadeiro Falso

O Tropeirismo foi um das formas de interiorização do território português na América.

Verdadeiro Falso

As missões jesuíticas foram formas dos membros da companhia de Jesus catequizarem os índios.

Verdadeiro Falso

Os engenhos de açúcar eram redutos das mais várias formas de lutas contra a escravização.

Verdadeiro Falso

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Após as leituras dos textos, o estudante definiu alguns pontos importantes para a constituição do seu mapa. Ele levou em consideração que a vila de São Vicente está no território português, sendo um dos principais locais iniciais das bandeiras paulistas. Dentro do caminho percorrido, o aluno colocou que os caminhos bandeirantes iam além tratado de Tordesilhas, condizente aos itinerários. As missões religiosas foram espaços jesuítos que corriqueiramente estão a oeste da divisão entre coroas ibéricas. A pecuária teve percursos de norte a sul são representados por pontos tracejados na imagem. O estudante iniciou na região dos engenhos comumente referida ao nordeste, recordado ao ciclo do açúcar na econômica colonial. Na próxima imagem, um estudante do 7º ano fez de maneira satisfatória o mapa da expansão portuguesa:



The map is titled 'Tratado de Tordesilhas' and shows a vertical line representing the Tordesilhas line. To the east of the line is the region of São Vicente. A horizontal line represents the Tropic of Capricorn. Yellow rectangles represent Jesuit Missions, and blue squares represent Engenhos. A dashed line indicates the path of the bandeirantes.

Imagem 13: interiorização do território.
 Fonte: acervo pessoal do autor.

Nas duas imagens os percursos percorridos por bandeirantes, as missões religiosas e o Estado de Minas Gerais hoje, são equivalentes a ideia de mapa atual. Um fato que encontramos nas representações são de algumas distorções geográficas feitas pelos alunos. Depois que os alunos coloriram os mapas, foi recolhido para ficar guardado com o professor as obras.

00:00 02:54

PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Teste seus conhecimentos:

O principal local que os bandeirantes saíam era a capitania de São Vicente.

Verdadeiro Falso

O Tropicismo foi um das formas de interiorização do território português na América.

Verdadeiro Falso

As missões jesuíticas foram formas dos membros da companhia de Jesus catequizarem os índios.

Caique Projeto

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

- Atividade 1
- Atividade 2
- Atividade 3
- Atividade 4
- Atividade 5**
- Atividade 6
- Atividade 7
- Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Atividade 5

APLICAÇÃO DA MATÉRIA ESCRITA:

Nessa atividade foi condicionado um conteúdo escrito no quadro da escola. Todas as escolas públicas e até outras repartições apresentam esse quadro. Os alunos gostam que o professor trabalhe de formas diferentes os conteúdos da disciplina para não ficar maçante. Dentro da perspectiva dos alunos, passar conteúdo escrito na lousa é uma forma deles conseguirem participar ativamente da aula. Passar o conteúdo escrito, não é apenas dar textos grandes ou resumos. Há a necessidade de esquematizar conteúdos para alunos que estão em grande parte encontrando o tema pela primeira vez. Abaixo a imagem sobre a aplicação na lousa do conteúdo:

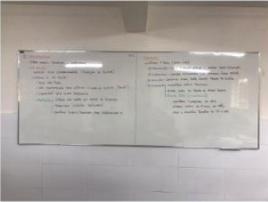


Imagem 11: matéria escrita no quadro sobre os bandeirantes

Fontes

00:00 01:17

Trecho:

É provável que este último fator tenha sido determinante do fim das grandes expedições contra os povos guarani. Pouco acostumados à derrota, os paulistas encararam reveses significativos na província do Uruguai. Em 1638, guerreiros guarani trucidaram dezessete sertanistas de São Paulo e tomaram outros dezessete cativos, no rechaço da expedição de Pedro Leite Pais (irmão de Fernão Dias) em Caçapaguçu. A derrota mais contundente, no entanto, ocorreu em 1641, quando a vultosa bandeira de Jerônimo Pedroso de Barros esbarrou na resistência indígena em Mbororé. Segundo uma testemunha ocular jesuítica, 130 canoas, carregadas de trezentos paulistas e seiscentos Tupi, abordaram um arraial de jesuítas e índios situado às margens do rio Mbororé, tributário do Uruguai. Após uma feroz batalha aquática e terrestre, os paulistas tiveram que bater em retirada. Derrotadas no campo militar, a expedição foi aniquilada de vez pela fome e pelas doenças, o que, para o triunfante escritor jesuíta, proporcionou um castigo merecido. No ano seguinte, para ressaltar o simbolismo de tão importante evento, os índios de Mbororé regalaram um vistador jesuíta com uma peça de teatro na qual era reconstituída a heroica vitória contra os "lusitanos". Ainda que algumas poucas e isoladas expedições tenham voltado ao território guarani, o "desastre" de Mbororé marcou o fim de uma época. (MONTEIRO, 2022, p. 94).

00:00 01:43

O texto acima é referente a batalha de Mbororé, ocorrida em 1641, entre nativos do continente contra os bandeirantes. Esse relato é importante trazermos para os estudantes entenderem quais as relações na colônia. A relação foi muito mais do que subordinação dos brancos perante os índios. Houve disputas beligerantes entre várias camadas sociais, por vezes a vitória estava ao lado dos atacados. Com o trecho do livro há a possibilidade de trabalharmos com os alunos várias perspectivas. Veremos abaixo nas 5 perguntas que os estudantes tiveram que responder:

Com base nos estudos até aqui, quem são os bandeirantes?

00:00 02:20

PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Teste seus conhecimentos:

As principais bandeiras eram: apresamento, defesa da colônia, sertanismo e canções.

Verdadeiro Falso

Os principais objetivos dos bandeirantes eram a caça de espanhóis e o conflito armado contra eles para defender Portugal.

Verdadeiro Falso

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Atividade 4

Atividade 5

Atividade 6

Atividade 7

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Atividade 6

ENGENHOS, PECUÁRIA, MISSÕES JESUÍTICAS E BANDEIRAS:

Nessa atividade, ficou expresso para os alunos fazerem um desenho através do conteúdo aprendido. As atividades anteriores foram fundamentais para que os alunos produzissem de maneira eficaz os registros da expansão e participação dos colonos portugueses além tratado de Tordesilhas. Os textos e conteúdo trabalhados com os estudantes, abrem a disponibilidade dos outros aspectos expansionistas das possessões portuguesas aonde animais eram criados e percorriam trechos, comandados por vaqueiros e tropeiros, tronaram-se vilas. A presença de jesuítas enviados pela companhia de Jesus para catequizarem os nativos, construindo missões religiosas além tratado, possibilitou o aumento do território português na América. Essas três maneiras de interiorização, são trabalhadas nessa atividade. Os alunos fariam um mapa representando essas expansões coloniais, rumo ao interior do continente. Já foi trabalhado com as turmas, em outro capítulo, a economia açucareira no nordeste brasileiro e o mercado de negros escravizados pelo atlântico. Os alunos fizeram mapas com colocando as formas de povoamento do território na América com base nos textos lidos e a matéria estudada. Abaixo temos um dos desenhos:



Anterior Seguinte

Caique Projeto

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Atividade 4

Atividade 5

Atividade 6

Atividade 7

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Atividade 7

Menu

BANDEIRANTES E A HISTORIOGRAFIA:

Os alunos nesse percurso, encontraram-se com textos trabalhando sobre as perspectivas dos bandeirantes. A idealização que foram supostos heróis foi construída através do passar do tempo. Há relatos de historiadores desconstruindo uma visão hegemônica dos fatos. Adaptar outras obras para os estudantes, fornece outras visões de quem fabrica a História. Trouxe um trecho do livro *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo (2022)* do historiador John Manuel Monteiro. O historiador trabalha com a realidade que viviam os colonos da capitania de São Vicente no período colonial, com um novo olhar sobre as perspectivas dos nativos, colonos e negros. O intuito aqui era ir além do material disponibilizado pela escola, dar espaço para mais um olhar que pode favorecer a discussão em sala de aula. O trecho retrata três camadas sociais: bandeirantes, índios e jesuítas; envolvidos em uma disputa que marcou o século XVI e XVII. O relato foi constituído de maneira que o leitor perceba que houve resistência na tentativa de escravização. Há a impressão em folha de sulfite, entregue aos estudantes para lerem e responderem perguntas que foram passadas comumente.

00:00 01:17

Trecho:

É provável que este último fator tenha sido determinante do fim das grandes expedições contra os povos guarani. Pouco acostumados à derrota, os paulistas encararam reveses significativos na província do Uruaui. Em 1636, guerreiros guarani trucidaram dezessete sertanistas de São Paulo e tomaram outros

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

trabalhado com as turmas, em outro capítulo, a economia açucareira no nordeste brasileiro e o mercado de negros escravizados pelo atlântico. Os alunos fizeram mapas com colocando as formas de povoamento do território na América com base nos textos lidos e a matéria estudada. Abaixo temos um dos desenhos:

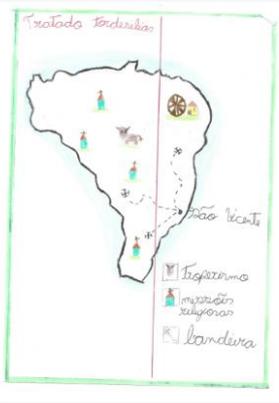


Imagem 12: interiorização do território.

Fonte: acervo pessoal do autor.

PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO:

Teste seus conhecimentos:

O principal local que os bandeirantes saiam era a capitania de São Vicente.

Verdadeiro Falso

O Tropeirismo foi um das formas de interiorização do território português na América.

Verdadeiro Falso

As missões jesuítas foram formas dos membros da companhia de Jesus catequizarem os índios.

Verdadeiro Falso

Os engenhos de açúcar eram redutos das mais várias formas de lutas contra a escravização.

Verdadeiro Falso

CC BY-SA Sob licença Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0

Objeto de Aprendizado (PPGHI)

Introdução

Desenvolvimento

Atividade 1

Atividade 2

Atividade 3

Atividade 4

Atividade 5

Atividade 6

Atividade 7

Atividade 8

Considerações Finais

Fontes

Atividade 8 Menu

ANÁLISE:

Na Atividade 8, será um levantamento dos lados negativos e positivos para a execução do tema proposto que é a expansão do império português na América. Já que foi a primeira vez que elaborei dentro de sala essa proposta, graças aos estudos e a iniciativa que tive no Programa de Pós-Graduação em História Ibérica de elaborar uma nova forma ou encaixa-se de forma científica e construir uma investigação de novas abordagens em sala de aula. Esse panorama final da aplicação do conteúdo em sala de aula será exposto apenas aqui, para cargo de diálogo com futuros professores que interessam em utilizar essas abordagens em sala de aula.

O balanço final é necessário para podermos policiarmos sobre eventuais futuras abordagens que serão feitas nas turmas, já que erros e acertos cometidos são comumente aceitos para desenvolver melhorias. As atividades foram feitas em sala de aula, respeitando os 50 minutos reservados para condução dela. Durante 7 aulas que dá aproximadamente 3 semanas, sendo feitas e elaboradas para serem aplicadas na escola para alunos do 7º ano ensino Fundamental II. Fica difícil recomendarmos outros professores usarem ortodoxamente o conteúdo em outras turmas, já que a temática é utilizada apenas no Ano que foi testado, respeitando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Se por ventura o professor gostar, ele facilmente pode modificar dados da proposta aqui e aplicar em outras turmas, até em outras matérias, porém é importante esclarecer que essa foi a primeira vez que fizemos essa atividade. Os pontos negativos após o término das atividades, é a falta de interesse às vezes em terminar de forma mais ativa as atividades, porque houve carência de animo por parte de poucos alunos, tendo que terminarem em casa os mapas. Também ficou marcado a indisciplina por parte de alguns estudantes que mesmo com a avaliação de pontos em participação, não quiseram dedicar-se ao bastante para fazerem as tarefas pedidas. O professor tem que intervir para condução tranquila das atividades, porque são adolescentes e a idade ajuda a "explodirem" de energia.

Caique Projeto
Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGHI)

Introdução

Desenvolvimento

Considerações Finais

Panorama - Atividade 1

Panorama - Atividade 2

Panorama - Atividade 3

Panorama - Atividade 4

Panorama - Atividade 5

Panorama - Atividade 6

Panorama - Atividade 7

Fontes

Considerações Finais Menu

CONTROLE:

Nas considerações finais, optamos em registrar alguns entraves e causalidades positivas. Após terminarem as atividades, registramos os balanços em arquivos pessoais. As atividades são maneiras que aplicamos conteúdo programado. Sempre surgiram elementos inusitados em sala, sendo assim descrevemos em conteúdo pessoal do professor. Abaixo foram os respectivos panoramas registrados.

00:00 00:28

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilhada Igual 4.0](#)

Anterior
Seguinte

alunos. Selecionei algumas respostas pertinentes que deixam muito a entender a percepção dos estudantes. É importante deixar claro que as respostas foram feitas pelos alunos. As mesmas respostas foram digitadas pelo professor, sendo uma maneira simples de registrar os fatos. Após respondidas pelos alunos, houve o diálogo e a interação das respostas entre o professor e os alunos. Na grande maioria da aula, existiu bom aproveitamento da roda de conversa. Os estudantes conseguiram assimilar que uma relação de poder, há mais de duas classes envolvidas e que não é apenas o de dominado e dominador. Abrindo espaço para entendermos que os sujeitos na colônia portuguesa, estavam interligados com disputas ideológicas, religiosas, econômicas e territoriais; um verdadeiro caldeirão de características humanas. Depois de recolhida as folhas, corriji elas em casa e apliquei como nota de participação em sala.

00:00 03:34

PERGUNTAS DE VERDADEIRO E FALSO.

Teste seus conhecimentos.

Havia vários conflitos armados na colônia portuguesa.

Verdadeiro Falso

Os nativos tinham disputas armadas contra os bandeirantes para resistirem à escravidão.

Verdadeiro Falso

Caique Projeto Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Considerações Finais

Panorama - Atividade 1

Panorama - Atividade 2

Panorama - Atividade 3

Panorama - Atividade 4

Panorama - Atividade 5

Panorama - Atividade 6

Panorama - Atividade 7

Fontes

Menu

Panorama - Atividade 1

BALANÇO DA ATIVIDADE:

Como critério de distribuição de pontos, levei em consideração não apenas o mapa em si, mas como os alunos comportaram-se em sala de aula; não fazer baderna, respeitar o próximo, atender aos pedidos do professor, companheirismo com os colegas de sala e respeitando as normas vigentes da escola. De forma geral, nessa Atividade 1, o resultado foi muito positivo. As anotações foram feitas em uma folha separada e apenas que o professor tem acesso. Essas anotações foram registrados de como foi conduzida a aula. Há a necessidade de ter escrito de como foi a locomoção da aula, porque de acordo que o tempo passa, surgem imprevistos e desafios que podem ser esquecidos facilmente. Em suma, na Atividade 1, houve bom aproveitamento, já que os alunos tiveram aceitação elevada e assim cooperando entre eles para desempenharem um papel fundamental na constituição do saber. O lado negativo foi relatado acima, como o principal entrave foi a falta de comprometimento de alguns que estavam importando-se apenas com os pontos de participação, não desempenharem um desenho apropriado para a realidade total. Porém, esses alunos que "desacreditaram" do próprio potencial foi um parcela ínfima.

00:00 01:23

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Caique Projeto Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Considerações Finais

Panorama - Atividade 1

Panorama - Atividade 2

Panorama - Atividade 3

Panorama - Atividade 4

Panorama - Atividade 5

Panorama - Atividade 6

Panorama - Atividade 7

Fontes

Menu

Panorama - Atividade 2

BALANÇO DA ATIVIDADE:

O objetivo central dessa atividade é fazer que os alunos percebam o tamanho desconunal que era as viagens para os portugueses em alto mar, já que muitos perdiam suas vidas nesses trajetos que chegava a durar anos. Essas campanhas eram verdadeiras epopeias nos oceanos, seja pelo momento, caminhos desconhecidos, sujeitos a reveses dos mares, etc. Trazer os olhares de uma viagem expansionista, chegando no Brasil, pode favorecer a compreensão dos estudantes que os portugueses tinham na época, movidos por riquezas terrentas, uma continuidade em levarem a palavra de Deus e por fim, aumentado as possessões portuguesas.

00:00 00:45

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Anterior Seguinte

00:00 01:43

O texto acima é referente a batalha de Mbororé, ocorrida em 1641, entre nativos do continente contra os bandeirantes. Esse relato é importante trazermos para os estudantes entenderem quais as relações na colônia. A relação foi muito mais do que subordinação dos brancos perante os índios. Houve disputas beligerantes entre várias camadas sociais, por vezes a vitória estava ao lado dos atacados. Com o trecho do livro há a possibilidade de trabalharmos com os alunos várias perspectivas. Veremos abaixo nas 5 perguntas que os estudantes tiveram que responder:

Com base nos estudos até aqui, quem são os bandeirantes?

No texto lido, quais são as causas das mortes dos colonos?

Por que os bandeirantes atacaram os povos indígenas?

Quais grupos ou pessoas estão citadas no texto?

Qual é a conclusão que você tira da leitura?

As perguntas foram maneiras importantes para entenderem mais a fundo os conflitos e os habitantes estavam envolvidos. É difícil desconstruir na mente do senso comum que o processo colonizador português foi sereno. Trazer a realidade de disputas que os nativos saíram-se vitoriosos, poderá deixar mais evidente que não é apenas o dominador que detém a hegemonia militar. Pedi para os estudantes identificarem-se com a escrita dos seus nomes e respondessem no verso da folha de sulfite as perguntas. Não irei deixar todas as respostas aqui, devido a quantidade de alunos. Seleccionei algumas respostas pertinentes que deixam muito a entender a percepção dos estudantes. É importante deixar claro que as respostas foram feitas pelos alunos. As mesmas respostas foram digitadas pelo professor, sendo uma maneira simples de registrar os fatos. Após respondidas pelos alunos, houve o diálogo e a interação das respostas entre o professor e os alunos. Na grande maioria da aula, existiu bom aproveitamento da roda

Caique Projeto Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGHI)
 Introdução
 Desenvolvimento
 Considerações Finais

Panorama - Atividade 1
 Panorama - Atividade 2
Panorama - Atividade 3
 Panorama - Atividade 4
 Panorama - Atividade 5
 Panorama - Atividade 6
 Panorama - Atividade 7
 Fontes

Panorama - Atividade 3 Menu

BALANÇO DA ATIVIDADE:

Os estudantes comportaram-se mais que o previsto nessa atividade. Houve a necessidade deles encontrarem a localização geográfica dos municípios da legenda em outros mapas. Alguns mapas-múndi em sala de aula foram fontes para os estudantes. Houve a chamada de atenção por parte do professor apenas para manterem o volume baixo das conversas.

00:00 00:24

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Anterior Seguinte

Caique Projeto Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGHI)
 Introdução
 Desenvolvimento
 Considerações Finais

Panorama - Atividade 1
 Panorama - Atividade 2
 Panorama - Atividade 3
Panorama - Atividade 4
 Panorama - Atividade 5
 Panorama - Atividade 6
 Panorama - Atividade 7
 Fontes

Panorama - Atividade 4 Menu

BALANÇO DA ATIVIDADE:

Assim, dentro dessas perguntas, o professor poderá abrir a conversa do tema com os estudantes. Claro, que temos que tentar ao máximo possível manter a ordem que eles participam. Uma maneira que achei condizente com a ação, é apontar para o aluno que irá falar sobre o tema. Fato marcante que uns levam mais segundos e outros são breves nas respostas das perguntas elaboradas a primeiro momento.

Não excludo de forma alguma os que não quiseram falar, já que são vários motivos que os que não disseram alguma resposta, muitas vezes sente-se tímidos ou não tiveram na experiência de vida momentos compactuados com as questões feitas pelo professor. Dessa forma no andar da matéria, os estudantes são agraciados com os livros didáticos, e há a necessidade do professor trabalhar a leitura com eles. E aproveitamos o interesse da maioria da sala em participar das perguntas e respostas para dar continuidade ao conteúdo. Um forma que grande parte dos alunos aceitam, é que cada estudante leia 1 ou 2 parágrafos do tema na apostila ou no livro didático da matéria. Conseguimos sintonizar o interesse deles na leitura, forma habitual que o conteúdo histórico é transferido para os estudantes. Não descartado que uns apresenta maior facilidade que outros na leitura.

00:00 01:25

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Caique Projeto Anterior Seguinte

Objeto de Aprendizado (PPGHI)
 Introdução
 Desenvolvimento
 Considerações Finais

Panorama - Atividade 1
 Panorama - Atividade 2
 Panorama - Atividade 3
 Panorama - Atividade 4
Panorama - Atividade 5
 Panorama - Atividade 6
 Panorama - Atividade 7
 Fontes

Panorama - Atividade 5 Menu

BALANÇO DA ATIVIDADE:

Conseguimos de maneira concreta atender todos os estudantes, já que eles copiaram a matéria do quadro. Teve que haver o esclarecimento que esse conteúdo é matéria de prova, para incentivar mais eles copiarem o conteúdo. Deve ter a compreensão do professor que os estudantes falem durante a aula, ai que há a necessidade da intervenção do educador e cortar as conversas paralelas.

00:00 00:25

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Anterior Seguinte

Caique Projeto

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Considerações Finais

Panorama - Atividade 1

Panorama - Atividade 2

Panorama - Atividade 3

Panorama - Atividade 4

Panorama - Atividade 5

Panorama - Atividade 6

Panorama - Atividade 7

Fontes

Panorama - Atividade 6

BALANÇO DA ATIVIDADE:

Como não existia obrigatoriedade de realizarem um desenho fiel a realidade, foi expresso que deveria conter a interiorização dos colonos através do tropeirismo, missões religiosas e as bandeiras no mapa. A perspectiva da região que teve vasto cultivo da cana-de-açúcar foi representada adequadamente. Fato marcante que os estudantes participaram ativamente e empenharam-se ao máximo para conseguirem reproduzir de forma similar os exemplos que eles tinham em mãos, que serviram de fontes, como o livro didático e a matéria escrita no caderno. A maioria dos alunos fizeram os desenhos e poucos não dedicaram-se ao bastante. O número foi satisfatório, porque quase todos os desenhos recolhidos apresentavam as formas de interiorização, territórios concedidos a Espanha e Portugal e por fim, o Estado que estamos, Minas Gerais, de maneira convincente.

00:00 00:55

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Anterior Seguinte

Caique Projeto

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Considerações Finais

Panorama - Atividade 1

Panorama - Atividade 2

Panorama - Atividade 3

Panorama - Atividade 4

Panorama - Atividade 5

Panorama - Atividade 6

Panorama - Atividade 7

Fontes

Panorama - Atividade 7

BALANÇO DA ATIVIDADE:

A atividade abriu espaço para entendermos que os sujeitos na colônia portuguesa, estavam interligados com disputas ideológicas, religiosas, econômicas e territoriais; um verdadeiro caldeirão de características humanas. Nas respostas, conseguimos perceber atentamente que os estudantes assimilaram a visão de confrontação entre as três classes sociais, já que os jesuítas estiveram em embates jurídicos de apresamento das novas almas cristãs pelos bandeirantes. Essa percepção beligerante traz alusão que a animosidade era presente entre esses habitantes na América.

A atividade foi bem aceita pelos estudantes em grande parcela deles, já que saíram do comum, que era a utilização do livro didático, apostila ou desenhos que vinham sendo feitos ao longo do trajeto. Ao momento que entreguei a atividade para fazerem, deixei claro que iria avaliar as respostas e que nelas, não poderiam ferir os direitos humanos de qualquer população, etnia ou classe social. Apenas a averiguação dos fatos e seriam necessários na escrita de cada estudante.

Os alunos optaram em dialogar entre eles algumas respostas, e isso é bom; abrindo caminho para o diálogo e amplia a visão de mundo dos estudantes. A necessidade de terem conversas com o professor (não registradas em papel), para sanar algumas dúvidas que surgissem no momento da leitura, foi constante, já que os alunos não têm total conhecimento da matéria estudada. Cabe ao professor tentar elucidar a mente dos jovens.

00:00 01:35

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Anterior Seguinte

Caique Projeto

Objeto de Aprendizado (PPGH)

Introdução

Desenvolvimento

Considerações Finais

Fontes

Fontes

FONTES:

CAMPOS, CLARO & DOLHNIKOFF, Flavio, Regina & Miriam. História, Escola e Democracia. 1ª Edição, São Paulo, Editora Moderna, 2018.

MINAS GERAIS. 8ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais. Caminhos do Patrimônio: Contemporaneidade e Novos Horizontes. 2021. Disponível em: <https://pousoalegre.mg.gov.br/imagens/image/noticias/Bens%20Tombados%20Pouso%20Alegre.pdf>. Acesso em: 27/10/2023.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. 2ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

Anterior